

# Diário de Lisboa

FUNDADO EM 1921 ANO 70 Nº 23337

DIRECTOR ANTÓNIO RUELLA RAMOS

TERÇA-FEIRA 2 OUTUBRO 90 70\$00

*A partir da meia-noite*

## Deutschland über alles

Duas vezes, neste século, pareceu vingar o hino alemão, «Deutschland über alles» (A Alemanha acima de tudo). Duas vezes foi engano.

A primeira, acontecida na sangueira das trincheiras de Verdun. A segunda, na própria terra «sagrada» de Berlim.

*Amanhã a Europa será diferente. Milhões de novos germanos vão poder cantar, com renovada propriedade, o seu hino «Deutschland über alles». Que o façam pela paz na Europa.*

Ao bater da meia noite de hoje, hora alemã, de novo se levantará o canto vigoroso do «Deutschland über alles», de má memória para muitos.

A economia e a segurança europeias estão obrigadas a ouvir essa nova voz. A unificação acontece nas vésperas da provável assinatura de um novo tratado sobre a

diminuição das forças convencionais na Europa. Um ministro da República Democrática Alemã, a poucas horas de deixar de representar um país soberano e independente, disse que começa agora «uma nova era da paz europeia». Que os deuses o oiçam!

Pág. 9

*Dezenas de mortos na China*

## Bomba em avião desviado

Mais de 90 pessoas morreram hoje quando uma bomba explodiu no avião em que seguiam, em Cantão. O aparelho, das linhas aéreas internas chinesas, havia sido desviado.

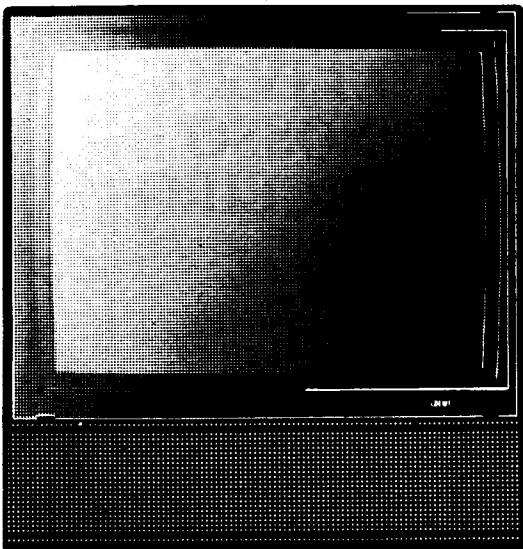
Pág. 8



### Delgado marechal

Pág. 6

Os televisores da nova «Art» Digital



LOEWE.

Representante em Portugal:

SOC. DE REP. SANTOS, GUIMARÃES & OLIVEIRA S.A.  
Porto ☎ 9 51 50 03 • Lisboa ☎ 77 78 24



Rui Vasco

**CGTP: 20 anos** Recordando o passado, a Intersindical falou no futuro, ontem, na festa-comício com que encerrou as comemorações do seu 20º aniversário. Se os objectivos a alcançar agora são diferentes daqueles por que lutou desde o seu nascimento, um fio condutor a mantém, segundo diz, fiel aos princípios: a defesa dos trabalhadores. Com canções e diaporamas, a central avivou a memória dos presentes sobre o fascismo e a luta para o combater; os sindicatos corporativos e os sindicalistas da oposição ao regime; as manifestações reprimidas e as prisões políticas. O 25 de Abril chegou, e com ele as conquistas dos trabalhadores impressas na lei. Sobre o futuro falou Carvalho da Silva, que vemos na foto a usar a palavra.

Págs. 11 e 12

*Amanhã em cinco frentes*

## Futebol português faz contas com a Europa

O futebol português, a nível de clubes está amanhã em cinco palcos. Porto na Irlanda do Norte, Amadora na Suíça, Sporting na Bélgica e, por cá, Guimarães recebendo os turcos e, Benfica e Roma esgrimindo no Estádio da Luz. Reportagem na pág. 17 com o patrocínio de



**Governo critica visitas de deputados**  
Pág. 4

**Cardoso e Cunha contra-ataca**  
Pág. 5

**O outro Marx faz 100 anos**  
Págs. 14 e 15

**Lotaria Popular**  
1.º 304 923  
2.º 402 761  
3.º 153 199  
4.º 449 292

**Hoje Suplemento de Economia**



PORTE PAGO

À pala fundamental do Latim herdámos termos e expressões vindos de todo o Globo

# A longa e confusa caminhada da língua portuguesa

No muito longínquo ano de 882, uma série de importantes personagens da época, que precede de quase 300 anos o nascimento de Portugal, assinava um documento a criar a igreja de Lourosa. Julgando escrever latim, o padre Godinho, que o passou a letra de forma, escrevia já português. Sem o saber, redigiu o que hoje se considera a «certidão de baptismo» da língua portuguesa.

Boa parte do documento vem alinhavada em aceitável latim, mas um lapso aqui, outro mais adiante, explicam que o português era já bem vivo entre a população, embora o conservadorismo próprio das documentações oficiais exigisse que estas fossem lavradas na língua dos já desaparecidos invasores romanos.

O prebístico Godinho escreve, por exemplo, *damus ipsa uilla* em lugar de *donamus* e sente a exigência muito portuguesa de aplicar sempre o sujeito da oração, que um bom erudito latino dispensaria: *que nos fundamus*. Escreve *montes* e *fontes* exactamente como o fariamos hoje e, a provar a sua origem minhota, grafa *serbus* por *servus*, numa troca do v pelo b, ainda hoje perfeitamente característica.

Da língua (provavelmente línguas, embora aparentadas) que se falavam aqui onde hoje é Portugal pouco se sabe antes de se extinguirem obscuramente frente à força das armas e o peso da superior cultura ocupante. De qualquer maneira, ou porque aos romanos faltassem as expressões equivalentes ou porque o hábito assim o exigisse, um número considerável de termos conseguiu sobreviver.

Os conceitos topográficos:



*barranco, lapa, pala (caverna), morro, moula, várzea, veiga* os nomes das espécies vegetais espontâneas: *tojo, carrasco, chaparro, mato*; certas noções de um ambiente rústico: *seara, bezerro, bruxa*, ou, ainda, *cabana, cama, sarna, arroio, páramo, esquerdo*.

Algumas destas palavras têm evidente ascendência celta e de vários idiomas anónimos, mas seguramente indo-europeus; outras sugerem identificações possíveis com o basco, ou com um quase não reconhecível substrato mediterrânico.

«Todas estas vozes, sobre-

viventes de um grande naufrágio, testemunham migrações e infiltrações, em tempos pré-históricos, de povos e raças de que mal reza a história», como escreveu Joseph-Maria Piel.

## O sarro da língua

No entanto, o português de hoje é uma consequência da invasão romana. Em boa verdade se pode dizer que continuamos a falar e a escrever latim... com os ajustamentos devidos ao tempo que vai passando.

Mas que latim? Como se sabe, em Roma usavam-se

praticamente duas formas de linguagem sociologicamente condicionadas: um latim conservador-literário, o outro progressivo-popular. É basicamente a este último que se deve a paternidade do português (dizemos boca, de *bucca*, e deixamos *oris* para pretensiosas expressões que o povo desconhece: a oratória, a oralidade, o oráculo. E a verdade é que as duas palavras significam exactamente a mesma coisa).

Só que, no seu tempo, o latim era igualmente uma língua viva, capaz, portanto,

de absorver elementos estranhos de fora da península itálica, onde se tornara relativamente homogênea e nivelada. Na altura da conquista da Hispânia, o latim era já quase «uma manta de retalhos» das línguas chamadas mediterrânicas, do etrusco e, principalmente, do grego. Logo a seguir, admitiria inúmeros vocábulos dos povos submetidos, celtas, ibéricos, germânicos. O que explica que, na altura da queda do Império, dando origem aos dialectos românicos, o léxico con-

tivesse já um conjunto de palavras, em que o elemento genuinamente itálico representava apenas uma parte, embora a mais importante.

Além disso, os «professores» de latim eram geralmente os soldados e destes a maioria não era romana, muitas vezes nem mesmo itálica. A VII Legião, que ocupou o Norte de Portugal, era, por exemplo, panónia (isto é: húngara, como diríamos hoje) e pode imaginar-se o latim que esses soldadinhos falariam e que transmitiram aos povos aqui residentes.

## O elemento germânico

Roma poucas palavras tinha ido buscar aos dialectos germânicos. *Carpa* e *coifa* são dos poucos exemplos, mas as coisas mudaram quando o Império se desmorona e são os bárbaros quem passa a comandar na Europa. Os visigodos (vindos, de resto inicialmente para auxiliar os romanos contra os restantes povos germânicos) deixaram no português essencialmente termos militares, jurídicos e os referentes a objectos caseiros. Não muitos, como: *aleive, bando, espeto, esporra, espia, escanção, luva, roca, ufano, arrear*. Na Idade Média, por via dos galicismos que sempre se empenharam na história do português, iríamos receber novos elementos germânicos: *elmo, guerra, guardar, guarnecer, jardim, rico, sala, trégua, venda*, etc.

## O reino dos arabismos

A invasão árabe iria contribuir muito mais substancialmente para o léxico português do que a germânica. No entanto, essa contribuição limita-se praticamente a substantivos, sendo quase inexistentes expres-

## E que português fala você?

No princípio do século os puristas preocupavam-se com a introdução de galicismos no nosso linguajar. Com o final da Segunda Guerra Mundial, a cultura francesa perdeu o pé e afundou-se num melancólico recordar dos bons velhos tempos. Veio, logicamente, ocupar-lhe o lugar o inglês, não pelas capacidades literárias do já velho Shakespeare ou do mais recente T.S. Elliot, mas pelas habilidades técnicas dos srs. Henry Ford ou T. A. Edison, pelas fortunas acumuladas dos Rockefeller ou Vanderbilt, pelos êxitos comerciais de Hollywood.

Já em 1902 o notável linguista Cândido de Figueiredo começava a preocupar-se:

«Depois da França — escrevia — tem sido a Inglaterra, por motivos de fácil intuição, a nação que mais nos tem brindado com productos do seu vocabulário, a trôco dos nossos bois, das

nossas laranjas (esqueceu-se do nosso indispensável porto) e da nossa velha amizade, nem sempre cordial, mas sempre muito proclamada em jantares de gala, em notas diplomáticas e em discursos da Corôa. Verdade é que a nossa amizade, cordial ou estomacal, e as nossas frutas e a nossa vaca valem um pouco mais que os anglicismos da nossa linguagem pedestre. Inda assim, não são elles tão dispiciendos que não valha a pena passar-lhes revista e dispensar de serviço os que nos paracem aleijados, disformes ou incapazes de fazer caminho, acamaradados com a nossa fidalga e valorosa milícia». Se ainda fosse vivo, Cândido de Figueiredo teria de exaurir-se a «passar revista» aos anglicismos que hoje todos utilizamos no dia a dia.

O fenómeno atinge praticamente todos os sectores da vida quotidiana e faz sentir as suas repercussões em

domínios tão diversificados como a actividade turística e o comércio (*cash and carry, charter, free-shop, rent-a-car, self-service, shopping center, stock*), na alimentação e na hotelaria (*grill, hamburger, ketchup, motel, pub, snack*), na higiene e na cosmética (*aftershave, spray, health club*), na terminologia económica (*clearing, holding, leasing, marketing, timing, trust*), na investigação científica (*big bang, boom, check-up, pacemaker, stress*), na prática jurídica e política (*copyright, establishment, lobby, royalties*), na tecnologia (*bit, byte, caterpillar, clip, design, disk, drive, hardware, zoom*).

Estas são palavras do nosso quotidiano. Indispensáveis, quase insubstituíveis e já nada parece possível fazer-se para lhes arranjar outras formas.

Pensemos duas vezes: afinal que raio de língua é que estamos a falar?

R. A.



## GRANDE ANGULAR

sões que digam respeito a qualidades morais e outras noções abstractas. Cargos e dignidades (*alcaide, alferes*), termos militares (*arraial, alcácer, atalaia*), administrativos (*aldeia, arrabalde, alfândega, alvará*), de plantas (*arroz, algodão, alcachofra, cenoura, laranja, açúcar, alfarroba, alecrim, alfazema*), de profissões e indústrias (*alfaiate, almocreve, algoz, azenha, adobe*), de medidas (*almude, arrádel, alqueire, arroba*), de animais (*atum, alforreca, lacrau, javali*), topográficos (*albufeira, alverca, algar, algar, lezíria, recife*), artigos de luxo e musicais (*almofada, alcatifa, marfim, alfinete, adufe, rabeca, alaúde*), produtos agrícolas (*azeite, alcool, alcatrão*), pastoris (*zagal, rês*), de arquitectura (*aljube, chafariz, alvenaria*), científicos (*algarismo, álgebra, cifra*).

## Os eternos galicismos

O conde D. Henrique era borgonhês, colonos francos povoaram o país na sua época e nos séculos seguintes, a Ordem de Cluny abria escolas. Os galicismos instalavam-se.

Surgiram para ficar palavras como *granja* e *rua*, *monge* e *freira* e os romances de cavalaria iriam oferecer-nos toda uma teoria de palavras: *torneio, araut, duque, dama, cobarde, linhagem, vilanagem, mensagem, viagem*. E, ao mesmo tempo, os poetas provençais viriam a acrescentar-lhe ainda: *trovar, refrão, jogral*.

Esta situação iria continuar ao longo dos séculos. Imperando a moda francesa por centúrias, é lógico que palavras como *boné, chapéu, colete, blusa*, sejam galicismos, o mesmo acontecendo no campo da culinária, com os indispensáveis *croquetes, filetes, fricassé, puré*, e até

mesmo *restaurante*. Galicismos, entre milhares de outros, são ainda: *combóio, trem, cais, bilhete*. Isto é: só se pode viajar em francês, a menos que se vá a pé, ou de burro, à antiga portuguesa.

## De outros mundos

Os Descobrimentos trouxeram-nos, também, uma quantidade de vozes exóticas, que, a partir do século XVI, se vão infiltrando no idioma português. A Índia, por exemplo, contribuiu com *bengala, andor, pagode, chita, xaiile*; a China com *chá e chávena*; o Japão com *biombo e leque*; a África com *batuque e soba, ananaz e inhame*; o Brasil com *mandioca, tapioca*; as Antilhas com *batata, cacau e tabaco*. Isto para apresentar apenas os mais escassos dos exemplos.

## Substrato europeu

De qualquer maneira, a Europa continuou a exercer sempre uma pesada influência sobre os portugueses e o seu falar. A Itália oferecia-nos terminologia artística: *piano, contralto, ópera, balcão, fachada, aguarela, pitoresco, soneto*, mas também militar e comercial: *brigada, infantaria, banco, fiasco* e até mesmo *calção*, explicando o papel cultural e histórico que aquele país representou durante o Renascimento.

Um tanto surpreendentemente, dada a vizinhança e os permanentes contactos, o castelhano nunca conseguiu uma intromissão assinalável na língua portuguesa. A terminologia taurina, claro, deve-lhe muito, como em *ganadaria, bandarilha, muleta*; assimilamos também termos de costumes e vestuário, como *tertúlia, chiste, boina, mantilha*; e outros de campos diversos como *faina, trecho, tijolo, moçoila, hedondo* e até mesmo a palavra *castelhano*, que os nossos antigos designavam por *castelão*.

Uma longa e confusa caminhada que acabaria por produzir o português a que hoje chamamos nosso e que é de muitas e desvairadas gentes.

Roby Amorim



Fernão Lopes

## Sabe que seja um bate-chapas?

Que absurda pergunta. O bate-chapas é aquele sujeito ali da esquina que põe como novo o carro depois de um «estoiro». Será, mas para um emigrante português na Alemanha esta palavra designa a alta posição de um embaixador. É que nas recém-unidas Germânicas, aquele diplomata é designado por *botschafter*.

A diáspora portuguesa dos últimos 30 anos tem-se traduzido pela inventiva criação de fascinantes neologismos, quando não da adaptação de velhas palavras para novos significados.

Um portuguêsinho da Califórnia não terá quaisquer dificuldades em explicar que um *city hall* é a câmara municipal (city hall), que

uma dama é mesmo uma represa (*dam*), que a fama é um camponês (*farmer*), que uma estampa é um selo (*stamp*) ou que uma frigideira é um frigorífico.

Por seu lado, um emigrante radicado na Holanda entenderá que duro significa caro (*duur*), que esfera implica em ambiente (*sfeer*) e que a caixa de previdência se deve designar por Chico Afonso (*ziekenfonds*).

Em França, por seu lado, entende que a fama é a mulher (*femme*) ou que desembuchar é ser despedido do emprego (*embaucher*). A nossa velha Maria transforma-se inesperadamente em câmara (*maire*) e as primas são as horas extraordinárias (*primes*). E quanto a

valisa de cartão todos estamos inteirados...

Até mesmo aqui ao lado, em Espanha, as palavras mudam de significado. A simpática solicitude com que nos possamos atender não passa de um requerimento (*solicitud*) com que nos empesta a burocracia, enquanto pegar numa pessoas se entende por dar-lhe uma sova (*pegar*) e, misteriosamente, uma vassoura se transforma em escova (*escoba*).

Convém ainda não esquecer, se estiver entre os portugueses da África do Sul, que limão quer dizer laranja (*lemoen*) e que esta estiver já muito mole ou quase pode passar a chamar-se papa (*pap*).

São novos dialectos portu-

gueses estes falares emigrantes, como lhes chamou Eduardo Mayone Dias. Efêmeros, muito possivelmente. Escreve aquele estudioso: «O emigrante acha-se absolutamente à mercê do condicionalismo das vagas migratórias, já que, de um modo geral, pouco se transmite por linha biológica, morrendo com a segunda ou, quanto muito, terceira geração e subsistindo apenas por contiguidade, isto é, sendo continuamente aprendido e ampliado por cada vaga de recém-chegados».

Línguas efêmeras, risíveis... mas o certo é que há mais de um milhão de portugueses para quem são o falar quotidiano.

R. A.

## COMENTÁRIO

## Grave responsabilidade

O português é a quarta língua falada no mundo, depois do chinês, do inglês e do espanhol, mas antes do francês, do russo, de tantos outros idiomas carregados de pesadas tradições históricas. Como veículo cultural tem um futuro assegurado, não apenas no nosso pequeno rectângulo português, como nos países de enorme futuro que são as ex-colónias em África, no infindável Brasil.

É verdade que, por outro lado, vai morrendo em Goa e um pouco por todo o Oriente, onde imperou, pelo menos como língua comercial e onde deixou para sempre umas centenas de vocábulos. Arrisca-se dramaticamente a morrer em Timor, se não for obtida uma solução que ponha termo ao genocídio da gente maubere, que se orgulhava de falar português, tem um futuro incerto no Macau que regressa à velha China, depois de meio milénio de ocupação lusitana e onde parece preferir-se uma ostentação de obras públicas perecíveis (e discutíveis) do que uma implantação cultural que pudesse fazer perdurar uma boa memória.

Desde hoje até quinta-feira, Lisboa pode ver, em segunda edição, a Expolingua, cujo objectivo é «pôr em contacto especialistas que apresentem a língua portuguesa tal como ela tem evoluído e continuará a evoluir» nos países dos quatro continentes em que é falada, apresentando «um apanhado global de todas as culturas que utilizam o português como veículo de expressão».

Com a dignidade obtida pelo afastamento da ditadura e da independência das ex-colónias, a língua portuguesa ganhou um novo ritmo e afirma-se como um dos grandes veículos da cultura internacional.

Não lhe faltam os perigos e as ameaças: a emigração transforma a língua dos portugueses que vivem e trabalham no estrangeiro, o idioma dos Palop tende a afastar-se do de Lisboa, como já há muito tempo o vem fazendo o que se fala e escreve no Brasil. Paralelamente, formas peculiares da língua usadas em recantos do quadrilátero europeu estão em vias de desaparecimento, por via (e culpa) dos meios de comunicação social, sobretudo a Televisão e a Rádio. Toda a gente quer falar como as meninas da pequena pantalha e usar a terminologia dos avozinhos parece significar uma ruralização indigna.

São problemas dramáticos que as autoridades não parecem muito interessadas em averiguar. Mas, numa altura em que a conservação da natureza se tornou motivo de todas as conversas, por que não lançar a campanha da defesa da língua?

Num outro campo, a situação é ainda mais dramática: o das terminologias científica e técnica. O português não foi capaz de acompanhar a avalanche de novas palavras que enchem o vocabulário do nosso quotidiano, mas não figuram nos dicionários (Nas universidades suecas, pelo mesmo motivo, as aulas de ciência e técnica são dadas em inglês). E muitas dessas palavras transformaram-se em instituições, já será praticamente impossível apagá-las da nossa memória, sobretudo dos jovens, enquanto para os mais velhos são algo de inexplicável, da mesma maneira, de resto, que a tecnologia que acompanham.

Nesta hora em que os insucessos em português são os mais frequentes nas escolas, é bem a altura de rever o que queremos fazer com o idioma que Fernão Lopes, António Vieira, Camões, Bocage ou Fernando Pessoa nos deixaram.

E a responsabilidade que pesa sobre os nossos ombros é extremamente grave.



Roby Amorim

# Diário de Lisboa

Fundado em 1921  
Editado por Diário de Lisboa, S.A.

Presidente do Conselho de Administração: António Ruella Ramos.  
Administradores: Maria do Carmo Ruella Ramos, João Manuel Ruella Ramos, António Brás Monteiro e António Gomes da Costa.  
Secretário-geral: Jorge Galamba.

Director  
António Ruella Ramos

Exerceram anteriormente a Direcção:  
Joaquim Mano (1921/1956)  
Norberto Lopes (1956/1967)  
António Ruella Ramos (1967/1989)  
Mário Mesquita (1989/1990)

Chefe de Redacção  
Acácio Barradas  
Chefes de redacção-adjuntos:  
José Leite Pereira, Paulo David, Rodrigues da Silva e Rui Camacho

Redactor-principal  
João Paulo de Oliveira

Coordenadores de Secção:  
António José Teixeira,  
João Galamba de Oliveira,  
José Luís Feronha,  
Neves de Sousa e Vítor Leitão

Repórter-coordenador:  
Adelino Cardoso

Redacção e reportagem fotográfica:  
Almeida Henriques,  
Alves Henriques,  
Ana Mafalda Inácio,  
Ana Paula Sá, Augusto Vilela,  
Céu Neves, Daniel Reis,  
Dina Soares, Elsa Andrade,  
Emília Trindade, Ernesto Sampaio,  
Fernando Braderode Santos,  
F. Dias Brito, Gisela Oliveira,  
João Isidro, Jorge Ferreira,  
José Rui Cunha (Bruxelas),  
Júlio Rodrigues, Luísa Alexandra Botinas, Lurdes Faria,  
Maria Antónia Martinho,  
Maria João Martins, Maria João Rocha,  
Maria José Belo Marques,  
Marina Tavares Dias, Paulo Martins,  
Pedro Alvim, Pereira de Almeida,  
Rodrigues Borges, Rui Eduardo Paes,  
Rui Ferreira e Sousa,  
Rui Nunes e Rui Pacheco

Colaboradores permanentes da Redacção: Alessandra Balsamo,  
Francisco Paraiso, Isabel Joyce,  
Jorge Falorca e Roby Amorim.

Grafistas:  
Ribeiro da Silva (coordenador),  
Ermelinda Silva, Filipe Veríssimo e Luís Tenreiro

Pageadores:  
António Teixeira, José António Carvalho, Jorge Santos,  
Óscar Figueiredo e Ricardo Magalhães

Secretária de Direcção  
Maria Eduarda Soutello

Secretaria de Redacção:  
José Agostinho (coordenador),  
António Lima e Maria Helena Matos

Chefe de Publicidade  
Luísa Valadas

Gestor de Informática  
Luís Cantelero

Redacção, Administração, Publicidade e Serviços Técnicos: Rua Luz Soriano, 44 - 1200 Lisboa. Telef. 3474870/9 - Telegramas DIBOA - Telex 12363 DIAROP

- Telefex 3467134. Impresso na Renascença Gráfica, SA - Rua Luz Soriano, 44 - 1200 Lisboa.

Distribuído por Interpress - Rua do Norte, 115-1º - 1200 Lisboa - Telef. 322100/322204/320784. Delegação Norte: Rua Monte dos Pios, 326 - Custóias - 4450 Matosinhos - Telef. 9531566 Fax 9531023

Depósito legal nº 1426/82. Preço do jornal: no Continente, 70\$00; na Madeira, 75\$00; nos Açores, 85\$00.

## POLÍTICA

### Milhares de jovens apelam à recandidatura de Soares

Mário Soares recebe esta tarde uma delegação de jovens que lhe vai entregar uma lista com 43 852 assinaturas pedindo-lhe que se recandidate à Presidência. Estas assinaturas correspondem exactamente ao número de horas de um mandato do Presidente da República e foram recolhidas a partir de Maio, por iniciativa da Juventude Socialista.

Os jovens que esta tarde se deslocam ao Palácio de Belém, são oriundos e representativos de sectores de actividade cultural, económica, social, política, desportiva, associativa e sindicalista.

António Seguro, líder da JS, comentou à Lusa que a iniciativa desta organização quis «demonstrar o empenho que põe na reeleição» de Mário Soares através da recolha destas assinaturas.

«Com este gesto quisemos tornar claro que para nós não é indiferente a posição que ele vier a tomar», disse António Seguro.

#### CDS procura candidato

A Comissão Directiva do CDS encarregou ontem o líder do partido, Freitas do Amaral, de procurar um possível candidato à Presidência, através de um processo de consultas individuais.

Ao Conselho Nacional dos centristas, que reunirá dentro de 15 dias, caberá pronunciar-se sobre a futura candidatura, que sairá da área do CDS, depois de terem sido ouvidas as opiniões dos principais dirigentes, como Lucas Pires e Adriano Moreira, entre outros.

Freitas do Amaral, que exclui a hipótese de se candidatar, sublinha, no entanto, que «não é seguro neste



momento dizer quer o CDS vai ter um candidato».

O líder centrista acrescentou que o PSD, como o maior partido da direita, «tinha a responsabilidade de apontar um candidato e se o tivesse feito de maneira credível o CDS apoiá-lo-ia».

Freitas do Amaral disse ainda que no caso de não surgir nenhum candidato, CDS dará liberdade de voto aos seus militantes.

#### Apelo a Boaventura Sousa Santos

Um grupo de personalidades de que se destacam Bruno da Ponte (editor), Carlos Leça da Veiga (médico), Carlos Loures (escritor), Clara Queiroz (prof.

catedrática), Jaime Camecelha (bancário), João Machado (sociólogo), João Pedro Ramahete (sociólogo) e Rui Proença de Oliveira (médico), dirigiu um apelo ao prof. Boaventura Sousa Santos, convidando-o a candidatar às presidenciais, em nome da «esquerda independente».

Os signatários do documento salientam que nas últimas eleições presidenciais «ficou patente a existência, importante para a democracia, de um eleitorado de esquerda independente, mau grado reduzido na sua melhor expressão por força da intriga e da calúnia que «as paredes de vidro» deixaram ver com bastante clareza».

### Governo não quer que os deputados transformem visitas em comícios

O dirigente nacional do Partido Socialista, Correia de Campos e um grupo de deputados que se preparavam ontem para ter uma reunião de trabalho com as administrações de algumas instituições hospitalares de Coimbra acabaram por não concretizar os seus objectivos. Os deputados socialistas acusaram o ministro Arlindo de Carvalho de «mesquinhez e falta de inteligência política» por ter anulado os referidos encontros.

O impedimento resultou de instruções emanadas do Ministério da Saúde, que considerou não terem sido cumpridas as formalidades protocolares inerentes à visita.

Segundo refere uma nota oficial, aquele ministério «não pode permitir o aproveitamento ou a habilidade de transformar as visitas parlamentares legítimas em meras manifestações ou comícios de natureza político-partidária».

O director dos Hospitais da Universidade de Coimbra informou que a reunião de trabalho foi adiada «para data a determinar, agendada de acordo com o manifesto interesse das partes, logo que os pressupostos legais sejam cumpridos».

Na opinião do delegado nacional do PS para a Saúde, a decisão do ministro não tem suporte legal e baseia-se num «argumento meramente formal». Correia de Campos acusou ainda o Governo e o ministro da Saúde de não terem «educação democrática», sublinhando ao mesmo tempo o «direito da oposição em ter livre acesso às instituições de saúde».

Entretanto, os parlamentares do PS vão exigir a Arlindo de Carvalho uma justificação perante a Comissão de Saúde da Assembleia da República, revelou o deputado João Rui de Almeida.

Em carta enviada na passada sexta-feira ao presidente da Assembleia da República, o ministro da Saúde fez a distinção entre «acções de informação» requeridas por deputados e «actividades de natureza político-partidária que visem utilizar estabelecimentos de saúde como sede de conferências de imprensa».

A carta foi enviada aos líderes dos grupos parlamentares, mas Correia de Campos garantiu que só na segunda-feira teve conhecimento desta, através de um director hospitalar.

### Grupo de cidadãos faz «Apelo à paz»

Um grupo de cidadãos do qual se destacam, entre outros, Alcina Bastos, Avelãs Nunes, Fernando Piteira Santos, Costa Gomes, Eunice Muñoz e Beja Santos promoveu esta manhã um encontro com a Imprensa. Preocupadas com a situação no Médio-Oriente estas personalidades subscreveram um abaixo-assinado no qual expressam um «Apelo à Paz» e informam a opinião pública portuguesa sobre a forma como entendem o evoluir da situação naquela zona do globo.

### Luís Filipe Menezes em defesa de Carlos Brito

O presidente da Comissão Política distrital do Porto do PSD, Luís Filipe Menezes, classificou a notícia sobre o presumível envolvimento de Carlos Brito num processo de indemnização como uma «cabala maldosamente construída». Segundo Luís Filipe Menezes «existe, de facto, um processo judicial pendente na Auditoria Administrativa do Porto, em que com base no loteamento da Quinta da Ervilha, uma entidade particular pede a condenação da Câmara do Porto em elevado montante indemnizatório».

### Relações com o Zaire em fase de expansão

O ministro do comércio externo do Zaire visita hoje o porto de Leixões, facto que se reveste de importância porque é por aquela infra-estrutura portuária que entra em Portugal grande parte dos produtos importados daquele país africano. Entretanto, está em preparação a criação de uma câmara luso-zairense, instrumento essencial ao incremento das relações comerciais entre os dois países.

### Mota Amaral está de visita aos EUA

Mota Amaral defendeu, ontem, em S. Diego, Califórnia, a necessidade de valorizar a identidade açoriana e a importância do arquipélago no quadro das relações luso-americanas. A importância geo-estratégica do arquipélago e os laços de sangue estabelecidos com a emigração foram considerados por Mota Amaral como o «trunfo decisivo» dos Açores nas relações com os EUA.

### PCP analisa escândalos da política portuguesa

O PCP, através da sua Comissão Política, considerou ontem que existe uma relação entre os «alegados casos de corrupção que atingiram ex-titulares de cargos públicos» e as «orientações políticas que têm dominado a acção governativa em Portugal».

Edgar Correia, membro daquele órgão do PCP disse ontem, durante uma conferência de Imprensa, que «a proliferação de actuações lesivas da legalidade no exercício de funções públicas não pode ser dissociada de orientações políticas e valores, que têm dominado desde há vários anos».

Criticando o actual «estado das coisas» no que se refere à política portuguesa, o PCP considera que «era previsível que a política de restauração do poder e privilégios de grande capital, assente designadamente, no saque de empresas e bens do Estado, e uma poderosa ofensiva ideológica eudeusando a força do dinheiro e o prestígio social dos poderosos, acabariam por proteger e fomentar fenómenos de corrupção, clientelismo e arrivismo».

Para os comunistas é necessário «um completo esclarecimento da verdade e apuramento rigoroso das responsabilidades» desses casos, e uma «eficaz e duradoura moralização da vida pública e a salvaguarda da ética do serviço».

O facto de, em breve, serem privatizadas mais algumas empresas do sector financeiro suscitou a constatação do PCP. Na perspectiva dos comunistas, esta passagem do sector público para o sector privado traduz-se na entrega «ao capital transnacional de empresas e sectores chave da economia portuguesa» e na transferência «para o estrangeiro do núcleo fundamental dos centros de decisão económica do país».

Concretamente, o PCP considera que a intenção do Governo privatizar o Banco Português do Atlântico, a Petrolgal ou a Cimpor «mostra claramente que o projecto de privatizações do Executivo não integra qualquer preocupação de defesa dos interesses nacionais».

As críticas do PCP não escapou também o PS que foi acusado de manter um «completo silêncio» relativamente à pretensão do Governo de passar as actuais infra-estruturas técnicas do sistema nacional de difusão de sinais televisivos para uma empresa mista.

## POLÍTICA

Polémica em Bruxelas sobre turismo

Cardoso e Cunha  
passa ao ataque

Do nosso correspondente

Uma informação distribuída ontem aos jornalistas destaca que os ministros do Turismo dos Doze «colocaram reticências a uma proposta do Parlamento Europeu visando prolongar o Ano Europeu do Turismo para além do mês de Março de 1991». A mesma nota, um autêntico contra-ataque de Cardoso e Cunha às críticas que lhe foram feitas, salvaguarda ter havido um largo consenso «à volta das propostas do comissário em prosseguir ao longo de todo o ano de 1991, um determinado número de acções desenvolvidas durante o Ano Europeu do Turismo».

O papel pretende constituir-se em síntese de uma reunião informal dos ministros do Turismo, realizada no sábado em Milão, um dia depois da Comissão Parlamentar de Transportes e Turismo ter aprovado um relatório do deputado McMillan Scott, propondo o prolongamento do Ano Europeu do Turismo para minimizar o seu fracasso. Como referimos na edição de ontem, Cardoso e Cunha prestou declarações à Comissão Parlamentar e rejeitou as acusações. O documento aprovado será submetido a plenário do Parlamento Europeu, provavelmente em Novembro.

A nota com a designação «não atribuível» distribuída aos jornalistas, por ocasião do habitual «briefing» na Comissão Europeia, não pode deixar de ser interpretada como um contra-ataque do comissário português à acusação da Comissão Parlamentar. Para além de informar que o «conjunto dos ministros felicitou a Comissão e Cardoso e Cunha pelo

desenrolar do AET», justifica a recusa da proposta feita pelo Parlamento: «Segundo os ministros e o comissário não seria desejável, por razões de clareza de objectivos, da gestão da imagem da iniciativa e teria também implicações orçamentais». Por outro lado, as decisões do comissário serão tomadas «após a avaliação do Ano Europeu do Turismo, que a Comissão fará antes de Março de 1991».

Recorde-se que a Comissão Parlamentar, constituída por 30 elementos, aprovou um relatório onde critica asperamente a Comissão Europeia e Cardoso e Cunha pelo fracasso da iniciativa que visava um sector extremamente importante da economia dos Doze.

Para além do tema referido, a nota salienta outros dois pontos principais: confirma a intenção de introduzir o princípio da subsidiariedade nalgumas acções específicas no domínio do Turismo; dá conhecimento de que uma maioria de delegações apoiou a proposta italiana visando introduzir uma referência explícita ao sector do Turismo no Tratado da CEE, tendo em conta a realização das próximas Conferências Intergovernamentais.

Devido a dificuldades nesta via, os participantes concordaram em trabalhar com a Comissão com vista à adopção de um programa plurianual dotado de orçamento e de uma base legal. Recorde-se que o relatório do deputado McMillan Scott sugere que «a política de turismo seja acrescentada às competências da Comunidade na futura Conferência Intergovernamental para revisão dos tratados».

José Rui Cunha

Pujol puxa pela Catalunha  
e quer ajudar Portugal

O presidente do Governo Regional da Catalunha afirmou ontem a Cavaco Silva que a sua região «pode contribuir para o desenvolvimento económico de Portugal através de um investimento na área industrial das pequenas e médias empresas». Jordi Pujol, que esta manhã foi recebido nos Paços do Concelho por Jorge Sampaio, antes de iniciar uma visita de dois dias ao Porto, manteve ontem uma audiência com Cavaco Silva e foi obsequiado pelo Presidente da República com um jantar, em Belém.

Embora sem competências em matéria de política externa, atribuídas à administração central, salientou que as relações entre Portugal e a Catalunha, «com tantas afinidades históricas», podem desenvolver-se através da economia, evitando pronunciar-se sobre projectos mais concretos. A ideia, por ele avançada recentemente, da criação de um eixo económico Portugal/Catalunha/Europa rica, não foi ontem reafirmada.

A visita de Pujol a Lisboa não provocou qualquer tipo de reserva por parte do Governo português ou da Administração Central espanhola, afirmaram fontes de S. Bento e da «Generalitat» que assim



Jordi Pujol em Belém

desmentiram informações veiculadas em sentido contrário, no passado fim-de-semana. Frise-se que o presidente do Governo Autónomo da Catalunha está em Portugal na sequência da visita que Mário Soares efectuou a Barcelona em Dezembro de 1987.

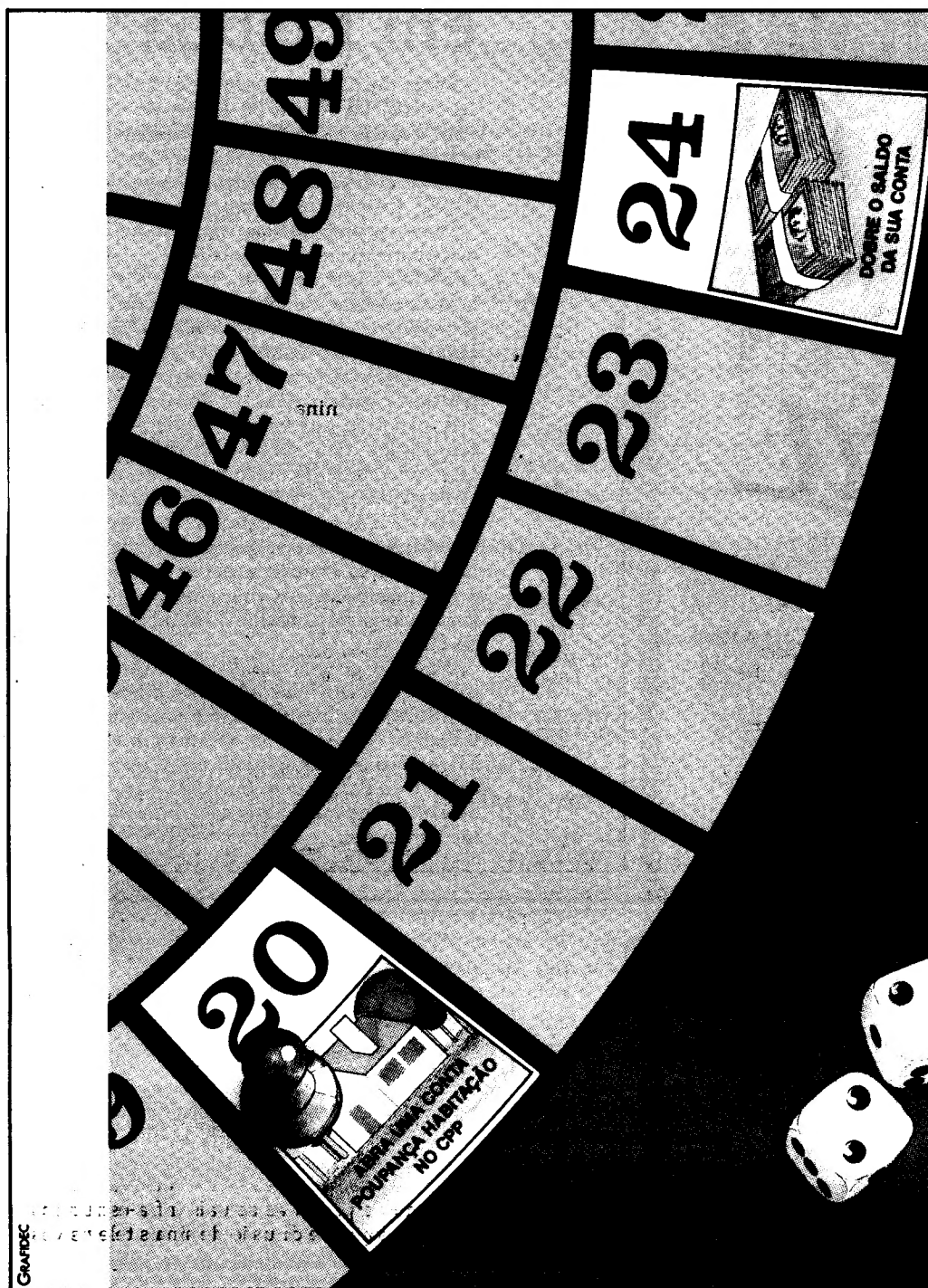
Mário Soares e o presidente da «Generalitat» tiveram ontem, antes do jantar de Belém, uma reunião privada que durou cerca de uma hora, durante a qual trataram de diversos temas das relações entre Portugal e a Catalunha. Pujol propôs um combate conjunto contra a periferidade a que as duas nações - Portugal e Espanha - estão submetidos.

Os dois países são periféricos geograficamente, «mas

não o devem ser em mais nenhum sentido», sublinhou o dirigente catalão, que avançou o aumento das relações económicas entre as duas nações sublinhando o contacto privilegiado que os catalães sempre mantiveram com Portugal.

«Talvez por causa da sua personalidade diferenciada, tanto cultural como linguisticamente de Espanha, a Catalunha sempre se sentiu muito próxima de Portugal», disse o presidente da «Generalitat».

Falando sempre em catalão, Pujol lembrou a relação especial que o actual rei de Espanha tem com Portugal, tendo brindado em honra de Juan Carlos, o que é inédito em discursos do presidente do Governo da Catalunha.

avance  
até ao 20  
e veja  
o que acontece  
no 24

Lance os dados. Até 20 de Outubro abra uma **CONTA POUPANÇA HABITAÇÃO** ou **CONTA POUPANÇA HABITAÇÃO JOVEM** no **CRÉDITO PREDIAL PORTUGUÊS**, e habilite-se a ser um dos contemplados no glorioso sorteio do dia 24.

O Crédito Predial Português assinala o seu 126.º Aniversário através de um sorteio entre todas as Contas Poupança Habitação e Poupança Habitação Jovem constituídas até 20 de Outubro de 1990. As cinco contas sorteadas serão contempladas com a **DUPLICAÇÃO** do saldo, até um limite de 5 000 contos, por conta.

Entre neste **Jogo dos números**, e dobre o valor das suas poupanças.

• Até 24 de Outubro a sorte mora aqui.



Companhia Geral de  
**CRÉDITO PREDIAL PORTUGUÊS**

# Soares promove Delgado a marechal

O Presidente da República enviou já para publicação na folha oficial o decreto em que concede, a título póstumo, a

dignidade de marechal da Força Aérea ao general Humberto Delgado. Mário Soares, que para o efeito ouviu

o Governo, o chefe do Estado-Maior-General das Forças Armadas e o chefe do Estado-Maior da Força Aérea,

sublinha «o corajoso combate» travado por Delgado contra a ditadura, que fez dele «um símbolo da resistência à

opressão e da luta pela liberdade e pela democracia pluralista».

No diploma que assinou para publicação no «Diário da República», o Chefe de Estado e comandante supremo das Forças Armadas assinala que «o seu exemplo foi objecto de espontânea consagração popular» logo após o 25 de Abril, tendo o seu nome passado a figurar na toponímia de muitas vilas, aldeias e cidades.

Recorde-se que a Assembleia da República decidiu, em Outubro de 1988, por unanimidade, que se procedesse à transladação dos restos mortais de Humberto Delgado para o Panteão Nacional (Santa Engrácia), o que ocorrerá sexta-feira, 5 de Outubro.

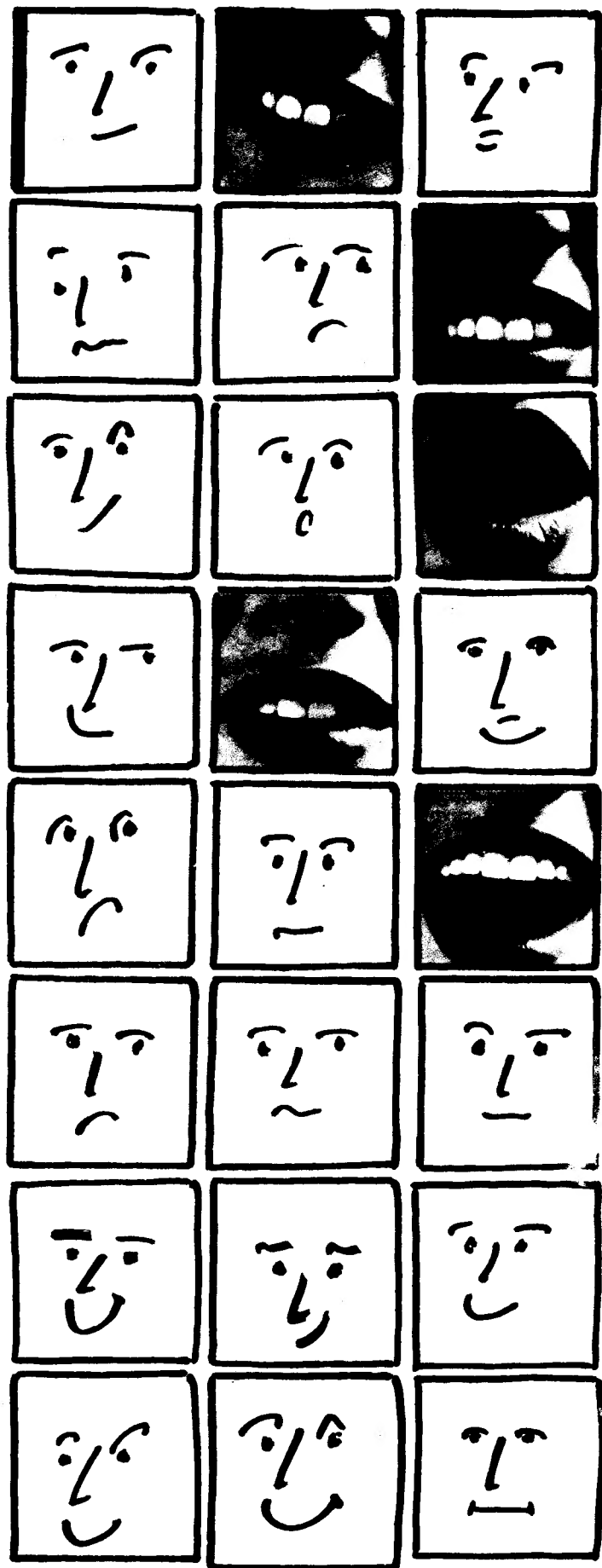
A cerimónia da transladação dos restos mortais dos Prazeres para o Panteão Nacional está há vários dias programada e foi já pretexto para uma conferência de Imprensa promovida pela Comissão Nacional de Homenagem a Humberto Delgado. O presidente da República discursará, sexta-feira, no encerramento da



Humberto Delgado

homenagem, depois de Emídio Guerreiro fazer o elogio fúnebre.

O Presidente da República participará, também na sexta-feira, na homenagem a António José de Almeida que a comissão permanente dos Centros Republicanos de Lisboa leva a cabo junto à estátua do fundador da primeira República. Ramon la Féria e Marcelo Curto farão o discurso de homenagem.



## POIS CLARO!

**VITEET**  
*guia*

NAS BANCAS À 4.ª FEIRA!!!

## 2 500 autarcas em Lisboa

Cerca de 2 500 representantes locais de países europeus, da África de expressão portuguesa, Marrocos e Israel participam entre amanhã e sábado em Lisboa nos XVIII Estados Gerais dos Municípios e Regiões da Europa, organizadas pelo CMRE, Conselho de Municípios e Regiões.

Entre os congressistas, figuram diversos deputados europeus e mesmo ministros, como o francês Louis Le Pensec, que presidirá no próximo sábado à sessão solene de encerramento, presidida, de acordo com o programa oficial, por Cavaco Silva. Líder autárquico de Mellac, Le Pensec é titular da pasta dos Departamentos e Territórios Ultramarinos do Governo de Michel Rocard.

A iniciativa, que terá a Associação nacional de Municípios como secção anfitriã, destina-se primordialmente à discussão da construção europeia, num quadro perspectivado para além das fronteiras da CEE. O relatório político sobre este tema, a discutir sexta-feira em sessão plenária, é da autoria de Torres Pereira, anterior líder da ANMP, actual presidente do Congresso e vice-presidente internacional do Conselho de Municípios e Regiões da Europa.

Diversos grupos políticos europeus, dos democratas-cristãos aos comunistas, aproveitam estes XVIII Estados Gerais para efectuarem reuniões de trabalho. Na sessão de abertura, presidida por Mário Soares, participam, entre outros, o presidente do Parlamento Europeu, Barón Crespo, e a secretária-geral do Conselho da Europa, Catherine Lalumière.

para gerir o município  
com a participação  
da população...

CÂMARA MUNICIPAL DE VILA FRANCA DE XIRA

**pdm**

plano director municipal  
VILA FRANCA DE XIRA

uma escolha para o futuro!

## FORUM

## PROCESSAR A RTP

O eng. António Lopes Cardoso terá porventura razão, mas não tem razão.

Na queixa contra a RTP.

Ou seja, terá porventura razão no essencial.

Mas não tem razão no circunstancial.

Com a agravante de que o circunstancial não é tão circunstancial como isso.

Passa-se isto quando o eng. António Lopes Cardoso, para essencialmente alegar uma discriminação exercida sobre a oposição, diz que a RTP, ao divulgar declarações suas, deve fazê-lo — *na íntegra*.

Não podendo a RTP, segundo o eng. António Lopes Cardoso, por ser um meio audiovisual, usar a sua imagem para lhe sobrepor o som de um resumo do que ele declarou.

Numa palavra, o eng. António Lopes Cardoso re-

Um gravador de bolso?

Uma câmara de eco?

Não, de facto.

A resposta óbvia para quem faz jornalismo e não inóbvvia para quem o consome é que o jornalismo é ou uma interpretação ou um resumo ou ambos. *Mesmo quando reproduz declarações. Mesmo quando as transcreve. São as aspas. E aí, sim, a íntegra.* Mas essa reprodução, essa transcrição, se constitui uma vantagem para a eficácia da Informação, porventura uma elegância profissional, não é uma obrigação.

Esperar que os *mass media* transcrevam *na íntegra* tudo quanto se lhes diz é, pois, ignorar o óbvio material, o óbvio profissional e um óbvio psicossocial.

Reclamar dos *mass media* que eles transcrevam *na íntegra* tudo quanto se lhes diz arrisca-se a constituir

objectivamente uma pressão intolerável.

Não foi isto que o homem razoável e decerto de boa fé que é o eng. António Lopes Cardoso quis dizer? Foi, no entanto, isto, também isto, que ele disse ou permitiu que se concluísse do que disse. Enfraquecendo a sua força. Retirando alguma razão à sua porventura razão.

É que, sendo verdade que os *mass media* não são um tímpano electrónico que tudo ouve e tudo ecoa nem a câmara obsessivamente aberta de Andy Wharol, também é verdade que o exercício da interpretação e do resumo por parte dos *mass media* pode camuflar a discriminação.

A desmontagem deste porventura alibi tem de ser simultaneamente mais rigorosa e mais hábil.

Numa palavra, eng. António Lopes Cardoso, menos democraticamente paradoxal.

*Na sua queixa contra a RTP,  
o eng. Lopes Cardoso terá razão  
no essencial, mas não  
no circunstancial.  
Aqui se explica porquê*

cusar-se a ser aquilo que define como — «um boneco animado».

Há aqui, de facto, duas questões.

Há a questão essencial da porventura discriminação, que, aliás, o eng. António Lopes Cardoso afirma sistemática. É direito seu pensá-lo. Sendo, talvez, seu dever prová-lo. Não minimizamos essa questão, consideramo-la essencial. Mas este artigo não é esse artigo.

E há a questão que a exigência da divulgação destas declarações na *íntegra* levanta.

Questão essa que, repete-se, sendo circunstancial, não é circunstancial.

Porquê?

Pois pelo motivo óbvio de que, sendo o caso, coloca um princípio. E pois pelo também óbvio motivo de que, sendo colocada à RTP, é colocada a toda a Comunicação Social.

Nessa questão, não tem o eng. António Lopes Cardoso razão.

Está aí o problema da própria função da Comunicação Social.

Tal como está o problema das relações entre a Comunicação Social e a chamada classe política.

Os *mass media*, podem ou não podem eles resumir declarações?

Os *mass media*, estão eles ou não estão obrigados a reproduzir *na íntegra* as declarações que lhes fazem os dirigentes partidários?

O audiovisual, se dá a imagem, tem de dar o som do próprio?

O áudio, se reproduz uma frase, tem de reproduzir as frases todas?

O jornal, se abre aspas, não as pode fechar?

É este o dever do jornalismo?

E é este um direito de quem, dirigente partidário, dirigente confederativo, dirigente desportivo, presta declarações aos *mass media*?

O jornalista que é?

Um estenógrafo?



Artur Portela

# TOTOLOTO

## FAZ MAIS UM SUPERMILIONÁRIO

# ANÔNIMO de GUIMARÃES

# GANHA

# 190.908.672\$00

NUM BILHETE DE 10 APOSTAS

# totoloto

## É Fácil. É Barato. Dá Milhões

# INTERNACIONAL

*EUA e URSS de acordo em fiscalizar cessar-fogo em Angola*

## Savimbi é recebido hoje por George Bush

O Presidente norte-americano recebe hoje em audiência, na Casa Branca, o dirigente da Unita, Jonas Savimbi, que pretende discutir com George Bush «o que os Estados Unidos podem fazer para acelerar um pouco mais o ritmo das negociações».

Portugal é, nas palavras do primeiro-ministro português, Cavaco Silva, o «intermediário» das conversações entre a Unita e o Governo angolano, visando pôr termo à guerra civil em Angola.

A quarta ronda de conversações, realizada a semana passada em Sintra, contou, pela primeira vez, com a participação dos Estados Unidos e da União Soviética.

«Os americanos e os soviéticos concordam que a guerra em Angola deve acabar por meios políticos. Se tudo isto fosse calendarizado, e esse calendário executado com plano concreto, ia ajudar imenso a questão das negociações», declarou Jonas Savimbi à «Voz da América».

Uma fonte próxima da Unita declarou que Savimbi tenciona persuadir as superpotências a serem «mais agressivas e a pressionarem o MPLA para aceitar a marcação de uma data para as eleições, antes da assinatura de um acordo de cessar-fogo».

A mesma fonte disse que o papel das superpotências constituiria «apenas um complemento e nunca uma diminuição do papel medianeiro que Portugal está a desempenhar».

Ainda hoje, Savimbi deve reunir-se também com a comissão das relações externas do Congresso e, individualmente, com vários dos seus membros, entre os quais os da «Angola Task Force».

### Optimismo quanto ao cessar-fogo

Segundo o «New York Times» de hoje, os Estados Unidos e a União Soviética indicaram que aceitarão fiscalizar um cessar-fogo e eleições que ponham fim aos 15 anos de guerra civil em Angola.

Um papel norte-americano-soviético para se alcançar uma solução para o conflito angolano foi discutido a semana passada em Portugal, segundo o jornal.

Um alto funcionário do Departamento norte-americano de Estado citado pelo periódico afirmou que a União Soviética e os Estados Unidos tinham concordado em aceitar um convite das duas partes angolanas para se juntarem a uma força internacional que defina as regras de um cessar-fogo e depois o fiscalize.

O funcionário acrescentou que a força de fiscalização teria provavelmente semelhanças com o grupo patrocinado pelas Nações Unidas que ajudou a resolver o conflito entre a África do Sul e os guerrilheiros namibianos e abriu o caminho para a realização de eleições livres na Namíbia, no ano passado. Essa força incluiu membros dos Estados Unidos e da União Soviética.

A mesma fonte manifestou optimismo, considerando que as duas partes em confronto em Angola estavam mais perto de um acordo quanto a eleições, e adiantou: «Pela primeira vez, estão a falar seriamente sobre um cessar-fogo».

Redacção «DL»/Lusa

*Shevardnadze considerou «construtivo» discurso de Bush sobre a crise no Golfo*

## Vias pacíficas «ainda não estão esgotadas»

O ministro soviético dos Negócios Estrangeiros, Eduard Shevardnadze, considerou o discurso ontem proferido pelo Presidente dos Estados Unidos na Assembleia Geral das Nações Unidas, «de positivo e construtivo». Entrevistado já fora da Assembleia, Shevardnadze definiu o discurso de George Bush de «muito bom, dando um forte apoio das Nações Unidas e um forte apoio também à tendência já positiva do desenvolvimento em todo o mundo».

Por seu lado, o Iraque, através do seu embaixador acreditado na ONU, Abdul Amir Al-Anbari, afirmou discordar «de tudo o que o Presidente Bush disse».

No entanto o diplomata iraquiano acrescentou que o seu país apoia «qualquer acordo de paz para a situação, ou para a crise. Felizmente que Bush mencionou que preferiria uma solução diplomática de paz».

Al-Anbari disse ainda duvidar de que o Conselho de Segurança das Nações Unidas autorize o uso da força militar contra o Iraque.

No seu discurso, o Presidente norte-americano, que se declarou empenhado numa «solução pacífica, diplomática» da crise no Golfo, ofereceu ao líder iraquiano a possibilidade de «novos acordos» entre os Estados do Golfo e de se regularizar o diferendo entre os árabes e Israel, na condição de que as tropas iraquianas saiam do Kuwait.

«A agressão não provocada do Iraque é um retrocesso



O Presidente Bush, durante o seu discurso sobre a crise do Golfo, na Assembleia Geral das Nações Unidas

para outra era, uma negra relíquia de um tempo de trevas. Saqueou o Kuwait, aterrorizou civis inocentes e fez de diplomatas reféns», disse Bush.

No entanto, observou que as vias para a regularização da crise não estão fechadas.

A crise no golfo Pérsico foi, com efeito, o tema dominante dos discursos ontem proferidos na Assembleia Geral das Nações Unidas. Mas o embaixador iraquiano, que deveria usar da palavra, adiou por dois dias a sua intervenção, por instruções do seu Governo, segundo fontes iraquianas.

A mudança de planos verificou-se após o discurso de Bush, que de modo semelhante ao do seu homólogo

francês, François Mitterrand, há uma semana, abordou indirectamente a crise do Golfo e o conflito israelo-árabe.

### Norte-americanos divididos

Entretanto uma sondagem divulgada em Washington indica que a maioria dos norte-americanos defende que os Estados Unidos só deverão usar o mínimo de força necessária para a defesa, perante um eventual conflito no Golfo. Dos cerca de mil inquiridos, 49 por cento defende o uso mínimo de força, 47 por cento crê que a melhor solução seria um ataque em massa e apenas quatro por cento acha que os EUA não devem responder usando a

força.

Uma outra sondagem, esta divulgada em Paris, dá conta de que a maioria dos franceses opõem-se a uma intervenção militar contra o Iraque, embora concordando com o envio de forças militares para a região do Golfo.

Entretanto a revista «Jane's», de assuntos militares, revelou que a Arábia Saudita vai duplicar as suas forças armadas, que passarão a integrar 120 mil homens, mesmo que isso implique a mobilização de reservistas.

### Israel desmente

O adjunto do primeiro-ministro israelita negou a existência de contactos secretos entre o Presidente Saddam Hussein, do Iraque, e as autoridades israelitas.

O Presidente egípcio, Hosni Mubarak, numa entrevista a uma cadeia de televisão francesa, disse que Israel e o Iraque estavam a manter contactos sobre o crise do Golfo.

Entretanto o Presidente do Iémen enviou um ministro do seu Governo a Rabat para transmitir ao rei Hassan II o seu apoio às iniciativas de um triunvirato árabe para pôr termo à crise originada pela invasão do Kuwait pelo Iraque.

O rei Hassan II de Marrocos, o rei Hussein da Jordânia e o Presidente Chadli Benjedid da Argélia, têm estado a empreender iniciativas no quadro árabe, para evitar uma guerra no Golfo.

Redacção «DL»/AFP/Lusa

### TRIBUNAL CÍVEL DA COMARCA DE LISBOA

10.º JUÍZO

#### ANÚNCIO

CP 238 — 3.ª Sec.

— O DOUTOR FERNANDO DA CONCEIÇÃO, JUIZ DE DIREITO DA 3.ª SEC. DO 10.º JUÍZO CÍVEL DE LISBOA.

— FAZ SABER que no próximo dia 23 de Outubro de 1990, pelas 10 horas, à porta deste tribunal, nos Autos de carta Precatória n.º 238 vindos do Tribunal Judicial da Comarca de Ovar, 2.ª Sec., extraídos dos Autos de Execução Sumária Proc. 129/87 que Santos & Brandão Ld.ª move contra AUGUSTO SOUSA PEREIRA residente no Largo do Sr. Roubado em Odiveiras, não-de ser postos em praça pela primeira vez a fim de serem arrematados acima do valor constante dos autos, vários bens móveis constituídos por um cofre monobloco, máquinas de escrever e outros, dos quais é fiel depositário o próprio executado.

Lisboa, 26 de Setembro de 1990.

O Juiz de Direito,  
a) Fernando da Conceição  
Bento  
A Escrivã Adjunta,  
a) Maria Isabel  
Antunes Dias

«DL» — 2/10/90 — 2.ª Pub

### TRIBUNAL CÍVEL DA COMARCA DE LISBOA

Proc. n.º 3231  
2.ª Secção

#### ANÚNCIO

O DOUTOR JOÃO EDUARDO CURA MARIANO ESTEVES, Juiz de Direito da 2.ª Secção do 12.º Juízo Cível da Comarca de Lisboa:

FAZ SABER que por este Juízo e Secção, nos autos de Execução de Sumária, em que é exequente Lenholplac — Indústria de Revestimentos, Ld.ª, com sede em Travessa, Agueda e executada — Siquipira Indústria e Comércio de Mobiliário e Decoração Ld.ª, correm editos de TRINTA DIAS, contados da segunda e última publicação do anúncio citando a executada no último sede conhecida na Rua Francisco Metrass, 42, 2.º B em Lisboa, para no prazo de CINCO DIAS, findos que sejam os dos editos, deduzirem oposição, pagarem ao exequente, ou nomearem bens à penhora, sob pena de se considerar devolvido ao exequente o direito de nomeação de bens à penhora.

Lisboa, 17 de Setembro de 1990

O Juiz de Direito  
João Eduardo Cura Mariano  
A Escrivã Adjunta  
Susana Martins Pica

«DL» — 2/10/90 — 2.ª Pub.

### TRIBUNAL DE FAMÍLIA DE LISBOA

3.º JUÍZO  
ANÚNCIO

Pela 1.ª Secção do 3.º Juízo do Tribunal de Família de Lisboa, correm termos uns autos de Divórcio Litigioso, com o n.º 7304, que Maria da Conceição Pereira de Carvalho, residente na Rua Herculano de Carvalho, lote 77-1.º Dt.º Reboleira, 2700 Amadora, move contra VALDEMAR NARCISO GOMES CAMPENHE DE ALBUQUERQUE, ausente em parte incerta, com última morada conhecida, na Rua dos Lusíadas, n.º 24-4.º Dt.º em Lisboa, sendo este réu citado, para, querendo, contestar no prazo de VINTE DIAS, contados da 2.ª e última publicação deste anúncio, decorridos que sejam trinta dias de dilação, o pedido de divórcio pelos fundamentos constantes da petição inicial, cujo duplicado se encontra na secretaria deste juízo à sua disposição.

Lisboa, 24 de Setembro de 1990.

O Juiz de Direito,  
Cândido Gouveia  
A Escrivã-Adjunta,  
Maria Natália Soares Madal

«DL» — 1.ª Pub. — 2/10/90

## Explosão de bomba a bordo na origem do desastre Mais de 90 mortos na queda de um avião chinês desviado

Um avião chinês desviado despenhou-se ao aterrar esta manhã no aeroporto de Cantão, sul da China, depois de uma bomba ter explodido a bordo, disse um funcionário do consulado norte-americano.

A bordo do Boeing 737 da Xiamen Airline, segundo uma emissora de Hong Kong, captada em Macau, viajavam dois passageiros macaenses (cuja identificação não foi possível apurar) 23 cidadãos de Taiwan, um de Hong Kong, entre os mais de 100 passageiros, na sua maioria da China continental.

A agência oficial chinesa confirmou que o aparelho foi desviado depois de descolar de Xiamen em direcção ao aeroporto de Baiyun, tendo sofrido um acidente na aterragem.

A Nova China não faz referência à existência de mortos ou feridos no desastre, mas fontes citadas pelas rádios chinesas captadas em Macau apontam para a existência de 90 mortos. Um funcionário chinês, citando elementos do fabricante norte-americano do avião, em Cantão, declarou que responsáveis chineses tinham isolado o aeroporto da cidade,

depois de o Boeing oriundo de Xiamen, na costa sudeste da China, ter sido desviado.

### Transformou-se «numa bola de fogo»

O avião efectuou círculos e depois tentou aterrar quando a bomba explodiu. O aparelho despenhou-se sobre um Boeing 707, que se encontrava vazio, e um outro 757, que estava repleto de passageiros, aguardando a partida para Xangai. «Quando atingiu o 757 explodiu numa bola de fogo», disse uma testemunha ocular contactada pelo telefone.

Funcionários nos escritórios da Boeing em Cantão foram informados sobre o desvio por responsáveis chineses da aviação.

O funcionário do consulado norte-americano afirmou que 94 passageiros e 10 tripulantes se encontravam a bordo do Boeing 737.

Uma norte-americana, cuja identificação não foi revelada, ficou ferida e foi levada para o hospital. Crê-se que se encontraria a bordo do Boeing 757, atingido no solo pelo avião sinistrado.

Redacção «DL»/Lusa

## INTERNACIONAL

«Nova Ordem da Paz Europeia»

## Requiem pela RDA

Coube ao sector da Educação e das Ciências, da já quase defunta Alemanha Oriental, afirmar, em Nova Iorque, pela boca do seu ministro deste departamento da RFA, que a «unificação da Alemanha lançará a primeira pedra de uma nova ordem da paz europeia» e que «evoluirá em paralelo com as novas medidas que construirão as grandes instituições europeias comuns».

Hans-Joachim Mayer, o ministro da RDA, falava em Nova Iorque na actual cimeira dos países participantes na Conferência sobre Segurança e Cooperação Europeia (CSCE). Também é esta a última vez que a RDA actua numa reunião internacional como país independente e soberano, pois a partir da meia noite de hoje desaparecerá do mapa da Europa. Com estas suas palavras sobre «a nova ordem da paz europeia» terá o ministro cantado, por modo positivo, o Requiem pela República Democrática Alemã. Outros cantarão o «Deutschland uber Alles».

A nova ordem, e qualquer

que ela seja, foi ontem oficialmente consignada numa reunião dos ministros dos Negócios Estrangeiros dos países que, durante a Segunda Guerra Mundial, foram conhecidos como «os aliados» (mais tarde «desaliaram-se» um pouco...). Os representantes dos Estados Unidos, da União Soviética, da Inglaterra e da França assinaram uma declaração em que «...suspendem todos os seus direitos e responsabilidades sobre Berlim e sobre a Alemanha no seu conjunto».

A Segunda Guerra Mundial durou seis anos. A paz, real e consagrada no papel dos tratados, levou 45 a consolidar.

Berlim poderá não vir a ser, em pleno, a capital da nova Alemanha. Bona defende, com milhões de marcos na mão, a continuação nas suas calmas ruas e ordenados quarteirões, de todo o enorme aparelho do Executivo, da Administração e das embaixadas.

**Berlim, capital da unificação**  
De qualquer modo, Berlim

será, a partir da meia noite de hoje (hora local) a capital da unificação da Alemanha.

Lá decorrerá o grande momento, lá se ouvirá o Sino da Liberdade, lá subirá ao alto do Reichstag a bandeira de todos os alemães, que é a da República Federal da Alemanha. De um lado e outro da Porta de Brandeburgo passarão, nessa hora mas não muito visíveis, as sombras de Frederico o Grande, da Prússia, do príncipe de Bismark, de Hitler e de Adenauer. Serão sombras.

A unificação da Alemanha acaba de ter, por outro lado, um apoio significativo... O presidente do Iraque, Saddam Hussein, enviou as suas felicitações, ou melhor, felicitou-se a si próprio pelo que acontecerá à meia noite de hoje na Europa.

Um comunicado da agência noticiosa iraquiana INA, recebido em Nicósia, diz que Saddam considera este momento «...uma realização histórica, que abrirá o caminho a melhores relações entre a Europa, por um lado, e

Bagdad e os países árabes, pelo outro».

O presidente iraquiano acrescentou: «Nesta ocasião, o Iraque felicita o povo alemão, em espírito de irmandade, por se lembrar que ele sofreu duramente a sua divisão, depois da Segunda Guerra Mundial, na consecução dos interesses das duas superpotências(...) e que o povo árabe, também dividido, compreende melhor do que qualquer outro, como é dolorosa a divisão».

**Entre 8 e 8,5 por cento**

O preço da unificação continua, entretanto, a atacar os cofres da República Federal da Alemanha.

O «Bundesbank» acaba de mandar mais três mil milhões de contos para o circuito bancário da República Democrática da Alemanha. Mas, tal como as anteriores injeções de capital ocidental, este cobrará entre 8 e 8,5 por cento de juros.

O negro, o vermelho e o dourado estenderão por toda a Alemanha as suas cores nacionais a partir do primeiro



Ontem, oito anos depois de Helmut Kohl haver assumido o Poder, em Bona, o chanceler agradece os aplausos recebidos na abertura do Congresso da CDU, seu partido, em plena euforia pela unificação alemã

minuto de amanhã.

O «Bild», o jornal que mais vende na RFA, escreveu: «A partir da meia noite de hoje,

nós viveremos, de novo, num país».

Redacção «DL»/  
Lusa/AFP

## Moscou e Lisboa de mãos dadas

É sinal dos novos tempos que os ministros dos Negócios Estrangeiros da União Soviética e de Portugal estejam, em Nova Iorque, de mãos dadas (figurativamente...) sobre a necessidade de se concluir um novo acordo de desarmamento Leste-Oeste, de modo a permitir a realização, em meados de Novembro próximo, da cimeira, em Paris, dos 34 (eram 35, mas a RDA já estará morta nessa data) países membros da Conferência sobre Segurança e Cooperação Europeias (CSCE).

A presente fase de desarmamento diz respeito à Conferência sobre Forças Convencionais na Europa (CFE) e à CSCE, que trata daquilo que, em tradução literal do inglês («confidence measures building») quer dizer acordar entre o Leste e o Oeste um conjunto de disposições que edifiquem um clima de confiança nas duas partes.

**É tudo «glasnost»**

Contam-se, entre essas disposições, a instalação de um sistema de verificação do desarmamento (destruição de armas e controlo sobre a colocação das remanescentes) e a comunicação prévia de todas as deslocações militares. Em suma, como se conta nos círculos de negociadores instalados em Génève e Viena, é uma questão de «transparência» ou seja, como se diz em russo, «glasnost».

Shevardnadze mostrou-se, na presente reunião de Nova Iorque, convencido de que chegarão a bom termo as conversações sobre esta fase de desarmamento, por modo a permitir a assinatura, na cimeira de Paris, de um novo tratado.

João de Deus Pinheiro defendeu, em Nova Iorque, a necessidade de se chegar a acordo na conferência sobre as forças convencionais europeias, por modo a permitir a assinatura, em Paris, do tratado que consagre esse acordo.

**Terrenos escorregadios e fundações instáveis**

Nesta espécie de coro também já entrou, como seria de esperar, o Secretário da Defesa norte-americano, James Baker, para quem «...realizar uma cimeira da CSCE sem antes

conseguir um acordo sobre as Forças Convencionais Europeias (...) seria tentar construir o futuro sobre um terreno escorregadio e instalá-lo sobre fundações instáveis».

Ainda há uma semana, em Génève e em Viena, havia optimismo, mas moderado, sobre a conclusão de um acordo na CFE.

Admita-se, junto de círculos norte-americanos, que esse acordo só seria, provável desde que se deixassem para um «follow up» das negociações certas questões sobre as quais por ora não é seguramente viável um acerto de posições.

É o caso da pretensão soviética de que aquilo a que eles chamam «aviões navais baseados em terra» sejam excluídos das negociações sobre desarmamento convencional, invocando o argumento de que, dada a gigantesca extensão das suas fronteiras, necessitam de um volume de armamento «defensivo» maior do que o da Europa e dos norte-americanos no continente europeu.

**Falta de inocência americana**

Outra razão de inquietações, no Ocidente, é a verificada realidade de os soviéticos estarem a deslocar para Leste dos Urais, muito do armamento, nomeadamente tanques, que, segundo os acordos já obtidos na CFE, deveriam ser destruídos.

Acontece que pela lei básica destes novos tratados sobre o desarmamento, a área geográfica em que incidem termina a oeste dos Montes Urais.

Como disse um negociador norte-americano, em Génève: «Está tudo muito bem mas o certo é que nem um tanque soviético foi, até agora, destruído».

E se é verdade que os soviéticos estão a servir-se do a Leste dos Urais para «salvarem» equipamento militar, também não é menos certo que, do seu ponto de vista, os norte-americanos não podem considerar-se inocentes, dado que não entram no âmbito destas conversações e dos tratados a assinar as forças que eles têm armazenadas, treinadas e prontas a intervir, nos Estados Unidos.

Paulo David

# cambridge school

## INGLÊS FRANCÊS ALEMÃO PORTUGUÊS

**ANO LECTIVO  
90/91**

**INSCRIÇÕES IMEDIATAS**

**PARA  
ESTRANGEIROS**



LISBOA - A. da Liberdade 173 - 1200 LISBOA - Tel. 3527471 6 Linhas  
- A. Guerra Junqueiro 6-11-D-1000 LISBOA - Tel. 6464544-899601  
- A. do Uruguai 6-1 - 1500 LISBOA - Tel. 7141824-7143170  
ALMADA - P. do MFA 12-1 - 2600 ALMADA - Tel. 2760234-2753216  
PORTO - R. Duque de Tercera 36-1 - 4000 PORTO - Tel. 560360-561130  
COIMBRA - P. da República 15 - 3000 COIMBRA - Tel. 34969-29265  
FUNCHAL - R. da Carreira 240-1 - 9000 FUNCHAL - Tel. 43716-41067

gratuito 9190

# QUOTIDIANO

*Foi preciso a autarquia de Vila Franca de Xira convocar uma reunião de emergência com a Imprensa para a secretaria de Estado do Ambiente reagir. Afinal já se sabe o nome do produto responsável pela morte dos peixes no Tejo. Trata-se do Lindano, um insecticida altamente tóxico. Só que se desconhece quem o derramou no rio*

## A morte dos peixes e o «segredo» de Estado

Segunda-Feira dez da manhã, salão nobre dos Paços do Concelho: Daniel Branco, o presidente da Câmara Municipal de Vila Franca de Xira atirou, os papéis ao ar. O autarca, comunista, quer que os competentes serviços do Estado expliquem por que razão os peixes morrem no Tejo, às toneladas. Apesar da intervenção de um se- número de entidades e laboratórios, ninguém descobre a causa da morte dos peixes. A dois passos do ano dois mil, parece uma brincadeira de meninos, como a dos filhos dos avieiros de Vila Franca. Parece mentira mas os peixinhos do Tejo estão a transformar-se num «segredo» de Estado...

Na conferência de Imprensa que convocou, ontem, o presidente da Câmara dirigiu-se aos «serviços da Administração Central», que «têm informação do que se está a passar desde o início da ocorrência mas não tomaram nenhuma medida com o carácter de urgência que a gravidade da situação exigia», em termos extremamente duros. «É totalmente incompreensível que a Secretaria de Estado do Ambiente não tenha o mínimo controlo sobre a situação, não possua nenhum levantamento eficaz e operativo sobre as fontes poluentes do estuário, não faça análises com periodicidade regular da água do estuário do Tejo abaixo de Vila Franca de Xira, nem tenha qualquer programa em curso de concretização ou previsto modificar esta desastrosa situação no curto e médios prazos», afirmou.

O autarca, actual vice-presidente da Associação Nacional de Municípios Portugueses, foi mais longe: «Recusamo-nos a aceitar um novo exemplo de incúria nacional e não queremos que os peixes morram no Tejo com um ciclo anual de calamidade e de irresponsabilidade igual ao que se abateu sobre o nosso país em relação aos fogos florestais».

### Das algas às indústrias

Na versão da Câmara de Vila Franca, tudo começou em Outubro do ano passado quando, num curto espaço de tempo, apareceram 32,6 toneladas de peixe morto no Tejo. Sugeriu-se então, como causa mais próxima, a proliferação de uma alga tóxica (Microcystis aeruginosa) com uma presença excessiva de nutrientes na água, em especial de fósforo, cujo teor terá chegado a ser 15 vezes superior ao valor habitual. A vereação afirma que, na ocasião, foram autuadas algumas empresas do concelho mas que nenhuma apresentava fósforo ou outro nutriente na sua carga poluente.

A situação volta a repetir-se o mês pas-

sado. «Até 26 de Setembro recolhemos 57,6 toneladas de peixes mortos e, neste momento, estão no rio diversos pescadores que continuam a operação de recolha de peixes mortos, cujo custo total ascende já a três mil contos», pode ler-se no comunicado distribuído, ontem, à Imprensa.

O Município assegura que a Direcção-Geral da Qualidade do Ambiente demorou vinte dias a analisar as amostras e que no ofício de resposta enviado à Câmara informa, «em dois curtos parágrafos», que não podem fazer a determinação de antibióticos «por não disporem de metodologia adequada» e pelo volume da amostra não ser «suficiente para a determinação de todos os parâmetros, pelo que não determinarão os metais (chumbo, zinco, cobre solúvel, cádmio e níquel)».

Sexta-Feira, peritos do Instituto Nacional de Investigação e Pescas, a autoridade sanitária concelhia e as direcções-gerais do Ambiente e dos Recursos Naturais reuniram-se em Vila Franca sem que tenham chegado a conclusões sobre a causa da morte dos peixes e quem está na sua origem. Segundo a Câmara, sabe-se apenas que este ano «não se verifica a existência da alga tóxica, pelo que a mortandade deve ser originada por um agente químico agudo».

### Não há certezas

Fonte da Direcção-Geral da Qualidade do Ambiente confirmou ao DL que, com efeito, na reunião de sexta-feira não foi possível tirar conclusões sobre o assunto.

O director dos Serviços de Qualidade daquele organismo da Secretaria de Estado do Ambiente, Carlos Pássaro, disse que foram encaradas inicialmente três hipóteses: «a contaminação das águas por efeito dos pesticidas utilizados nos arrozais, as descargas industriais ou ainda o resultado de uma campanha de desratização que se efectuou em Vila Franca».

Carlos Pássaro afirmou que a possi-

bilidade de as causas terem origem em descargas das indústrias situadas nas margens do Tejo foi a hipótese mais considerada e que foi possível excluir as duas outras possibilidades. Adiantou, todavia, ser «difícil verificar o elemento poluente com origem industrial, por ele se encontrar muito diluído». Estas revelações, feitas na sexta-feira ao nosso jornal, viriam a ser contraditas, hoje, por declarações daquele responsável. Afinal já se sabe o resultado das análises às águas: trata-se de um insecticida altamente tóxico, chamado Lindano, que é utilizado habitualmente na monda química do arroz.

A vice-presidente do Instituto Nacional de Investigação e Pescas, por seu lado, assegura, também, ser difícil detectar as causas da morte dos peixes. Maria José Costa disse, ao DL, que o município de Vila Franca solicitou aquele organismo duas análises no início de Setembro. Uma de natureza anatomo-patológica ao pescado morto e outra às águas. Os resultados permitem concluir, pelo menos, que o acidente se deveu à existência de agentes químicos tóxicos no Tejo. A professora referiu haver reacções biológicas que se registam com a união de vários agentes, o que torna mais difícil detectar os produtos químicos susceptíveis de levar a uma conclusão exacta.

O DL apurou, entretanto, junto de fonte ligada ao processo, que diversas empresas, eventualmente suspeitas no caso, sabem perfeitamente que é fácil fazer «misturas» nas descargas poluentes, geradoras de enormes dificuldades na detecção final das responsabilidades. Pode bem ser o caso, adiantou a mesma fonte.

Por alguma razão Carlos Pássaro afirma que, embora já se tenha detectado o produto tóxico, não é possível identificar o organismo responsável pela poluição. O Lindano é usado, tanto na indústria como na agricultura...

Pereira de Almeida



Anabela Loureiro

A saída da Igreja, a urna de Alexina, coberta de flores e levada, em ombros, pelos colegas e amigos

*Jeans e preto, cores de luto, no átrio da igreja de Algueirão. Pais, professores e alunos esperam, em silêncio, a saída da urna branca e dourada*

## Manifestação reprimida

«Alexina, não passes», disse-lhe Nuno Rosa, o colega que lhe fazia companhia desde o «princípio da estação» e um dos oito amigos que fez questão de a acompanhar até ao fim. Mas Alexina passou. E o comboio da linha de Sintra não parou.

Alexina tinha 13 anos. Aluna do 8º ano da Escola Preparatória do Lourel, — «uma grande amiga», dizem os colegas e «uma boa aluna», garantem os professores, — foi trucidada, sexta-feira, pelo comboio na passagem de nível da Portela de Sintra.

Ontem, não houve aulas, durante todo o dia, na escola do Lourel. Era dia de funeral. Colegas de hoje e amigos do passado, da Escola de D. Fernando quiseram estar presentes e protestar contra «mais uma morte estúpida».

Em causa, a «falta de segurança» de uma passagem de nível, diariamente utilizada por mais de 6 000 crianças, «desde os 9 anitos», logo que saem da Primária.

Ilka Sá Leão, membro do Conselho Directivo da Escola D. Fernando II, «não chegou a conhecer Alexina, como aluna, mas tinha muito boas referências dela, de outras colegas», afirma.

Lá estava, no átrio da igreja, solidária com professores, pais e alunos, inconsolável e revoltada: «A polícia chegou a ameaçar uma das professoras de a levar a Tribunal. Falou-nos de modo rude, a nós e às crianças, impedindo-nos de dar continuação a uma ideia que nasceu, espontânea. Não pudemos manifestarmo-nos, pela linha do comboio. Garantiam estar preparados para o confronto e chegaram a chamar a polícia de choque. Para quê?».

E.T.



Os avieiros, pescadores de Vila Franca, são enormemente prejudicados com o que se está a passar

CGTP encerra comemorações dos 20 anos

# «Levantemos a bandeira dos trabalhadores»

Com sons e imagens da nossa memória colectiva, canções e palavras de ordem que (quase) inconscientemente mermoramos ao recordá-las, e cenas que nos fizeram vibrar (umas de raiva, outras de alegria) encerrou ontem a CGTP as comemorações do seu 20º aniversário, percorrendo os tempos antes e depois do 25 de Abril.

«1 de Outubro de 1970 - 1 de Outubro de 1990: 20 anos com os trabalhadores», foi a frase escolhida pela Intersindical para assinalar o seu aniversário, ontem festajado com uma festa-comício no Pavilhão Carlos Lopes, em Lisboa, onde juntou velhos e novos sindicalistas e trabalhadores.

Através de diaporamas, canções e testemunhos de fundadores da central, recordou a CGTP o passado recente. Com o discurso do coordenador nacional, Manuel Carvalho da Silva, fez a ponte ao presente, perspectivou o futuro.

Uma sala não completamente cheia assobiou as imagens da guerra colonial, da emigração e de Marcelo Caetano. Recordou os sindicatos corporativos, a repressão nas ruas e nas empresas,

as prisões políticas. Sorriu às lembranças das convocatórias (1 de Outubro de 1970) que deram origem à primeira reunião inter-sindical (dia 11), e mocionou-se com a memória da vitória das listas «B» (não afectas ao regime) nos sindicatos.

Trabalhadores e sindicalistas espalhados pelas bancadas e cadeiras do Pavilhão acompanharam a voz de Zeca Afonso em «Grândola, Vila Morena», enquanto nos ecrãs passavam imagens da Revolução: enchesse nas ruas, soldados de cravo ao peito, presos políticos a abandonar as prisões.

O primeiro 1º de Maio em Liberdade, as conquistas dos trabalhadores, a Reforma Agrária, a greve geral de 1982 e a morte de dois trabalhadores no Porto e, mais recentemente, o trabalho infantil e a precarização do emprego foram igualmente recordado.

Esquecidas (ou pelo menos omitidas) ficaram as divergências sindicais, o nascimento da UGT, algumas contradições no percurso da Intersindical (admitidas por Carvalho da Silva durante as intervenções dos últimos dias) e a greve geral



CGTP: recordar 20 anos de luta

conjunta de 1988.

## E o futuro?

Não descansar à sombra das conquistas anteriores foi, no fundo, a mensagem que

Carvalho da Silva deixou quando ontem encerrou as comemorações dos 20 anos da CGTP. «Estão hoje em jogo questões fundamentais para o futuro do país, no quadro

da internacionalização crescente da vida económica, financeira e social», afirmou referindo-se à «política económica e às condições de vida e de trabalho para os

próximos anos».

Considerando que as negociações em curso na Concertação Social «já levaram o Governo e o patronato a aceitar princípios que a CGTP sempre defendeu», o coordenador da CGTP fez um aviso: «Estas afirmações são importantes se a todos os níveis nós formos capazes de as potencializar e obrigar a que sejam aplicadas na prática (...) mas não devemos criar falsas expectativas, pois as contra-propostas do patronato e do Governo estão longe de ser satisfatórias».

Ao Executivo, Carvalho da Silva acusou-o de desejar obter da negociação «a moderação salarial, ou seja, o crescimento dos salários reais sem ter em conta a dimensão real da inflação e o acréscimo de produtividade». O patronato, segundo disse, «pretende obter mais facilidades para a flexibilização e desregulamentação das relações laborais».

Perante este cenário, o líder da CGTP terminou com palavras de luta: «É possível e conseguiremos obter respostas positivas às nossas reivindicações. Levantemos bem alto a bandeira dos trabalhadores».

Elsa Andrade

## O fantasma das cheias paira sobre o Algarve

À beira de se completar um ano sobre as inundações que levaram à declaração do Algarve em situação de calamidade pública, o Serviço de Hidráulica da região é a primeira entidade a reconhecer estarem por criar as condições impeditivas da repetição do desastre.

Segundo o director dos Serviços de Hidráulica do Guadiana, João Monteiro, perante uma situação idêntica à do ano passado, a única garantia que se pode dar é a de que «o concelho de Faro será muito menos afectado».

A hipótese de novas cheias anormais, como as que ocorreram por alguns dias a seguir a 13 de Outubro de 1989, devastando vastas áreas dos concelhos de Faro, Tavira e Olhão, está a suscitar apressadas operações de limpeza das mesmas linhas de água cujo entupimento contribuiu decisivamente para as proporções alcançadas pela catástrofe.

No entanto, de acordo com o mesmo responsável, só foi possível, por razões financeiras, adjudicar este ano cerca de um quarto das obras preventivas aconselhadas pelo Ministério do Ambiente e dos Recursos Naturais, num estudo empreendido acerca dos factores das inundações. Neste trabalho, só na área da responsabilidade do Estado, os trabalhos exigidos implicavam um investimento total



As Inundações de há um ano no Algarve não pouparam sequer a capital do distrito.

de 400 mil contos.

A eventualidade da repetição das inundações de 89 é porém afastada por especialistas, segundo os quais se tratou de um fenómeno que só poderá ocorrer na província mais meridional do País de cem em cem anos, prazo que, no caso particular de Faro e Tavira, se elevará para o dobro.

João Monteiro reparte por Câmara Municipais, Junta Autónoma das Estradas e CP as responsabilidades pelos prejuízos de Outubro de 1989, devido à execução de projectos à revelia dos Serviços de Hidráulica. Também muitos particulares terão culpas no cartório, segundo o mesmo entendido, por desleixarem a limpeza e a desobstrução dos cursos de água, senão mesmo por procederem a aterros, a fim de obterem mais uns palmos de terreno.

É por isso que a Direcção Regional de Hidráulica do Guadiana, além de obras de regularização de leitos de ribeiras e linhas de água, se reclama de ter desenvolvido uma acção de sensibilização das entidades públicas e privadas para o cumprimento do que a lei dispõe sobre a matéria.

«Nota-se já uma maior preocupação dos proprietários, ao que não é estranho o facto de terem sentido na pele os efeitos das tempestades de há um ano», observa João Monteiro.

O mesmo responsável manifesta-se decidido a impor o acatamento da legislação aos mais renitentes em cumpri-la, embora reconhecendo a sua excessiva benignidade.

Adalberto Rosa - Lusa / Redacção DL

## PORTUGAL

SALÃO PORTUGUÊS DE LÍNGUAS E CULTURAS  
SALON PORTUGAIS DES LANGUES ET DES CULTURES  
PORTUGUESE FAIR FOR LANGUAGES AND CULTURES

LISBOA - Forum PICOAS - 02-04 OUTUBRO 1990

Diário de Notícias



Diário de Lisboa



# O possível regresso de um filho pródigo

Um curioso percurso sindicalista durante os 20 anos de actividade da CGTP

De um sindicato da CGTP para um da UGT e o regresso à «casa mãe» é a perspectiva de percurso de Joaquim Reis, anunciado ao DL na altura em que se sopram as 20 velas da Intersindical. Com este caso isolado, a central tem possibilidade de mostrar até que ponto vai a sua abertura... e que as feridas estão a sarar. Manuel Carvalho da Silva deu o mote, com o seu apelo aos «velhos» sindicalistas para que «entrem no activo». Mas alguns acontecimentos durante as comemorações deixaram ver que as antigas desavenças ainda não foram esquecidas.

«Penso voltar a sindicalizar-me num sindicato da CGTP e não tenho problemas em pertencer à Comissão Nacional da central, se para isso me elegerem», afirmou ao DL Joaquim Reis, actualmente filiado no SIMA (UGT).

Esta possível «transferência» - dependente de conseguir um emprego em vista - para além do passado histórico prende-se com dois factores: uma certa «desilusão em relação a alguns sindicatos da UGT» e a «abertura que se verifica no interior da CGTP».

Mas, a realizar-se, este não será um processo fácil e glorioso. Joaquim Reis, bem recebido por dirigentes como Carvalho da Silva, Manuel Lopes ou José Luís Judas, ainda no almoço comemorativo dos 20 anos da central, no passado sábado, deparou com o silêncio ofendido de Quintas (Metalúrgicos), que ainda não esqueceu as divergências passadas.

## Opções em tempos conturbados

Eleito dirigente do então Sindicato dos Ourives de Lisboa em Janeiro de 1974, Joaquim Reis divulgava então os ideais maoístas. Na era pós-Revolução tornou-se um contestatário ao crescente domínio da ala PC na Intersindical.

«Já antes do 25 de Abril existiam várias correntes no interior do movimento sindical. Com a vinda da Liberdade, as divergências acentuaram-se e fui um dos poucos que se opôs à unidade sindical», relata, na sua versão do que foram aqueles anos.

No dia 31 de Maio de 1974, a Intersindical define a sua estratégia do movimento sindical: acção coordenada e unitária. E nesse mesmo dia realiza-se aquilo que Joaquim Reis classifica como «uma acção muito grave: fizeram uma manifestação, do Parque Eduardo VII para o Ministério do Trabalho, contra as greves, considerando-as uma sabotagem à economia». E recorda alguns dos oradores: o então ministro do Trabalho, Avelino Gonçalves, Canais Rocha e João Fonseca.

Ainda nesse ano é aprovada a lei sindical, que acaba por contemplar a unidade. As reuniões entre os responsáveis pelo Ministério do Trabalho - Avelino Gonçalves (ministro), Carlos Carvalhas (secretário de Estado), Vital Moreira e Jorge Leite (juristas) - e os representantes das Inter (José Malaquias Pinela, Jaime Felix e Canais Rocha) caem num impasse, que Álvaro Cunhal, então ministro sem Pasta, tenta resolver chamando os sindicalistas a S. Bento. Como tudo se resolveu, quem

cedeu ou quem impôs, ainda hoje não está esclarecido.

Pinela - que recordou o caso no seu discurso no almoço das comemorações do 20º aniversário da central - foi afastado do processo. E a unidade sindical ficou consignada na lei.

Um ano depois, ao abrigo da lei da unidade sindical, voltam a realizar-se eleições no Sindicato dos Ourives de Lisboa, e José Reis ganha-as novamente.

## Sindicato desmembrado, passagem para a UGT

Durante os anos conturbados, o Sindicato dos Ourives de Lisboa destaca-se pela oposição à unidade e pela luta no terreno, sobretudo no processo contra o despedimento colectivo na Timex.

Em 1977 realizam-se novas eleições para a direcção, mas desta vez com resultados inversos: a lista de Joaquim Reis perde «por 12 votos», a favor da linha conotada «com a corrente maioritária da Inter, ligada ao PC», afirma o próprio.

O sindicato, que abarcava um espaço que ia de Leiria às Ilhas, «foi desfeito, e os associados integrados nos sindicatos regionais das várias áreas profissionais», afirma Joaquim Reis.

A par deste desaire na sua estrutura, dá-se o II Congresso da Inter, «onde ainda participo, ao mesmo tempo que também estou ligado ao Movimento da Carta Aberta», que viria a dar origem à UGT.

Com o desaparecimento do seu sindicato, Joaquim Reis tinha duas alternativas: ou filiar-se no Sindicato dos Metalúrgicos de Lisboa, a estrutura da CGTP, ou no SIMA, da UGT. Optou pela segunda, por dois motivos: «Foi uma questão de estratégia. Por um lado, não concordava com a forma como o Sindicato da CGTP estava a ser dirigido e todos os acontecimentos anteriores me tinham desiludido; por outro, como tinha aderido ao PS e o SIMA estava muito ligado à direita, era preciso combater essa tendência».

Todos estes anos esteve no SIMA, sem nunca ter tido qualquer papel relevante. «Nunca pertenci ao Conselho Geral como efectivo, mas apenas como suplente. Sempre fui um adversário do José Simões».

Continua filiado, apesar de há meses não pagar quotas. «Fui obrigado a sair da empresa onde estava (devido à imposição de uma rescisão de contrato 'amigável') e há dois anos e meio que me encontro numa situação de trabalho precário. Tenho agora a possibilidade de um novo emprego, num outro sector de actividade (petróleo), onde os sindicatos da UGT são muito maus. Assim, penso sindicalizar-me no sindicato da CGTP».

Adepto, segundo diz, da unidade sindical, Joaquim Reis afirma: «Não é só a CGTP que está a mudar, mas também a UGT. Ainda há algum tempo havia no seu interior quem dissesse que 'com os comunistas, nunca', e agora já se falam todos sem problemas», o que, em sua opinião, isso só prova «que a unidade entre as duas centrais é possível».

Elsa Andrade

Na sequência do seminário «Bairros sociais - novos rumos, novas realidades», organizado pela Comissão Nacional de Habitação, em 1989. Uma iniciativa que procurou assinalar o intercâmbio de experiências várias neste sector, em especial da Câmara Municipal de Oeiras, do técnico só se cumpre quando este deixa a secretária e

# Habitação social: só com a esperança a realizar



No Bairro do Bugio moram 178 famílias, oriundas, na sua maioria, do Caminho do Mocho, zona de barracas, em Oeiras, e do Vale do Jamor

Gostas de morar aqui? «Gosto. Tenho um quarto só para mim», diz-nos o João Ricardo, nove anos, habitante do bairro social do Bugio, em Paço d'Arcos. A mesma alegria é patente no rosto de Judite Cardoso, «50 anos e qualquer coisa», para quem ter uma casa parecia um sonho «já impossível de realizar». «Finalmente, chegou a nossa hora», responde-nos.

João Ricardo está acompanhado de dois amigos, o Leandro Filipe, de 10 anos, e o Nuno Miguel, que nos indica com os dedos ter sete primaveras. Falam-nos das brincadeiras que têm, do Snooker que jogam na ludoteca, dos vidros partidos que ninguém viu quem foi e de uma promessa feita há tempos: «o presidente disse que nos ia dar fatos de treino do Benfica».

Visitámos a casa da família Miranda, de Cabo Verde, o casal e quatro filhos. Estavam alojados no antigo Quartel do Espargal - habitação colectiva degradada e que serve de transição para o realojamento em bairros sociais. Habitam um T3, pelo qual pagam seis mil e 800

# Os ghettos só se destroem com

«A casa é um porto de abrigo, onde é possível ancorar uma história e um projecto de vida». Esta frase da arquitecta Gisela Fernandes, chefe de divisão da Câmara Municipal de Oeiras, proferida num seminário sobre habitação, retrata uma importante questão actual: qualquer comunidade necessita de sólidas estruturas para que os seus membros se sintam integrados no meio onde vivem. Os ghettos prevalecem, resistem, ainda que os núcleos de barracas e casas clandestinas sejam substituídos por tectos mais condignos. Muitos bairros sociais, do imenso «puzzle» que constitui área Metropolitana de Lisboa, são hoje prova disso mesmo.

Autarcas e técnicos portugueses e estrangeiros reuniram-se ontem e hoje, no Complexo Social das Forças Armadas, em Oeiras, para debater estes problemas no seminário «Novos Rumos, Novas Realidades», pro-

movido pela Câmara Municipal de Oeiras e pelo Instituto Nacional de Habitação. Questionar a falta de habitação, sobretudo na periferia da capital, o significado de «bairros sociais» no contexto urbano e o envolvimento dos cidadãos nos novos espaços alimentaram as várias intervenções e prenderam a atenção de uma vasta plateia.

Talvez tenha sido muito «técnico» o discurso dos técnicos participantes no debate - como ouvimos comentar nos corredores do complexo social. Serviu, porém, para relatar as experiências nacionais de desenvolvimento social e realojamento da população e para denunciar as grandes carências nacionais a este nível.

A velha ideia de que basta substituir os míseros casebres por andares bem equipados para levar a felicidade até uma família foi desmontada no decorrer dos trabalhos do seminário.

Maria de Lurdes Quaresma, chefe de divisão da gestão social do parque habitacional da Câmara Municipal de Lisboa, frisou que as pessoas têm que ser ouvidas nos processos de realojamento. «Devemos auscultar o tecido social se a ele queremos responder de forma adequada. Caso as zonas de habitação social não surjam como espaços de comunicação, corremos o risco de criar ghettos dentro da cidade, onde a marginalidade e o insucesso escolar se instalam. Estes custos são os mais pesados para a sociedade», frisou aquela técnica, referindo-se especificamente à zona de Chelas.

«Não há receitas tipo na construção social!», lembrou Gisela Mendes, chefe da divisão de habitação da Câmara Municipal de Oeiras. A arquitecta explicou a política municipal de habitação seguida há mais de dez anos por aquela edilidade. Política que, segundo as suas

## CONCESSIONÁRIOS



AUTOMÓVEIS • FURGONETAS • PEÇAS • SERVIÇOS • OFICINA

Av. Padre Manuel da Nóbrega, 8 — Telef. 894185/67/8 — Telex 63 403 AMACAR — 1000 LISBOA

## OTIDIANO

«Novas realidades», visitámos o Bairro do Bugio, prémio do Instituto para assinalar o «Dia Mundial do Habitat», dia 1 de Outubro, através da Câmara de Oeiras. Da visita ficou-nos uma certeza: a função social da habitação e vai para os locais trabalhar com as populações

## sonho de alguns lar para muitos

Escudos. Está tudo arrumado e o espaço, que se encontra bem dividido, parece pequeno para a quantidade de móveis e objectos existentes. Ambos, ele funcionário dos correios e ela doméstica, têm uma pequena tristeza, não possuem dinheiro para comprar a casa.

No Bairro do Bugio, a hora chegou para 178 famílias. Os moradores, são, na sua maioria, oriundos do Caminho do Mocho - zona de barracas, em Oeiras - e Vale do Jamor. Moram numa zona bem cuidada: prédios de quatro andares, em cor branca e verde, lojas de comércio, uma ludoteca, salão polivalente, centro de acolhimento para crianças em risco (filhos de pais em processo de divórcio ou marginais) e escolas para actividades culturais.

O projecto é de autoria do arquitecto Benito Ramalho e o seu custo total foi de 526 mil contos. Em Outubro de 1989 chegaram os últimos ocupantes, de um processo iniciado em Novembro de 1987. Metade dos fogos foram vendidos - um T2 pela quantia de 3.050 e 3.750 con-

tos e um T3, por 3.550 e 4.150.

Os outros bairros visitados, foram: Pombal, 116 fogos (Oeiras), Alto da Loba, 440 casas, (Paço d'Arcos), e Laveiras, 400 habitações (Caxias). Estes fazem parte de um conjunto de acções envolvendo 13 programas de promoção municipal, cinco cooperativas e dois ex-Serviços de Acção Social (SAL). Um trabalho desenvolvido pela Câmara Municipal de Oeiras, concelho com graves carências habitacionais, onde a população a realojar é de origem étnica diversa, prevalecendo os oriundos dos países africanos.

No entanto, os problemas de integração social são minimizados por um longo trabalho realizado pela Câmara. São feitos inquéritos à população visada onde se procuram saber quais as relações de vizinhança que gostariam de manter e as que estão interessados em evitar. Posteriormente, são constituídos grupos de moradores que se reúnem com os técnicos da edilidade.

Como refere ao «DL» a arquitecta Gisela Duarte, chefe da Divisão de Habi-

tação da Câmara Municipal de Oeiras, «não é com a entrega das chaves que acaba o nosso trabalho. Há toda uma acção que continua depois das pessoas habitarem a casa. Incentivamos a vida em comum, criando actividades culturais e desportivas e pontos de encontro».

Pelo que pudemos observar, os técnicos da Câmara conhecem bem a população com que trabalham. São saudados pelos locatários, havendo, inclusivé, serviços da Câmara a funcionar nos bairros sociais. A equipa da Divisão de Habitação da Gestão Social é constituída por três mulheres: Isabel Cordovil, psicóloga, Anabela Fonseca, socióloga e Maria da Luz, assistente social.

«Temos a preocupação de não fazer deslocar pessoas de um único local de origem. Porque se viessem só de uma zona, isso tenderia a conservar os problemas existentes», diz-nos Isabel Cordovil, acrescentando: «Na nossa função, o tema das relações de vizinhança é central».

Céu Neves

## com o apoio dos cidadãos

palavras, envolveu mais de 1278 fogos sociais, num valor de perto de 5,5 milhões de contos.

Vários programas de construção foram previstos no plano habitacional para o concelho de Oeiras, tendentes a fazer desaparecer os núcleos de barracas e bairros degradados. Entre eles contam-se as cooperativas de habitação, a autoconstrução, e o programa «Recria», que possibilita a participação da Câmara e do Estado nas obras a realizar.

E foi da vida de uma cooperativa do concelho - a

CHEUNI - que Maria Olivia Mira, técnica do Instituto Nacional da Habitação, veio falar. Situada em Queijas, a CHEUNI gere 271 fogos para cerca de 900 pessoas. Maria Olivia Mira trouxe, através de slides, um modelo pouco comum em matéria de habitação social em Portugal. Aquele pequeno bairro de Queijas tem quase todos os ingredientes de aproximação e integração das pessoas: espaços de lazer, de cultura e desporto, um jardim de infância, policlínica, parques, centro comercial, um pavilhão gimnodespor-

tivo em construção e espaços verdes. Ainda assim, Maria Olivia Mira apelou à Câmara para que combata no concelho de Oeiras os «vícios» dos dormitórios da periferia de Lisboa.

Na sessão de ontem, interveio o sociólogo francês Michel Bonetti sobre «os métodos de desenvolvimento social e a reabilitação urbana». Falou-se ainda sobre a recuperação de bairros como a Pedreira italiana, em Oeiras e a habitação a custos controlados, em Torres Novas.

Paula Sá

## «A habitação é um drama em Portugal»

Bem conhecido por não se calar perante as situações de miséria, o bispo de Setúbal, D. Manuel da Silva Martins aproveitou o congresso sobre habitação para denunciar as precárias condições em que vivem os portugueses neste campo. «A habitação é um drama em Portugal e ainda não houve um Governo que quisesse resolver a questão a sério, o que representa o drama maior», sustenta o prelado sadino.

D. Manuel Martins analisa o problema na edição no jornal «A Seara», órgão oficial da diocese, afirmando que «é urgente criar uma cadeia de solidariedade nacional, cuja função primeira terá que ser gritar contra a presente situação».

O bispo de Setúbal acrescenta que «só em Lisboa há perto de quinze mil barracas e mais de 20 por cento de jovens que se querem casar e não tem capacidade de tentar o crédito que o Estado lhes oferece». Considera ainda que «sem casa, não se fale em dignidade do homem nem em felicidade na família».

Uma habitação condigna constitui para o prelado sadino um chamado «direito natural», consignado no artigo 65 da Constituição. «A constituição é bela. O pior é o resto...», conclui D. Manuel Martins.

## Viragem do século traz novo «bebé»

Perspectivar a nova realidade da criança e da família, analisada no quadro das mudanças que a viragem do século trará e na consequente alteração dos padrões da qualidade de vida, é a grande aposta do simpósio internacional que decorre em Lisboa - na Reitoria da Universidade - até à próxima quinta-feira e que, reunindo a nata da comunidade científica mundial da especialidade, tem como protagonista o «Bebé XXI».

Forum de debate, por excelência, e com a tônica posta numa nova filosofia da saúde, da educação e, genericamente, do desenvolvimento e comportamento psico-infantil, o «Bebé XXI» vive os seus cinco dias de trabalhos com os olhos virados para si mesmo, isto é, para aquilo que significa ser «bebé» - criança - num mundo em que o ritmo da mudança marca, irreversivelmente, todo um trajecto de adaptação.

Dois mil e quatrocentos técnicos - entre médicos, professores, sociólogos, educadores e demais agentes profissionais ligados ao sector - encarregam-se de fazer cumprir os objectivos traçados para este simpósio: sobretudo o de recolocar a sua postura ao nível da intervenção no domínio social da família.

«Pretendemos, fundamentalmente, dar aqui um grito de alerta aos pais e educadores para chamar a atenção para os padrões de mudança da sua vida e, assim, ajudar a prepará-los para, em conjunto, reflectir e agir em conformidade com essa mudança», afirmou ao «DL» o professor João Gomes-Pedro, presidente da comissão científica e organizadora deste «Bebé XXI».

De acordo com este docente da Faculdade de Medicina da Universidade de Lisboa, o ritmo da alteração das políticas económicas e sociais e mesmo geo-estratégicas «determinaram já o surgimento de um novo polo familiar».

Para Gomes-Pedro, enquadrar o novo mundo da criança, já não é só perspectivá-la em termos dos indica-



Novos padrões de qualidade de vida e bem-estar são as principais exigências do «Bebé XXI», protagonista deste fórum de debate internacional

dores que dão conta dos diversos índices de saúde materno-infantil, de natalidade ou de escolaridade.

«Há toda uma nova mudança do tecido social que a medicina só pode acompanhar se forem estudadas estratégias, definidos modelos e encontradas soluções que permitam saber olhar por várias janelas para saber identificar e ajudar a desenvolver, personalisadamente, o bem-estar do bebé neste limiar do século».

E, decorrente dos objectivos traçados para o «Bebé XXI», está a necessidade de «encontrar as vias possíveis para uma nova filosofia da saúde e da educação».

É assim que, à luz da divulgação das investigações de ponta que, no domínio da pediatria e do comportamento socio-psico-infantil, são apresentadas neste simpósio e conjuntamente,

debatidas, «se torna possível formar mais e melhores técnicos, com mais e melhor preparação».

Da responsabilidade científica da Unidade de Desenvolvimento de Clínica Pediátrica da Faculdade de Medicina da Universidade de Lisboa, o «Bebé XXI - os padrões de mudança para a criança e para a família na viragem do século», conta com os apoios, entre outros, dos Ministérios da Educação e Saúde, Secretarias de Estado da Segurança Social e da Cultura, Junta Nacional de Investigação Científica e Tecnológica, Instituto Nacional de Investigação Científica, Fundação Calouste Gulbenkian, Fundação Luso-Americana para o Desenvolvimento, Fundação Oriente, Unicef, Nestlé Portuguesa e Direcção-Geral da Família e Instituto de Promoção Turística.



«Novos Rumos, Novas Realidades», um seminário a decorrer em Oeiras, procura respostas para o problema dos bairros sociais em Portugal

## CULTURA

*Nada havia nos irmãos Marx que os comparasse a Chaplin. Deselegantes, avassaladores e pouco românticos, eram, no entanto, um caso único de sucesso. A Metro (quem mais havia de ser?) ainda os quis disciplinar, mas com isso só apressou a morte do artista. Um dos irmãos -Groucho- nasceu há precisamente cem anos, filho de um alfaiate judeu que se gabava de dispensar a fita métrica*

# O último a rir

Imagine-se que tínhamos de eleger o homem mais irreverente do século. Quem escolheríamos? Marlon Brando? Woody Allen, Al-mada Ne, reiros ou nenhum deles? Gostos não se discutem, mas, quaisquer que sejam as opções, Groucho Marx será sempre um dos mais sérios candidatos à vitória final. Com inteira justiça, refira-se. É que, ao falar-se de irreverência, recorda-se quase imediatamente aquela figura dominada por um par de sobranceiras tão absolutamente desmedido quanto o charuto que lhe pendia dos lábios, sob um bigode que, aliás, já pouco tinha de discreto.

Falava, por assim dizer, «pelos cotovelos», mas não falava por falar, embora a alguns parecesse que sim. Ao seu perfil de caricatura, como dizia James Agee, acrescentava-se uma radical insolência no uso da palavra, em que Groucho, de resto, era mestre. Os filmes que os Marx interpretaram a seu belo-prazer, assinalaram, afinal, o enobrecimento do sonoro, pois raramente o verbo fora (ou viria a ser) tão fundamental na construção de um clima. Surpreender, e se possível, chocar era primordial.

Há cenas exemplares. Em «Agulha no Palheiro» vê-se uma multidão de ansiosos repórteres aguardando o momento de entrevistar uma cantora lírica de primeira água. Groucho formula também as suas questões e o resultado é de fazer desmaiar a pobre da vedeta: «É verdade que você se divorciará logo que o seu marido recuperar a vista - pergunta-lhe ele, e logo a seguir - e que lava a cabeça com caldos de farinha, tendo já dançado também num circo de pulgas sábias?»

A escrever, Groucho Marx mantém intacta esta capacidade de dizer o que lhe passa pela cabeça. Mas, a brincar, a brincar, vai mostrando que Hollywood, como Dantas, também não cheira muito bem da boca. No livro publicado postumamente «Memórias de um Pinga-amor» há, por exemplo, apontamentos tão notáveis como este: «Nunca consegui perceber porque é que quando eles correm os 100 metros estão tão ansiosos por chegar

à meta. Se não sássemos do ponto de partida, não chegariam à outra extremidade tão suados e fatigados. Mas há tantas coisas na vida como a corrida de 100 metros!» Perante uma frase destas há inevitavelmente duas reacções distintas: a dos que nada levam a sério, riem a bandeiras despregadas, partindo rapidamente para outra, e a daqueles que não podem deixar de se arrepiar ante a aplicabilidade da anedota à vida «civilizada».

## No princípio era o vaudeville

A Nova Iorque em que Groucho nasceu há cem anos pouco diferiria da cidade que John dos Passos nos descreve em «Manhattan Transfere»: metrópole gigantesca em que, «acreditavam os largos milhares de emigrantes que a ela afluíam - o nascimento não tem importância, a educação não tem importância. O que importa é subir». Entre estes fiéis do sonho americano estavam também os pais Marx, alemães de nascimento, cuja casa era constantemente ocu-

Além de cinco irmãos havia o meu pai e a minha mãe, uma irmã adoptiva e uma corrente contínua de parentes pobres que não parava de desaguar, noite e dia, em nossa casa».

Se o progenitor dos Marx era um alfaiate excêntrico, conhecido por Sam, o mal vestido, a mãe fora em tempos uma comedianta que, uma vez ocupada com a ingrata tarefa de manter cinco rapazes, se encarregou da respectiva educação artí-

Em 1924, conquistam a Broadway com aquela insuportável insolência que lhes serviria de imagem de marca. Cinco anos depois, com Gummo já convertido à tarefa de empresário, é o «Atenção Hollywood! Os irmãos Marx chegaram!» Para a Paramount fizeram a versão cinematográfica das revistas «The Coconut» e «The Animal Crackers». O êxito foi imediato. Nunca se vira nos ecrãs uma tal efervescência, uma loucura tão

cinema em bruto, por assim dizer puro».

Há momentos de antologia na filmografia dos Marx, mas, convém lembrar, nunca a loucura de que dão mostras é apenas um gag hilariante, desprovido de história ou de intencionalidade. O chamado humor marxiano atinge (e de que maneira) as coisas sérias e (demasiado adquiridas) da vida: as instituições enrodilhadas nas inércias que elas próprias originaram, as figuras da autoridade e os mecanismos da high art que ninguém ousa questionar, receando passar por bacoco ou por pouco esclarecido. É assim que se explica uma «Noite na Ópera», um dos mais conhecidos filmes dos Marx, realizado por um razoável tarefeiro da Metro, de seu nome Sam Wood. Como o belo canto, o próprio cinema não escaparia à veia satírica dos Marx: em 1946, já no final das respectivas carreiras artísticas, interpretariam «Uma Noite em Casablanca». O objectivo era, no caso, atingir, não «Casablanca» de Michael Curtiz (ainda bem), mas o star-system, gerador de vedetas e a fabricação de objectos de culto para as massas.

## É preciso respeitar o sr. Thalberg

É histórica a escassa liberdade de movimentos que as majors concediam aos respectivos «plantéis». É histórica e, por vezes, trágica. No caso dos irmãos Marx, é simplesmente lamentável.

Quando, nos anos trinta, eles foram contratados pela Metro-Goldwyn-Mayer, esta era dirigida por um rapazito endinheirado. Só

que há duas espécies de rapazes: os manobráveis e os desconfiados, munidos de um vasto manancial de ideias próprias. Irving Thalberg era destes e, por causa dele, até Joan Crawford adoptava o comportamento de uma virginal filha família. Leão em casa de leões, Thalberg tratou de refrear a cáustica loucura dos irmãos Marx. Arranjou-lhes realizadores de ocasião e histórias em que o humor servia de complemento a intrigas amorosas, mais convergentes com o padrão hollywoodesco. O sucesso continuou, mas o resultado não justificava a mutilação. Os Marx aceitaram, mas não morriam de amores pela Meca do cinema. Em «Memórias de um Pinga-amor», Groucho confessa-se o pária da cidade dos sonhos, em que se tem forçosamente de fazer parte de um bando para ser bem sucedido. Nos finais dos anos 40, a fórmula esgota-se. Os irmãos estão perfeitamente conscientes do facto e batem em retirada, fartos de concessões à indústria.

O último a rir é, no entanto, o que ri com mais gosto. Quarenta anos depois, o público que tem oportunidade de assistir a tais filmes, consegue descortinar a intencionalidade dos actores em confronto com o que Thalberg e seus semelhantes quiseram mostrar como hilariantes tolices. Na época em que a Fox fazia de Betty Grable o paradigma da leveza, a cabeça servia mais do que nunca para usar chapéu.

Maria João Martins



## Tudo por rever

Todos os cómicos que se distinguiram como criadores e renovadores do universo cinematográfico asseguraram eles próprios a direcção dos seus filmes, não só por razões de produção, mas também por imperativo de criatividade.

Chaplin, Keaton-Pamplinas ou Jerry Lewis começaram como actores ao serviço de produções alheias e acabaram como realizadores das suas próprias ideias, só então se impondo como autores com uma gramática distinta e renovadora. Se eu entendo que Keaton é o mais genial de todos eles, ao nível de uma «mise-en-scène» que melhor articula o personagem com o espaço, no que só terá comparação com Tati, não vem agora ao caso.

O que acontece com os irmãos Marx é que eles nunca foram os criadores, a não ser dos seus próprios «gags» e do discurso turbulento de Groucho, tudo isso anarquicamente perturbado pelo

inesperado movimento de Harpo, encarregado de destruir o que previamente se construía. Quer isto dizer que, nos seus filmes, a câmara sempre actuou como um mero aparelho de registo das habilidades dos actores e não como utensílio de uma escrita articulada com as ideias de Groucho ou os movimentos de Harpo. A este nível, só a violência da sua iconoclastia os distingue de outros agrupamentos de cómicos, como Bucha e Estica, Abbott e Costello, Dean Martin e Jerry Lewis ou Bob Hope e Bing Crosby.

Aliás, em matéria de cómico e burlesco, como em algumas outras, a história do cinema está por fazer, e tudo é necessário rever e reavaliar. Se só muito recentemente foi possível reabilitar Buster Keaton, o lugar de muitos outros precisa de ser revisto: o patético de Larry Semon, o desconstrutivismo de Langdon ou a truculência de Fields.

Adelino Cardoso

pada por parentes menos afortunados. No seu livro «Groucho and Me», o animador de hoje testemunha: «Nasci mais ou menos no início do século. Na nossa cabana no lado Es-te de Nova Iorque parecíamos sardinha em lata.

stica. Ainda muito jovens, Chico, Harpo, Groucho, Gummo e Zeppo são submetidos ao baptismo das tábuas e familiarizados com o teatro de vaudeville, cujos gags, hábitos e ritmos se revelarão de importância vital no futuro dos artistas.

imprevisível e espontânea que levasse André Martin a dizer tudo nesta frase: «A câmara pode imobilizar-se em frente dos três irmãos como se enquadrasse uma tirada mímica de Charlot ou uma arrancada de um bailarino flamengo; ela regista

## De Marx a Marx

Julius H. Marx, dito Groucho, nasceu há cem anos e morreu em 1977, mais novo que Chico e Harpo, desaparecidos em anos 60. Mais velho setenta e dois anos que ele, e há sete falecido no seu nascimento, outro Marx foi durante muito tempo mais célebre, por razões de história que hoje tem (ingrata!) razões pejorativas contra ele. Não esqueçamos, porém, que já em 1968, num corredor da Universidade de Paris-Nanterre, alguém escreveu: «Sou marxista, tendência Groucho» - que era então, nas balbúrdias de Maio, uma linha nova e bem necessária para que o mundo das ideologias tivesse alguma imaginação...

Nesse mundo, os três irmãos Marx trouxeram uma libertação de comportamentos ortodoxos, para além de todas as lógicas -e, logo, da mais racional delas, de confirmada prática, que é a burguesa. Para tal, era preciso tratá-la pelo lado de dentro, e os dois manos, Chico e Harpo, são imediatamente suspeitos, Groucho representa uma respeitabilidade aparente, como Charlot, também de fraque e bigode falso. Só que ele não dá ao mundo em que se mete (de praxes ou de ideias) qualquer espécie de crédito. A sua intervenção é, permanentemente e velozmente, levada a débito das estruturas sociais, por assim dizer. As quais estão bem representadas por essa impávida e nobre dama que se chamou Margaret Dumont e foi sendo «Mistress Qualquer Coisa», respeitavelmente, de filme para filme, vítima dos encantos ofensivos de Groucho e dançando nos seus braços, entre 1929 e 41, ou seja entre «The Cocoanuts» e «The Big Store». Não há lugar para ela na «Noite em Casablanca» e, em 1949, no último «marx», «Love Story», além de Ilona Massey, pior ainda, aparece Marilyn Monroe nos braços de Groucho. Vinte anos depois da sua estreia cinematográfica, a libido de Groucho rejuvenesceu -e de tal maneira que o bigode que usa deixou de ser pintado em maquilhagem, mas de seu autêntico pêlo.

Vigarista emérito, às Lettres, usando, com natural abuso, os sistemas dialécticos do quotidiano, Groucho passou vinte anos (mais os que trazia do teatro de «vaudeville» à americana) a demonstrar que o crime paga -quando está do bom lado que é, por definição, o dele, ficando só alguma virtude compensada, nos pares amorosos da mitologia hollywoodiana que entremeia os filmes. Para além dos quais, porém, Groucho e os seus irmãos, destruindo coisas e nomes delas, acções e verbos de as dizer, numa vertiginosa contra-textualização, deram ao cinema dos anos 30, prolongado, mas já muito espaçadamente, pelo decénio seguinte, a maior de todas as lições de pessimismo que o público devia merecer. Público de antes, de durante e de depois da guerra -quando a guerra necessária era, na realidade, muito outra, contra o senso comum desse público combatente e vítima...

Burlesco, de burlar, «non sense» de tirar (daí) o sentido, o cinema dos irmãos Marx, em treze filmes de números calculados na mais absurda folia, sem explicação possível nem desejável, formam um dos capítulos mais coesos da história da sua arte, só comparável ao cinema de Charlot dos anos 10. Não sem lembrar que o seu «Limelight» final é (quase) contemporâneo do último «marx».

E para dar uma garantia às ideias possíveis desse cinema, não faltará uma ponderosa frase do grande Panofsky que, muito a sério, como filósofo, vê na cena final de «Noite em Casablanca», inspirado, em paródia, do famoso filme romântico. (Harpo ao comando dum avião, braços e pernas agitados numa frenética alegria) «um esplêndido e aterrador símbolo do comportamento do homem na era atômica», tal a desproporção entre os seus esforços e a grandeza do desastre provocado...

...Que poderia responder Julius H. Marx a tão solene comentário? Entre outras coisas comemorar-se-á agora, também, o centenário da possibilidade, com ele nascida, dessa resposta, em sua própria tendência «marxista»...

José-Augusto França



Se a História é o que está a dar, o Turismo também vai dando. Isto, pelo menos no que diz respeito ao Círculo de Leitores (CL) que no «Guia Turístico de Portugal de A a Z» teve este ano o seu best-seller maior: 110 mil exemplares vendidos desde Janeiro, dez mil mais do que um grande êxito passado, «Os Anos da Guerra» (colonial).

Turismo à parte, não se pense que esta História que tanto encanta os leitores do CL é só a longínqua. Não, ou não só, como se pode provar pelo facto de «Os Anos 80», tido como um livro sobre um passado ainda próximo e já perspectivante, ir nos 37 mil exemplares.

Das vendas para as compras, para dizer que o preço de capa não tem grande coisa a ver com elas. E é assim que, orçando todas estas obras entre os 4 e os 6 contos, têm elas, apesar disso, uma procura muito maior do que as de Literatura, cujas tiragens, mais baratas, raramente ultrapassam os 7500 exemplares.

Uma que ultrapassou foi «A Imortalidade», de Kun-

Círculo de Leitores

## Obras para toda a família concurso para os jovens

dera (9000 exemplares, a que há que juntar as vendas da edição Dom Quixote). Um bom lançamento, pois, mas relativo, se o compararmos com os 90 mil exemplares que o CL se prepara para vender de «Ciência e Técnica», uma obra em cinco volumes, anunciada como um «espectacular panorama do conhecimento científico da Humanidade».

Espectacular ou não, a verdade é que para um responsável do CL (ontem, em mais um almoço com jornalistas), o público do clube procura fundamentalmente obras de tipo enciclopédico, «obras para toda a família».

Claro que o CL não é o país todo, nem estes dados valem senão como amostragem, sinal de preferência de um público determinado: o que compra livros através de um intermediário que lhe serve de guia. Mas, se nos lembrarmos que o CL tem cerca de meio milhão de sócios, com uma distribuição social, etária e geográfica relativamente homogênea, então o sinal pode ser um indicador de consumo a ter em conta.

Adiante para, afinal, se voltar atrás e dizer ainda sobre o antagonismo enciclopédias-ficção. Um exemplo e é o seguinte: enquanto «Os Anos da Guerra» (colonial) tiraram cem mil exemplares, um romance sobre a guerra colonial («Nó Cego», de Carlos Vaz Ferraz, acabado de editar pelo CL) não deve ir além dos 3500. Ainda que somando este número às tiragens de edições anteriores de «Nó Cego», é caso para dizer que a guerra é a mesma mas uma coisa são as «obras para toda a família», outra, algo diferente, um romance, «que se lê e pronto» (e as aspas agora são do DL, não do CL).

### «O Mundo à Nossa Volta»

E deixemos cifrões e cifras para falar de algo mais elevado, apesar de ser juvenil. É o concurso literário de iniciativa CL, destinado a jovens dos 8 aos 12 anos, «O Mundo à Nossa Volta».

Segundo o regulamento, os textos a apresentar podem ser individuais ou colectivos, dactilografados ou não, é o que se queira, numa espécie de «que cem flores

floresçam» de que falava o chinês que se sabe. Agora, quem sabe é Alice Vieira que organizou este concurso comemorativo do 20º aniversário da instalação em Portugal do CL.

E como do 20º aniversário se trata, o CL compromete-se, desde já, a editar em livro os vinte melhores trabalhos (ou como tal considerados pelo júri). O produto da venda -bonito gesto- reverte para para as CERCIS (cooperativas para a educação e reabilitação de crianças inadaptadas).

Apetecia ficar por aqui e era o que aconteceria, não se desse o caso de, ontem, durante o almoço, alguém do CL ter dito que «Intrigas e Desejos», o sexto romance da inglesa P.D. (Phyllis Dorothy) James, ser coisa a não perder. É um policial e começa assim: «A quarta vítima do Assobiador foi a mais jovem de todas elas, Valerie Mitchell, de quinze anos, oito meses e quatro dias...». Quatrocentas e oitenta e nove páginas após, o livro chega ao fim.

Rodrigues da Silva

## CML agenda Cultura para a «rentrée»

Após uma interrupção de dois meses, a Câmara Municipal de Lisboa volta a publicar a «Agenda Cultural», de distribuição gratuita, com listas de todas as iniciativas relativas ao mês de Outubro.

Formato, tamanho e conteúdo da Agenda sofreram reformulação total. Em vez do pequeno desdobrável herdado da vereação de Abecasis, surgiu uma pequena revista (10,5 X 21cm) com informações mais detalhadas. Por exemplo, no capítulo «Cinema e Teatro», apontam-se, além dos filmes e

das salas, nomes de actores, realizadores e datas de estreias. Uma zona nova, dedicada às novas edições literárias, inclui editoras e preços dos livros.

No final, sob epígrafe de António Nobre, sugere-se um passeio pelo bairro do Castelo. O itinerário inspira-se em Norberto de Araújo. Enquanto não são reeditadas suas as «Peregrinações em Lisboa», aponta-se esta pequena homenagem de uma CML agora mais atenta à história da cidade.

### Exposição Portugal-Brasil na Gulbenkian

Inaugura hoje na Fundação Gulbenkian a exposição Portugal-Brasil: a era das descobertas atlânticas. Organizada pela Fundação Cultural Brasileira, em Nova Iorque, pela Secretaria de Estado da Cultura, pela Fundação Calouste Gulbenkian e pela Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos.

A exposição foi mostrada durante três meses na Public Library de Nova Iorque e considerada pela crítica internacional como um instrumento de rara utilidade para a divulgação da História de Portugal.

### Recital de canções de Kurt Weill no Acarte

Realiza-se, hoje e amanhã, na Sala Polivalente do Serviço Acarte, um recital de canções de Kurt Weill. Interpretam Elvira Archer e Luís Madureira.



# COMUNA

## TEATRO DE PESQUISA

**2 SALAS • 2 ESPECTÁCULOS**

SALA NOVA
SALA 1

**TERÇA A SÁBADO — 21.30 • DOMINGO 17H**

### 2.º MÊS

## O ESTRANGEIRO EM CASA

TEXTO • RICHARD DEMARCY  
MUSICA • JOSE MARIO BRANCO

## UM ELECTRICO CHAMADO DESEJO

TEXTO • TENESSEE WILLIAMS  
TRADUÇÃO • M. JOAO GOMES

**ENCENAÇÃO - JOÃO MOTA**

«... brilhantes interpretações.» — O JORNAL

«... excelente encenação.» — A CAPITAL

«... surrealista, absurdo, épico, cruel.» — O EXPRESSO

«... verdadeira fruição teatral.» — O EXPRESSO

«... um espectáculo perturbador, pujante de força.» — A CAPITAL

APÓIOS: F. GULBENKIAN • REMÉDIOS MUSIC
CINE FOTO AVIZ • CABELEIREIRO CITY PUBLICO

**MARCAÇÕES T. 726 08 18**

**SUBSIDIO S.E.C.**

## CULTURA E ESPECTÁCULOS

Elliott Sharp surpreendeu ontem o público do Centro de Arte Moderna

## Entre a ordem e a desordem

Os blues do Delta americano, com a sua feição elementar, o rock psicadélico dos anos sessenta, o *hardcore*, subgénero em que se encontram os extremistas do *punk* e do *heavy metal*, Varese, Cage e Xenakis, a afinação precisa e as séries harmónicas, as músicas do Tibete religioso, dos pigmeus centro-africanos e dos mongóis, o *free jazz* de Cecil Taylor, a electrónica *live* - como é que tantos universos musicais, de proveniências tão distintas e até opostas, podem convergir numa linguagem sonora que tenha consistência suficiente para ser uma? O resultado ouvimo-lo quantos fomos assistir, ontem, Dia Mundial da Música, aos dois concertos de Elliott Sharp a solo ou com os portugueses Telectu na sala polivalente do Centro de Arte Moderna.

Elliott Sharp será dos casos mais surpreendentes da actual cena *underground* nova-iorquina. Ao contrário de grande parte dos seus contemporâneos, este conceituado compositor e multi-instrumentista especializado na guitarra não se limita a somar os preceitos do jazz pós-ayleriano aos esquematismos

do *art rock*. Sharp não reproduz os clichés das músicas que aborda e mistura, desmonta-os e remonta-os a seu bel prazer, ou seja, não é um músico exclamativo. Não lhe interessa também, convirá acrescentar, a provocação ostentatória, longe que se encontra dos militantismos de ruptura doutros tempos.

Se a sua música é agressiva e um tanto exibicionista, violenta mesmo (houve quem saísse da sala do Acarte nos concertos do fim da tarde e da noite de ontem, tal foi a intensidade dos acontecimentos), depressa entendemos que se trata de um recurso processual, no sentido da interrogação, e esta levada até às últimas consequências. Foi o que se ouviu - quando os Telectu procuravam aproximar-se de uma sonoridade mais especificamente urbana, era às rítmicas *rock* mais estereotipadas que recorriam, enquanto que o guitarrista (e por cá igualmente saxofonista, em soprano) se contentava com aludi-las, para logo as converter. A diferença de sensibilidades subjacente pôde ser julgada no terreno, e o encontro de Elliott Sharp com Jorge Lima Barreto e Vítor



Francisco Paraiso

Jogos de texturas e frequências fazem a música de Elliott Sharp

Rua só não falhou porque o americano, como grande músico que é, soube converter-se às características do duo português, mais do que estes se adaptaram a ele.

Quem sabe, sabe.

Quer isto dizer que o melhor de ambas as sessões esteve, indubitavelmente, nos solos de Sharp e não no encontro deste com os Telectu. Entre a manipulação da alta tecnologia ou a fundamentação algorítmica, por um lado, e a intuitiva exploração dos sons, o espontaneísmo improvisacional, por outro, notou-se em Elliott Sharp um paradoxo de difícil resolução? Pareceu contraditória a enorme densidade auditiva, o volume esmagador, o carácter extrovertido de uma música que parecia grande mas que incluiu, dentro dela, uma profusão incontável de pequenos elementos, micro-ritmos,

estruturas mínimas interiores a essa construção maior, uma miríade de fragmentos, detalhes, ruídos, texturas e ornamentos? Como foi possível apreendermos segundo uma linha expositiva clara e linear algo que é francamente esquizóide na junção de estilos e arquétipos, de materiais e disposições?

São as perguntas que ficam, depois desta passagem meteórica de um dos mais fascinantes músicos da actualidade por Lisboa. Os dualismos são sempre formadores. Com uma guitarra e um baixo a tiracolo, tomados num único instrumento que tocou ora com a sua técnica pianística, ora servido por *gadgets* elec-

trónicos que foram do *delay* ao *sampling*, ou com um sax encostado à perna de modo a que o som tivesse de sair por outras vias, Elliott Sharp confrontou-nos, no Centro de Arte Moderna, com um tipo bem diverso de considerações. Já não foi o virtuosismo interpretativo que nos interessou, mas o controlo das polifonias, o jogo sequencial, a *syntax and sense imploding*, como referiu certa vez um crítico norte-americano, comparando as desconstruções e reconstruções musicais do nova-iorquino às literárias de um Thomas Pynchon ou um Don DeLillo.

Entre a ordem e a desordem, Sharp é um inventor de sons e de organizações sonoras. Não têm necessariamente de ser «bonitos», esses sons. Nas performances de ontem ele não andou longe da estridência, do *feed-back*, vestindo por completo a estética *noise*, própria da megalopolis industrial - de certa forma, esta música age por representação. Acontece que a inventividade não pode viver num limbo imaginativo sem referências, e por isso a música de Elliott Sharp passa também pelo reconhecimento, pelo enraizamento. Pode parecer excessiva, a sua prática musical, podem até ser-lhe apontados os constrangimentos de uma musicologia que perdeu o Norte e já não sabe como entender positivamente o que hoje se passa - a verdade, porém, é que este habitante da Nova Iorque *downtown* não faz mais do que juntar os cacos de uma modernidade que caiu em ruínas. É caso para dizer: ainda bem.

Rui Eduardo Paes

Câmara Municipal de Lisboa

TEATRO SÃO LUIZ

A FESTA DO CINEMA



OUTUBRO

de 3ª a 6ª feira,  
às 18:00 h  
180x00

CULTURA

Seleção de Lauro António

LISBOA VOLTA A TER CINEMA NO SÃO LUIZ



## Santana Lopes pessimista em relação ao São Carlos

O Secretário de Estado da Cultura considera de difícil resolução os problemas do São Carlos. De acordo com Santana Lopes, aquela instituição vai receber uma verba de 770 mil contos, quando as suas necessidades apontavam para um orçamento de milhão e meio de contos. O concerto ontem realizado no Teatro São Luís (em cima, na foto), ao qual assistiram, para além de Santana Lopes, e o Presidente de Administração do Teatro de São Carlos, foi um êxito, afirmou Rosa Ventura ao DL. A mesma fonte diria que os músicos querem resolver os seus problemas, mas sem haver para já ameaça de greve. As tentativas de negociação serão retomadas no próximo dia 10.

# DESPORTO

A um dia dos grandes exames

## Cinco bolas na roleta

Pronto: é já amanhã que cinco equipas portuguesas discutem a continuidade nas competições europeias de clubes, num cenário que apresenta cores diversas para o mesmo quinteto, onde ressalta o azul-vivo do F.C. do Porto.

A roleta começa a rodar às 19 horas, em Neuchâtel (Suíça) onde o Estrela da Amadora discutirá com o Xamax local a sorte da eliminatória, cuja 1.ª «mão» terminou com empate a um gol.

Meia hora mais tarde, em Belfast (Irlanda do Norte) e nos arredores de Bruxelas (Bélgica), F.C. do Porto e Sporting apresentam duas histórias diferentes para encerrar as respectivas campanhas: os portistas avançam confiantes (com a esplêndida vantagem de cinco golos) e os «leões» seguram-se ao magro pecúlio (1-0) conseguido em Alvalade.

O Estádio da Luz será (a partir das 21 horas) o palco do tira-teimas Benfica-Roma, confronto que se inicia com os romanos a tentarem manter pelo menos o golorelâmpago de Carnevalle. Meia hora depois, em Guimarães, inicia-se a «reprise» do compromisso entre vimeiranos e turcos do Fenerbahçe, os primeiros já sem Paulo Autuori (mas com Pedro Rocha) e os visitantes com um Guss Hiddink posicionado na corda-bamba, mas a beneficiar da vantagem de três golos.

### Porto tranquilo

Salvo um tremendo cataclismo, o Porto está já morando na 2.ª eliminatória da Taça dos Clubes Campeões, pois é quase impossível esbater-se muito a vantagem dos cinco golos que leva como credencial à Irlanda, para o jogo no Shamrock Park, em Belfast. A confiança é de tal ordem que o presidente Jorge Nuno Pinto da Costa, o dirigente Reinaldo Teles e o técnico Artur Jorge já têm hotel marcado na Suíça, para assistirem, na 6.ª-feira, ao sorteio de nova eliminatória uefeira.

Os «dragões» que viajaram até Belfast, são: Vítor Baía, Padrão, João Pinto, Geraldão, Aloísio, Branco, André, Jaime Magalhães,

Madjer, Paille, Morgado, Kiki, Fernando Couto, Jorge Couto, Semedo e Domingos. Ausentes mais notórios: Bandeirinha e Abílio.

### Estrela em viagem

Agatão (que se lesionou no sábado, frente ao Sporting) é um dos grandes ausentes para o encontro a disputar pelo Estrela da Amadora para a Taça das Taças.

Além de Agatão, o técnico Manuel Fernandes também não poderá contar com Rebelo e Álvaro, ambos a recuperarem de lesões.

A comitiva do Estrela da Amadora, que esta manhã seguiu para a Suíça é chefiada pelo presidente Jaime Salvado, e integra o presidente-adjunto (Júlio António) e o chefe do departamento de futebol (António Bernardo, Toni).

Para o jogo com o Neuchâtel Xamax, o técnico Manuel Fernandes convocou os guarda-redes Melo e Vital, os defesas, Rui Neves, Duílio, Valério, Alexandre Nunes, Abel Xavier e Dimas, os médios Abel Campos, Miranda, Marito, Paulo Bento, Paulo Jorge e Elias e os avançados Baroti, Pedro Xavier e Ricky.

Apesar das lesões de Rebelo, Agatão e Álvaro, o presidente Jaime Salvado espera estar presente na 6.ª-feira no sorteio em Zurique.

«Tivemos um bom início de época, que foi travado nos últimos jogos pelo F.C. do Porto e Sporting. Confio plenamente nos corpos técnicos, clínicos e 'plantel', que têm demonstrado grande capacidade». «O valor da nossa equipa e o apoio que iremos receber dos milhares de emigrantes faz-nos acreditar na passagem a eliminatória seguinte, apesar de reconhecer ser tarefa difícil», salientou.

### Roma em Lisboa

Ontem, enquanto o Sporting tomava o rumo da Bélgica, chegava a Portugal o Roma, parceiro de luta do Benfica. O «central» brasileiro Aldair, que volta ao parque da Luz, declarou:

— Temos um golo de vantagem, mas em sua casa o Benfica é muito forte. Tive uma bela passagem por Lisboa, mas ago-

ra o Benfica está mais enriquecido de valores, mais potente e é candidato sério ao título português e a uma bela caminhada na Europa. Mas o Roma tem também os seus triunfos...

A equipa italiana viajou em «charter» e está hospedada no Hotel Altis. O treinador Ottavio Bianchi reservou para a conferência de Imprensa que terá lugar esta tarde algumas declarações sobre o jogo e ontem apenas atiantou a lista dos jogadores que estão à sua ordem: Peruzzi e Zinetti (guarda-redes), Comi, Berthold, Piacentini, Aldair e Nela (defesas), Salsano, Gianini, Desideri, Gerolin, Tempestilli (médios), Voeller, Carnevale, Bruno Conti, di Mauro e Carboni (dianteiros).

Dino Viola, os seus colegas da direcção e os dirigentes do Benfica reúnem-se esta noite, num jantar que terá lugar em restaurante típico, enquanto Eriksson está a contas com diversos problemas: depois das forçadas ausências de Hernâni e Magnusson, também Thern e Schwarz apresentam lesões e estão entregues a um difícil trabalho de recuperação, ao lado de José Carlos, cuja utilização na noite de amanhã parece altamente improvável.

### Sporting cauteloso

Uma temperatura a rondar os 15 graus, o que na Bélgica se pode considerar bom tempo, esperava a equipa do Sporting, que joga amanhã com o Malines para a Taça UEFA.

Segundo diz Marinho Peres, o desafio «é tão importante para o Sporting como para o Malines, já que um deles ficará pelo caminho». Confirmando a sua confiança pelo facto de a equipa ter vindo a produzir boas exibições, o técnico «leonino» afirmou que a sua única dúvida se prende com a eventual utilização do médio brasileiro Douglas. O jogador (que esteve ausente no Amadora-Sporting) ainda não regressou aos treinos e só hoje à noite conhecerá a decisão final, dada pelos médicos do clube. Para o seu lugar, Marinho Peres admite a possibilidade de utilizar o australiano Bozinoski, ao mesmo tempo que deixa antever a possibilidade de Filipe poder actuar de início no lugar de Litos.

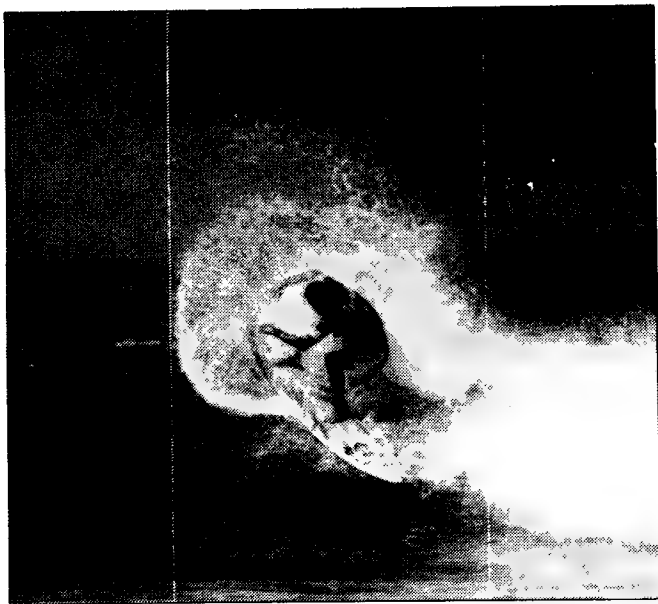
Os jornais de Bruxelas destacam o facto do Malines ser uma equipa muito experiente e que nas competições da UEFA raramente se deixa surpreender. De referir que segundo as previsões meteorológicas para amanhã, a temperatura deverá rondar os 13 a 15 graus, sem chuva e com vento seco.

Sob a presidência de Sousa Cintra viajaram outros dirigentes de Alvalade (Mário Nunes da Silva, Abílio Fernandes, Correia Leal, Ilídio Dinis, Soares Machado e Álvaro Braga Júnior), os técnicos Marinho Peres e António Dominguez, o preparador físico Terziński, o médico Fernando Ferreira, o massagista Leonel Pires, o roupeiro António Rodrigues e os seguintes jogadores: Ivkovic, Sérgio, Carlos Xavier, Luisinho, Venâncio, Leal, João Luís I, Miguel, Litos, Douglas, Careca, Oceano, Bozinoski, Filipe, Lima, João Luís II, Cadete e Fernando Gomes.

### Guimarães: tudo por tudo

Finalmente, o Vitória de Guimarães recebe os turcos do Fenerbahçe na cidade-berço, a partir das 21 e 30, numa partida em que os minhotos necessitarão mais de um prodígio que de outra coisa qualquer. Os três golos de vantagem com que os vimeiranos iniciam o confronto da 2.ª «mão» não auguram nada de bom. Contudo, a equipa dirigida pelo holandês Guss Hiddink não está nada bem, perdendo consecutivamente terreno no campeonato turco, de tal forma que a posição daquele técnico se apresenta pouco menos que periclitante. Os turcos trazem 16 jogadores: Schumacher, Neget, Erdi, Isandil, A. Supli, Semih, Muijdat, Godham, Ercan, Hasan, Oguz, Aykit, Purhan, B. Senol, Senol III e Vokri.

Quanto aos vimeiranos, o técnico uruguaio Pedro Rocha ainda está com bastantes dúvidas em relação ao «onze» que vai entrar em campo, não apenas porque desconhece a valia de diversos elementos mas igualmente porque as indicações (conselhos...) que lhe chegam de diferentes fontes entrecrocaram-se e fazem avolumar a incerteza da escolha...



Luta com as ondas

### «Surf»: título na Ericeira

Na Ericeira, processou-se o Campeonato Mundial de Surf (Buondi Pro) com os seguintes vencedores: a australiana Pam Burridge (25 anos) e Tom Curren (californiano, de 26 anos). Em provas-extra triunfaram Matt Branson (melhor «Floater») e Collin Smith (1.º «Aerial»). Melhores portugueses nestes campeonatos: Patrícia Lopes, João Alexandre (Dapin). Estiveram em disputa prémios no valor de 90 mil dólares e a organização pertenceu à «Windsurf Guincho» e à Associação dos Hoteleiros do Estoril, Sintra e Mafra, com as relações públicas entregues a Duarte Cancellia de Abreu. Estiveram presentes concorrentes de Portugal, Brasil, Austrália, EUA, Hawai, Japão, África do Sul e França, num total de 100 atletas.



Tom Curren: título para os Estados Unidos



### Hipismo no Campo Grande

De amanhã até 7 do corrente vai ter lugar o Concurso de Saltos Internacional de Lisboa, que contará com a actuação de todos os melhores praticantes do hipismo. O número 1 do «ranking» nacional, Jorge Matias, irá defender as cores da «Marconi Jumping Team», com quatro cavalos que vão desfilarem no relvado da Sociedade Hípica Portuguesa, no Campo Grande.



**TEMOS PARA VENDA**  
EM LISBOA: LOTES DE TERRENO — PRÉDIOS DEVOLUTOS  
COM PROJECTO APROVADO — EM TODAS AS ZONAS DA CIDADE AOS MELHORES PREÇOS  
**HABITAÇÃO — ESCRITÓRIOS**  
CENTROS COMERCIAIS — HOTÉIS — APARHOTÉIS

CONTACTE-NOS:

Avenida D. Nuno Álvares Pereira, 46, 1.º, Esq. — 2800 ALMADA-PORTUGAL — Telef.: (01) 274 42 56 - 274 42 57 — Fax 274 36 53 — Telex 61004 TRIALM P — Apartado 33 — ALMADA-PORTUGAL

## Nossos lutadores preparam «Mundial»

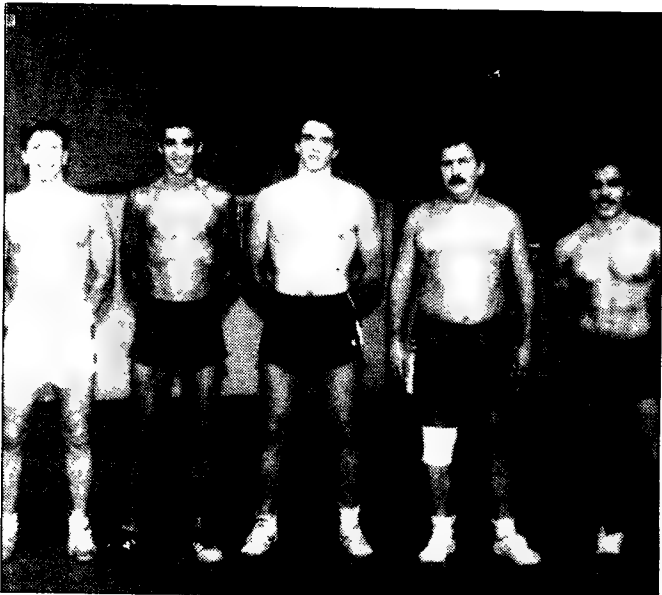
Cinco atletas portugueses participam no Campeonato do Mundo de Luta Greco-Romana que se realiza de 19 a 21 do corrente, em Roma e que neste momento já se encontram em Barcelona, num estágio com a selecção de Espanha e com uma selecção búlgara constituída por atletas não escolhidos para o «Mundial».

O estágio decorre no Centro de Alto Rendimento de Barcelona constituído para o efeito e da equipa portuguesa fazem parte Paulo Martins, Fernando Gaspar, Carlos Félix, Pedro Silva e Adriano Costa, acompanhados pelo treinador búlgaro Ivanov. No dia 16, atletas e treinador viajam para Roma, onde a comitiva será chefiada pelo presidente da Direcção da Federação de Lutas Amadoras, Pedro Santos. Para Roma, viajarão ainda o árbitro de categoria «excepcional» Mariano Pedro e o médico da equipa portuguesa Miguel Manaças.

Adriano Costa, na categoria de 52kg, tem 24 anos e como é emigrante em França representa o SPC Colombier. Foi vice-campeão de França em 1989 e 1990 e 11.º no último campeonato do Mundo. Tem-se preparado juntamente com a selecção francesa, cujo departamento técnico aconselhou a federação portuguesa a incluí-lo na equipa dada a sua boa forma actual. Veio a Lisboa para seguir para o estágio e considera que «se o sorteio me for favorável posso alcançar um bom lugar na classificação».

Paulo Martins, na categoria de 74kg, é o mais qualificado atleta português. Tem 20 anos e para além de ter ganho este ano o Torneio da Primavera, em Loures, foi 2.º no Torneio Milone (Itália), onde bateu o actual campeão do Mundo. Fernando Gaspar (57kg) e 20 anos; Carlos Félix (62kg) e 26 anos e Pedro Silva (82kg), 20 anos, os dois primeiros do Benfica e os outros do Sporting, compõem a equipa portuguesa.

Pedro Santos, presidente da federação portuguesa, afirmou à partida dos atletas para Barcelona que «a qualidade dos atletas tem forçosamente de aumentar dadas as condições de trabalho que lhes têm sido proporcionadas». Relativamente ao «Mundial» «os resultados dependem muito do sorteio, mas temos atletas com condições para uma boa classificação».



Esta é a nossa representação no Mundial de Roma. O técnico (Ivanov) e os atletas Paulo Martins, Fernando Gaspar, Carlos Félix e Pedro Silva

## DESPORTO



«Mens sana in corpore sano»

# Ginásio Clube Português: clube de orgulho nacional

Fundado em 18 de Março de 1975, o Ginásio Clube Português é, inquestionavelmente, uma colectividade de orgulho nacional. Os relevantes serviços prestados à educação física, desde que iniciou a sua longa caminhada, na Carreirinha do Socorro, até chegar às Amoreiras, revelam bem a sua vocação para o desenvolvimento, dinamização e fomento da cultura. Quem foi que disse (ou escreveu) que o desporto é uma forma de cultura? A avaliar o vasto somatório da sua importância no revigoração social, cultural e desportivo da sua acção, bastará observar o painel de galardões, troféus, medalhas e diplomas que se encontram expostos na bonita «sala de honra» da sua sede. Colar de Honra do Mérito desportivo, Comendador da Ordem militar de Cristo, Comendador da Ordem de Benemerência e,

com destaque, lá está a Taça «Fearney», instituída pelo Comité Olímpico Internacional que é, nem mais nem menos, do que o mais alto galardão concedido por aquele organismo. E sabe-se que foi outorgado ao GCP «pela sua meritória acção de percursor e divulgador da educação física em Portugal».

Colectividade de orgulho nacional que tem em Luís Caldas, Laura Amorim, Edite Rodrigues, Dália Cunha, Mário Begonha, Maria Ivone Ferreira, Maria Teresa Carvalho, Maria Helena Vialva, Elvira Trindade, Hermenegildo Candeias, Carlos Abreu, Manuela Pradinho, Maria Manel Rodrigues, Fernando Almada, José da Costa Pedro, Francisco Coelho, Isabel Curado e Rui Rosa, entre muitos outros, os seus mais elevados expoentes.

No final da passada semana

fomos visitar o seu universo e, em conferência de Imprensa, fomos informados do muito que foi feito, em que circunstâncias e o muito mais que está em projecto. Américo da Glória Raiado (presidente do executivo), Pereira Coutinho, Prata da Conceição, Palma Loureiro, Almeida Seabra, Vidigal Vieira, Oliveira Duarte, Portas de Figueiredo, professora Rupa, Isabel Freire, José Augusto, Leal de Almeida e outros dirigentes e membros do corpo docente, souberam traçar os objectivos futuros duma colectividade que conta com cerca de 13 mil associados, dos quais 6500 são atletas do clube. Uma palavra de louvor para o secretário permanente do GCP — António Mota Ferreira — pelo acompanhamento que nos proporcionou em todo o universo deste padrão de orgulho lisboeta, de nove pisos de uti-

lização desportiva (e social) distribuídos por 7000 m2 de área coberta, compreendendo 20 ginásios (todos em pleno funcionamento), dois «courts» de ténis e um campo polivalente (descoberto), e ficámos a saber que o clube tem 20 modalidades gímnicas e desportivas, 250 classes em funcionamento, e conta, no seu quadro, com 80 professores, sete pianistas, dois médicos, um enfermeiro, um professor de canto coral para além de uma vasta equipa de funcionários administrativos.

Ficamos a aguardar pela concretização da 3.ª fase deste clube que no momento presente tem 700 horas/semana de ocupação. Notável. Ginásio Clube Português: um marco de orgulho e sempre a crescer.

Alves Henriques

### TRIBUNAL JUDICIAL DA COMARCA DE ALENQUER ANÚNCIO

Pela 2.ª Secção do Tribunal Judicial da comarca de Alenquer, correm éditos de vinte dias, contados da segunda e última publicação deste anúncio, citando os credores desconhecidos do executado NUNO ÂNGELO ABREU ALVARES, residente no Caminho da Azinhaga, 42, Funchal, Madeira, para no prazo de dez dias, posterior àquele dos éditos, reclamarem o pagamento de seus créditos, pelo produto dos bens penhorados sobre que tenham garantia real, na Execução de Sentença, n.º 166/A/89, que Avipor Aves e Representações, S.A., com sede em Abrigada, Alenquer move contra o executado.

Alenquer, 25 de Setembro de 1990

A Juiz de Direito, Maria Encarnação Abecasis Capa de Honrado

O Escrivão Adjunto Interino, Albino do Nascimento Ramos DL — 2.ª Pub — 2/10/90

## INSTITUTO DE LÍNGUAS DE ALGÉS

Av. dos Bombelros Voluntários, 29-2.º - ALGÉS

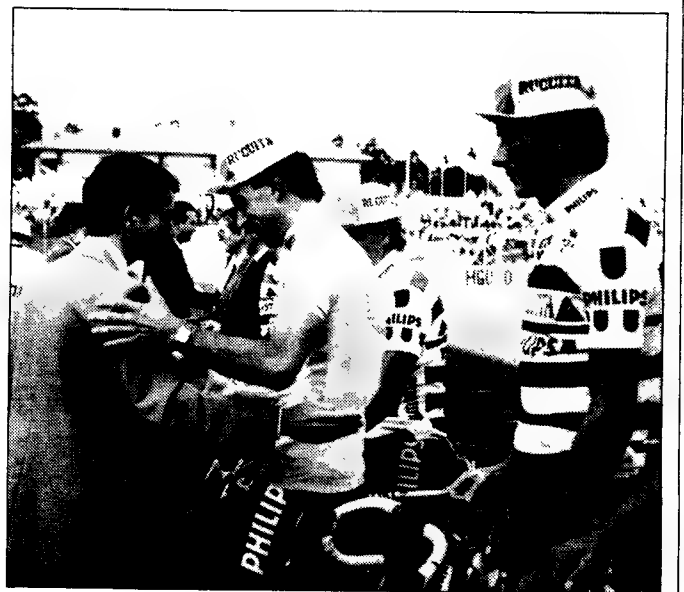
Telefone 410 29 10

INGLÊS — FRANCÊS — ALEMÃO  
PORTUGUÊS PARA ESTRANGEIROS

MATRÍCULAS ABERTAS DAS 10 ÀS 12H  
E DAS 16 ÀS 21 H EXCEPTO AOS SÁBADOS

## Feirenses homenagearam Carvalho

Fernando Carvalho e a equipa da Ruquita Feirense foram homenageados pelo excelente triunfo daquele excelente ciclista na última edição da Volta a Portugal. Galardões, medalhas, diplomas e muitas palavras bonitas, foram distribuídas no passado domingo no campo de futebol de Santa Maria da Feira. Fernando Carvalho e seus companheiros de equipa, escutaram aplausos vibrantes e ouviram palavras reveladoras do apreço dos seus conterrâneos pelo êxito que teve eco por estradas de todo o País.



Fernando Carvalho recebe o abraço dos «feirenses» transmitido pelo presidente da autarquia

## DESPORTO

Nacionais de ténis (Troféu Artur Mantero)

## Nuno e Sofia: campeões da moda

Os primeiros triunfos de Sofia Prazeres (16 anos) e de Nuno Marques (20 anos) nos Campeonatos Nacionais de 1.ªs Categorias levam a pensar numa supremacia da juventude sobre a veteranaria, principalmente se notarmos que estes títulos foram obtidos frente ao até então tetracampeão e sobre a campeã que atingia a final pela 4.ª vez consecutiva. Contudo, será justo atribuir designação de veteranos a tenistas como João Cunha e Silva e Tânia Couto, que contam apenas 22 e 18 anos, respectivamente?

No fundo, talvez seja mais adequado afirmar que o Lawn Ténis Clube da Foz distinguiu os dois jogadores que assimilaram mais facilmente as novas correntes estilísticas que vigoram no ténis mundial. Com efeito, depois de na década de 70 e grande parte da de 80, se ter expandido um ténis defensivo, baseado na percentagem de erros inferior à dos adversários, a modalidade entrou na última dezena de anos do século cheia de pujança, com os estilos ofensivos a imporem-se aos demais.

E, apesar de tradicionalmente a terra batida ser considerada uma superfície mais propícia aos jogadores defensivos, acabaram por ser aqueles que melhor atacaram os que saíram vitoriosos: Nuno Marques graças ao seu eficaz encadeamento serviço-vôlei e Sofia Prazeres enquanto uma adepta da estratégia habitualmente designada por atacante do fundo do «court». No entanto, os novos campeões do nosso ténis, não confiaram apenas nos seus dotes naturais: e, apresentaram-se no Porto munidos de um estilo mais completo, com as fraquezas de outrora a funcionarem como novas soluções de jogo. Nuno Marques nunca se inferiorizou nas trocas de bola mais demoradas, teoricamente mais favoráveis a Cunha e Silva e, em alguns casos, o andamento da sua bola revelou-se mesmo superior ao do antigo campeão. Outro aspecto melhorado por Nuno Marques diz respeito à resposta ao serviço, facto comprovado por Cunha e Silva ter sido constantemente obrigado a volear abaixo do nível da rede, cometendo numerosos erros. Por seu lado, Sofia Prazeres apresentou maior desenvoltura no jogo produzido do meio-campo para a frente, conseguindo vôleis e «smashes» de belo efeito, embora por vezes com uma técnica menos ortodoxa. Também o seu serviço se mostrou mais eficaz, com uma superior percentagem de primeiras bolas.

Isto não quer dizer que Tânia Couto e Cunha e Silva estejam definitivamente ultrapassados. Pelo contrário, o aparecimento de Sofia



Sofia: onde foi a bolinha?



Nuno Marques: alegria vai saltar!

e Nuno foi o melhor que lhes podia acontecer. Os agora ex-campeões eram tidos nos seus primórdios como jogadores defensivos, mas quem os viu actuar nas finais destes 66.ªs Campeonatos Nacionais reformulou certamente esse conceito. O tenista do Benfica apostou claramente numa tática do serviço-vôlei (à partida mais talhada ao seu adversário) e a representante da Escola Centro de Ténis de Oeiras deixou-se dos «balões» de outros tempos, optou por «petardos» de direita e esquerda e foi deste modo que conseguiu arrebatá-lo o 2.º «set», não permitindo à sua adversária mais do que 13 pontos nessa partida. A diferença esteve (mesmo) na maior facilidade com que os vencedores assimilaram as novas «modas» do ténis profissional.

Outra faceta a realçar destes «Nacionais», refere-se à

fraca espectacularidade das finais, não obstante terem sido aquelas que ostentaram os jogadores portugueses melhor classificados nos «rankings» mundiais, em todo o historial do nosso ténis: 118.ª (Marques) e 133.ª (Silva) na lista ATP, e 364.ª (Prazeres) e 535.ª (Couto) na relação WTA. Significativamente, foram os mais cotados a tornarem-se campeões.

Destaque ainda para Emanuel Couto (17 anos), que se apoderou dos dois títulos de pares em disputa, dada a inexistência de competição de pares femininos por falta de inscrições suficientes! Nas duplas masculinas, Emanuel actuou ao lado de Pedro Sousa (o novo campeão nacional de juniores) enquanto que na variante mista emparelhou com a sua irmã Tânia, renovando o título alcançado no ano passado.

das da Foz. Questionado acerca deste aparente paradoxo, Marques explicou ao «DL» que «se calhar este título até é muito especial, para provar que certas considerações feitas sobre as minhas não participações em anos anteriores eram completamente infundadas. Nunca tive medo de participar em qualquer prova».

João Cunha e Silva realçou «o grande valor do adversário», mas acrescentou ter-se tratado «dum daqueles dias em que nada correu bem». Para o benfiquista, o importante foi «dignificar esta prova», pois não chegou ao Porto nas «melhores condições físicas e psicológicas, devido ao desgaste sofrido pela constante competição internacional nas dez semanas anteriores».

Sofia Prazeres considerou ter-se preparado «muito bem para estes campeonatos» e acrescentou ser a sua vitória de «inteira justiça». Quanto à inesperada quebra no segundo «set», a jogadora do Carcavelos Ténis justificou-a do seguinte modo: «A Tânia começou o «set» muito bem, e adiantou-se logo para 2-0: quando vi que já não conseguia recuperar a tempo, decidi poupar-me para a partida decisiva».

Por seu lado, Tânia Couto não acusou demasiada a derrota, apesar de salientar não se sentir «nada satisfeita por ter perdido. Este não foi, no entanto, o meu último encontro nem o

nosso último confronto, pelo que o importante é voltar ao trabalho ainda com mais vontade», concluiu a agora vice-campeão nacional.

## Finais

os resultados das finais dos campeonatos nacionais de 1.ªs categorias foram os seguintes, em singulares masculinos: Nuno Marques (2)-João Cunha e Silva (1), 6-2, 7-6 (7/4), 6-3. Singulares femininos: Sofia Prazeres (1)-Tânia Couto (30), 6-4, 1-6, 6-3. Pares masculinos: Emanuel Couto/Pedro Sousa-Paulo Machado/João Couto, 6-1, 2-6, 6-0, 6-2. Pares mistos: Emanuel Couto/Tânia Couto-Mário Azevedo Gomes/Patricia Valadas, 6-0, 6-2.

Nos campeonatos nacionais de veteranos, que se disputaram simultaneamente no Porto, mas no Clube de Ténis local (CTP), os resultados das finais foram os seguintes, em singulares para mais de 35 anos: José Vilela-Santos Costa, 6-2, 6-0. Pares — José Vilela/Luís Lencastre-Teixeira da Silva/Teixeira da Silva, 6-3, 6-1. Mais de 45 anos (singulares): João Lagos-Nuno Allegro, 6-1, 3-6, 6-0. Pares: Manuel Silvestre/Borges Coelho-Nuno Allegro/Raul Leitão, 6-3, 6-3. Mais de 55 anos: António Trindade-Antero Simões, 6-3, 7-5. Mais de 65 anos: Virgílio Coutinho-Romeu Martins, 6-0, 6-0.

Hugo Ribeiro

**ESTA SEMANA NÃO PERCA**

Jornal de letras, artes e ideias

**PEPETELA, CONTADOR DE ANGOLA**

ENTREVISTA PÁGS. 67

**CONTRA A ESCRITURA POP**

**MEC MEQUINHOS E MEQUINHES**

TEXTO DE JORGE LIMA BARRETO PÁG. 14

**GRAÇA, LOBO E CORDEIRO**

ENTREVISTA PÁGS. 18/19

● **TEATRO: A TEIA DA LEI**

INQUENITO PÁGS. 16/17

**GARIZO E LÓ TINTAS A MEIAS**

ENTREVISTA PÁG. 20

**MORAVIA: A MORTE DO INCONFORMISTA**

ENTREVISTA IN TEXTO DE URBANO TAVARES RODRIGUES PÁGS. 9/9

**ESPECIAL FÉRIAS/90**

**no HOTEL DO PARQUE**

★★★★★

**VIANA DO CASTELO COSTA VERDE**

O Hotel do Parque em Viana do Castelo elaborou para si um atractivo programa especial «Férias 90» oferecendo-lhe a possibilidade de gozar as suas melhores férias de sempre no coração do Alto Minho e no sossegado ambiente das suas 4 Estrelas, Piscinas, Bares, Sala de Jogos, etc. Preços p/pessoa em quarto duplo c/peq. almoço incluído.

|                                         |                                   | OUTUBRO    |
|-----------------------------------------|-----------------------------------|------------|
| <b>PROGRAMA 1</b><br>6 noites<br>7 dias | Entrada domingos<br>Saída sábados | 15 900\$00 |
| <b>PROGRAMA 2</b><br>7 noites<br>8 dias | Entrada qualquer dia              | 19 950\$00 |

• Peq. Suplemento p/ocupação single.

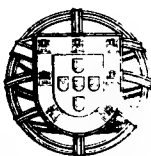
Peça-nos programa detalhado «ESPECIAL FERIAS 90», por Telex (058) 82 86 05, Telex 32511 HOPARC P, Fax 82 86 12 ou no seu AGENTE DE VIAGENS.

## AGENDA

# I Série N.º 228

## Dia 2 de Outubro

### DIÁRIO DA REPÚBLICA



#### Presidência da República

**Rectificação:**  
É rectificado o Decreto do Presidente da República n.º 42/90, que nomeia secretário adjunto do Governador de Macau o Dr. Sebastião José Coutinho Póvoas, publicado no *Diário da República*, 1.ª série, n.º 209 (suplemento), de 10 de Setembro de 1990.

#### Ministério das Finanças

**Declarações:**  
De terem sido autorizadas alterações de rubricas no orçamento de 1990 de vários ministérios.

#### Ministérios das Finanças e do Emprego e da Segurança Social

**Portaria n.º 925/90:**  
Cria no quadro de pessoal da Direcção-Geral das Relações Colectivas de Trabalho, do Ministério do Emprego e da Segurança Social, três lugares de assessor.

**Portaria n.º 926/90:**  
Alarga o quadro do Instituto do Emprego e Formação Profissional (IEFP).

**Despacho Normativo n.º 114/90:**  
Cria no quadro de pessoal do Instituto do Emprego e Formação Profissional um lugar de assessor principal, a extinguir quando vagar.

#### Ministério da Justiça

**Decreto-Lei n.º 312/90:**  
Aprova o processo especial de suprimento da prova do registo predial e altera o Decreto-Lei n.º 519-P2/79, de 29 de Dezembro.

#### Ministério dos Negócios Estrangeiros

**Decreto n.º 41/90:**  
Aprova o Acordo de Cooperação no Domínio da Comunicação Social e respectivo Acordo Rectificativo entre a República Portuguesa e a República Popular de Moçambique.

**Decreto n.º 42/90:**  
Aprova o Protocolo (sobre Televisão) Adicional ao Acordo de Cooperação no Domínio da Comunicação Social entre a República Portuguesa e a República Popular de Moçambique.

**Avisos:**  
Torna público ter o Secretário-Geral da Organização das Nações Unidas decidido, em conformidade com o parágrafo 3 do artigo 75 do Acordo Internacional sobre o Canal, 1986, prorrogar em parte o Acordo pelo período de dois anos a contar de 1 de Outubro de 1990.

Torna público ter, em 24 de Agosto de 1990, a Espanha ratificado a Convenção Quadro Europeia sobre Cooperação Transfronteiriça das Colectividades ou Autoridades Territoriais.

#### Ministério da Agricultura, Pescas e Alimentação

**Portaria n.º 927/90:**  
Sujeita ao regime cinegético especial os prédios rústicos situados na freguesia de Benquerença, concelho de Penamacor.

**Portaria n.º 928/90:**  
Sujeita ao regime cinegético especial os prédios rústicos situados na freguesia de Concelho de Cantanhede.

#### Ministério da Educação

**Portaria n.º 929/90:**  
Altera a designação do curso de bacharelato em Construção Civil ministrado na Escola Superior de Tecnologia do Instituto Politécnico de Faro para bacharelato em Engenharia Civil e aprova os planos de estudos para o regime diurno e para o regime nocturno. Derroga a Portaria n.º 317-H/86, de 24 de Junho, na parte referente à regulamentação do curso de bacharelato em Construção Civil e revoga a Portaria n.º 422/89, de 9 de Junho.

**Portaria n.º 930/90:**  
Altera a designação do curso de bacharelato em Equipamentos Técnicos ministrado na Escola Superior de Tecnologia do Instituto Politécnico de Faro para bacharelato em Engenharia Técnica e aprova o respectivo plano de estudos. Derroga a Portaria n.º 317-H/86, de 24 de Junho, na parte referente à regulamentação do curso de bacharelato em Equipamentos Técnicos.

**Portaria n.º 931/90:**  
Reconhece o Instituto Superior de Ciências da Informação e da Administração — ISCIA como estabelecimento de ensino superior particular, a funcionar nas instalações que possui em Aveiro.

**Portaria n.º 932/90:**  
Autoriza as Escolas Superiores de Educação Jean Piaget, de Almada e de Arcos de Valdevez, a ministrarem o curso de professores do ensino básico — 1.º ciclo, nas respectivas instalações, a partir do ano lectivo de 1990-1991.

**Portaria n.º 933/90:**  
Autoriza a Universidade Internacional a ministrar o curso de Ciências Matemáticas (nomes: Matemática e Matemática Aplicada) e aprova o plano de estudos a partir de 1990-1991.

#### Ministério do Emprego e da Segurança Social

**Decreto-Lei n.º 313/90:**  
Transfere diversas competências do Instituto de Gestão Financeira da Segurança Social para os centros regionais de segurança social.

#### Ministério do Comércio e Turismo

**Portaria n.º 934/90:**  
Revoga a Portaria n.º 167/78, de 29 de Março.

**Despacho Normativo n.º 115/90:**  
Sujeita ao regime de preços vigiados, nos estádios de produção, importação e comercialização, os bens enquadrados no desdobramento da Classificação das Actividades Económicas (CAE, revisão de 1973) 3523.3.0 — Fabricação de detergentes sintéticos e suas preparações.

# I Série N.º 225

## Dia 28 de Setembro

### 2.º SUPLEMENTO

#### Presidência do Conselho de Ministros

**Resolução do Conselho de Ministros n.º 39/90:**  
Determina a alienação de 9 500 000 acções da CENTRALCER — Central de Cervejas, S.A.

## HOJE

### CONTINENTE

Em todo o território: Céu pouco nublado, tornando-se muito nublado a Norte do Cabo Carvoeiro a partir da tarde. Vento fraco. Nebulosa matinal. Mar de pequena vaga com ondulação noroeste de 1 a 2 metros na Costa Ocidental e encrespado a de pequena vaga com ondulação inferior a 1 metro na Costa Sul.

**Amanhã**  
Regiões do Norte: Céu muito nublado com abertas para a tarde. Vento fraco soprando moderado de Noroeste a partir da manhã. Períodos de chuva passando a aguaceiros fracos.

Regiões do Centro e Sul: Períodos de céu muito nublado. Vento em geral fraco. Em todo o território: Nebulosa ou nevoeiro matinal.

### MADEIRA

Períodos de céu muito nublado. Vento fraco a moderado de Nordeste.

Mar de pequena vaga a cavado com ondulação noroeste de 1 a 2 metros na Costa Norte e encrespado com ondulação inferior a 1 metro na Costa Sul.

No Funchal: Céu pouco nublado e vento fraco.

**Amanhã**  
Períodos de céu muito nublado. Vento Nordeste fraco a moderado.

### AÇORES

Grupo Ocidental: Períodos de céu muito nublado. Vento de Nordeste moderado a forte. Aguaceiros fracos. Pequena descida da temperatura. Mar cavado a grosso com ondulação noroeste de 3 metros.

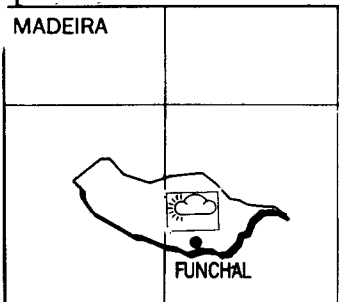
Grupo Central: Períodos de céu muito nublado. Vento moderado de Oeste rodando para Nordeste e soprando, por vezes, forte. Aguaceiros diminuído de intensidade a partir da tarde. Pequena descida da temperatura máxima. Mar cavado a grosso com ondulação noroeste de 3 metros.

Grupo Oriental: Céu geralmente muito nublado. Vento moderado de Sudoeste, rodando para Noroeste a partir da tarde. Períodos de chuva passando a aguaceiros. Mar cavado com ondulação noroeste de 2 a 3 metros.

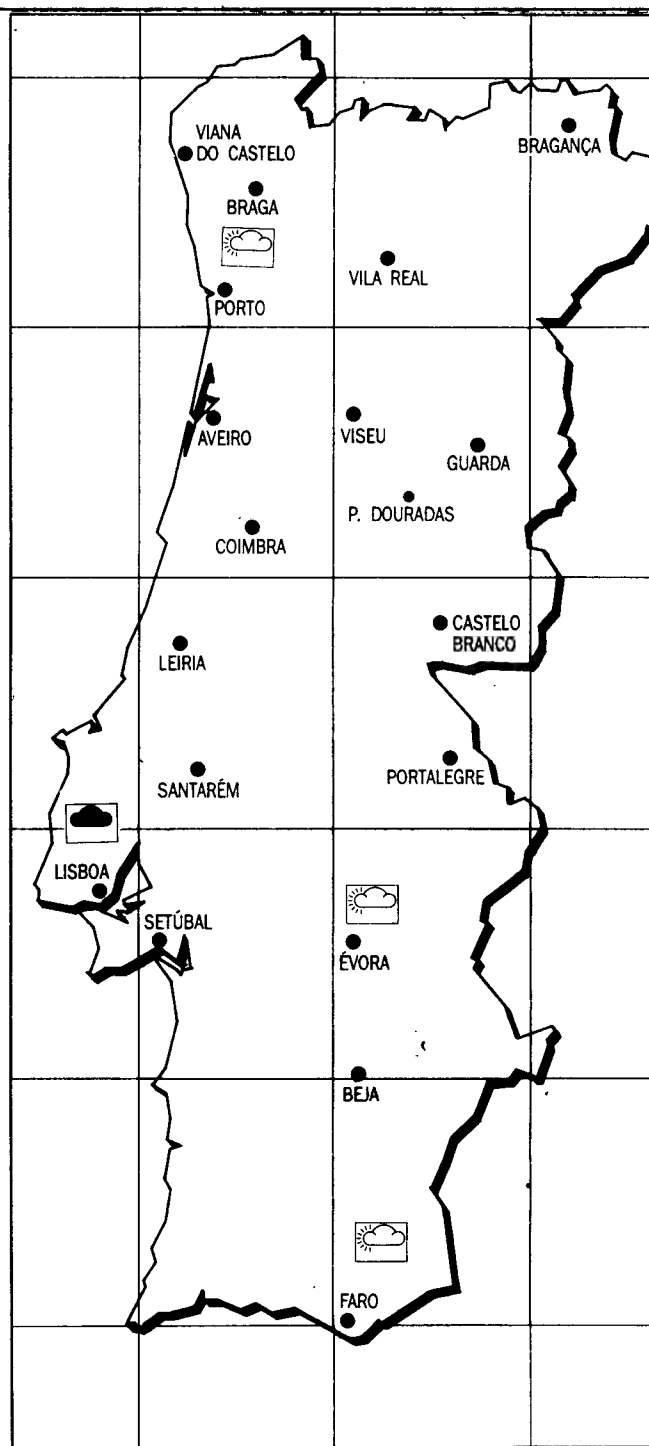
**Amanhã**  
Grupos Ocidental e Central: Períodos de céu muito nublado. Vento Leste moderado.

Grupo Oriental: Períodos de céu muito nublado. Vento Nordeste moderado, por vezes forte. Aguaceiros. Pequena descida da temperatura.

\* Informação do Instituto Nacional de Meteorologia e Geofísica



## O ESTADO DO TEMPO



## PORTUGAL

|                   | Mín. | Máx. | As 6 h.    |
|-------------------|------|------|------------|
| Bragança.....     | 11   | 13   | M. nub.    |
| V. Castelo.....   | 9    | 10   | Nevoeiro   |
| Vila Real.....    | 12   | 12   | Limpo      |
| Porto.....        | 12   | 12   | Nebulosa   |
| P. Douradas.....  | -    | -    | -          |
| Coimbra.....      | 12   | 12   | Limpo      |
| C. Carvoeiro..... | 18   | 18   | Limpo      |
| C. Branco.....    | 15   | 17   | P. nub.    |
| Portalegre.....   | 18   | 18   | Limpo      |
| Lisboa.....       | 16   | 16   | Limpo      |
| Évora.....        | 15   | 15   | Limpo      |
| Beja.....         | 14   | 14   | P. nub.    |
| Faro.....         | 20   | 20   | P. nub.    |
| Sagres.....       | 18   | 18   | Limpo      |
| P. Delgada.....   | 20   | 20   | Aguaceiros |
| Horta.....        | 18   | 19   | M. nub.    |
| Funchal.....      | 19   | 19   | P. nub.    |
| Sines.....        | 15   | 16   | P. nub.    |

## EUROPA

|                | Mín. | Máx. | As 6 h.  |
|----------------|------|------|----------|
| Madrid.....    | 13   | 14   | M. nub.  |
| Londres.....   | 11   | 13   | M. nub.  |
| Paris.....     | 14   | 14   | M. nub.  |
| Berlim.....    | 10   | 10   | Nebulosa |
| Amsterdão..... | 8    | 9    | Nebulosa |
| Genebra.....   | 13   | 14   | -        |
| Roma.....      | 18   | 19   | Nebulosa |
| Oslo.....      | 4    | 6    | Chuva    |
| Copenhaga..... | 6    | 7    | M. nub.  |
| Estocolmo..... | -1   | 1    | Nevoeiro |
| Berlim.....    | 9    | 10   | Nebulosa |
| Viena.....     | 12   | 13   | Chuva    |
| Varsovia.....  | 7    | 9    | P. nub.  |
| Atenas.....    | 17   | 21   | P. nub.  |
| Moscou.....    | 3    | 4    | Chuva    |

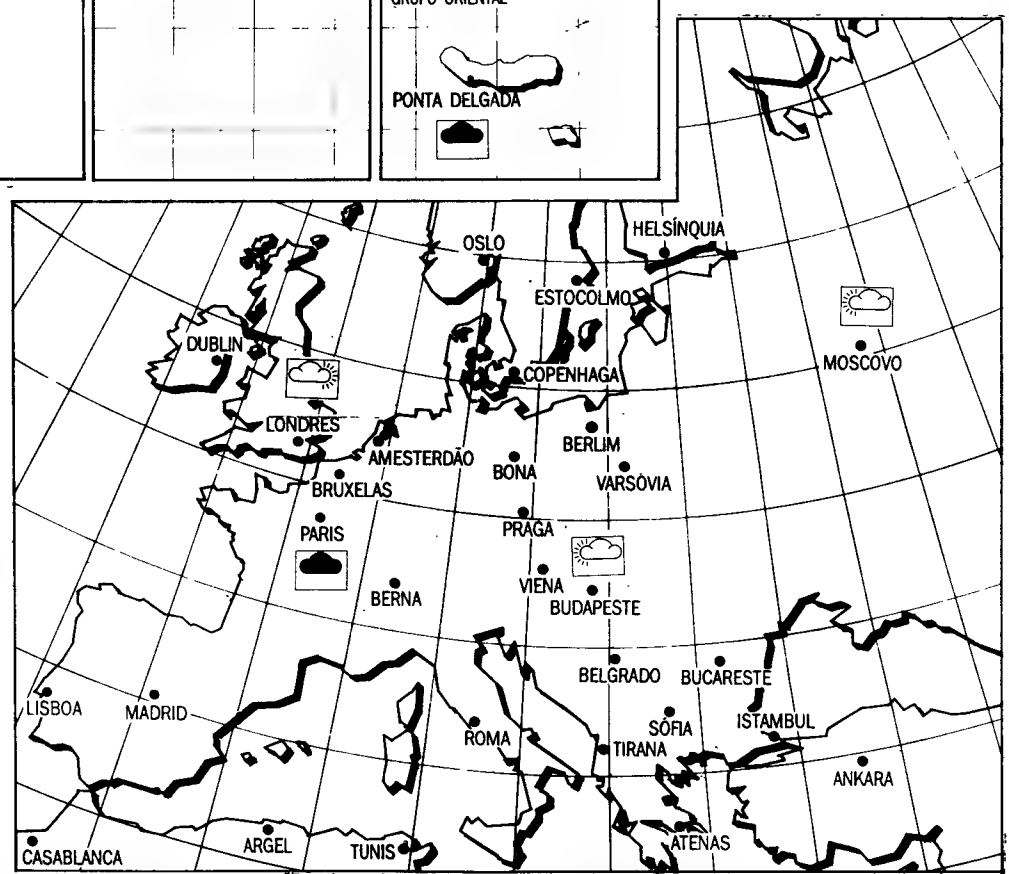
## MUNDO

|                     | Mín. | Máx. | As 13 h. |
|---------------------|------|------|----------|
| Buenos Aires.....   | 15   | 28   | Limpo    |
| Caracas.....        | 20   | 29   | Nublado  |
| Hong Kong.....      | 26   | 30   | Limpo    |
| Johannesburgo.....  | 13   | 27   | Limpo    |
| Los Angeles.....    | 18   | 28   | Limpo    |
| Montreal.....       | 10   | 17   | Chuva    |
| Nova Deli.....      | 24   | 33   | Limpo    |
| Nova Iorque.....    | 16   | 23   | Limpo    |
| Rio de Janeiro..... | 18   | 26   | Nublado  |
| São Francisco.....  | 14   | 26   | Limpo    |
| São Paulo.....      | 16   | 20   | Nublado  |
| Tóquio.....         | 18   | 28   | Limpo    |

|                   |
|-------------------|
| Céu limpo         |
| Céu pouco nublado |
| Céu muito nublado |
| Chuva             |
| Trovoada          |
| Neve              |
| Vento             |
| Mar calmo         |
| Mar encrespado    |

## MARÉS

| Hoje      |      |           |      |
|-----------|------|-----------|------|
| PREIA-MAR |      | BAIXA-MAR |      |
| 01.19     | 3,4m | 06.57     | 0,9m |
| 13.31     | 3,6m | 19.19     | 0,7m |
| Amanhã    |      |           |      |
| 01.56     | 3,6m | 07.35     | 0,7m |
| 14.10     | 3,8m | 19.56     | 0,5m |



## AGENDA

FARMÁCIAS  
LISBOA  
SERVIÇO  
PERMANENTE

**Alfama - São Tomé:** Ziler, Rua São Tomé, 54-56, Tel. 862835; Av. D. Rodrigo da Cunha: Aeroporto, Av. Almirante Gago Coutinho, 101-D, Tel. 882384; Benfica - 2.ª Circular: Benfite, Estrada de Benfica, 444-A, Tel. 7141206; Cais do Sodré: Central, Rua São Paulo, 108, Tel. 320389; Calvário: Monge, Rua dos Lusíadas, 30-32, Tel. 3636704; Estrela: Marques Freire, Rua Santo António, à Estrela, 96, Tel. 665196; Intendente: Intendente, Largo Intendente Pina Manique, 50-51, Tel. 547838; Jardim Constantino: Portugal, Rua Rebelo da Silva, 11-13, Tel. 543340; Lumiar: São Tomé, Estrada do Desvio, Lote 12-C, Tel. 7590704; Olivais Sul: Lemos, Rua Cidade da Beira, 46-C, Tel. 331692; Praça de Londres: Algarve, Av. Roma, 7-B, Tel. 801478; Saldanha - Hotel Sheraton: Oliveira Viegas, Rua Viriato, 29, 29-A, Tel. 548966; Brandoa - Amadora: Tavares Matos, Rua Irene Lisboa, Lote 108, Tel. 993220; Carnaxide: H. Amaral, Praceta António Boto, 11-A, Tel. 4104556; Moscavide: Pedro Gomes, Praceta 25 de Abril, Lote 13 - Loja B, Tel. 2518520; Odivelas: Joleni, Rua Dr. Alexandre Braga, 3-B, Tel. 9310812; Pontinha: Flora, Azinhaga dos Besouros, Lote R8.

## REFORÇO

Ajuda: Mendes Gomes, Calçada da Ajuda, 222, Tel. 3638256; Alto S. João: Zional, Rua Morais Soares, 56-

C; Baixa: Oliveira, Rua da Prata, 240, Tel. 878415; Campo Grande - Av. Brasil: Rainha Santa, Rua Afonso Lopes Vieira, 57-B, Tel. 765262; Campolide - Águas Livres: Rualto, Lda, Rua Alto Carvalho, 5, Tel. 651721; Á Av. Estados Unidos N.º 39: Celta, Rua Mourão Girão, 3-B, Tel. 890621; Madre Deus - Junto Esc. Verney: Romana, Rua Actor Augusto Melo, 7-A, Tel. 383800; Picheleira: Marluz, Calçada da Picheleira, 140, B-C, Rua Prof. Mira Fernandes, MAF, Tel. 880703; Rato: Albano, Rua Escola Politécnica, 59, Tel. 326750; Rego: Prates & Mota: Rua da Beneficência, 91-93, Tel. 773728; Saldanha: Avenidas, Av. da República, 27-A, Tel. 533688; Vale Santo António: Santo António, Rua Leite Vasconcelos, 72-C, Tel. 862333; Buraca - Amadora: Vaz Martins, Praceta Fernando Pessoa, Loja E - 36-B, Tel. 970660; Olival Basto: Nova, Rua Açores, 11-A, Tel. 9810305.

## LINHA

## DE CASCAIS

Algés: Branco, Av. Comb. G. Guerra, 29, Tel. 2104953. Permanente; Linda - A-Velha: Melo Almeida, R. d. Diogo Couto, Lote 182, Tel. 4191697. Permanente; Tires: Guimaraes, L. Duarte, Lote A-r/c, Tel. 2441616. Até às 22 h; Alcabideche: Carvalho, B.º Padre P. Correia, 4, Tel. 2690363. Até às 22 h; Porto

Salvo: Ferreira Bastos, R. D. Firmino Rebelo, Tel. 2421015. Até às 22 h; Carcavelos: Central, R. 5 de Outubro, 25, Tel. 2470037. Permanente; S. Dom. Rana: Godinho Silveira, R. A. Albuquerque, Lote B - Lj. 2, Tel. 2470361. Até às 22 h; Malveira da Serra: Luz, Estrada Nacional, Tel. 2850635. Até às 22 h; Oeiras: Godinho, R. Cândido Reis, 98, Tel. 4430090. Permanente; Parede: Macau, R. J. Elias Garcia, 42, Tel. 2471785. Permanente; S. João do Estoril: S. João, Quinta da Carreira, 29-A, Tel. 2681186. Até às 22 h; Sasseiros: Amaral Semblano, Quinta das Encostas, Tel. 2461312. Até às 22 h; Birre: Imani, Lote 7-B - Hera, Tel. 2852121; Madorna: Madeira, Rua A, Tel. 2476326. Até às 22 h; Amoreira: Abrantes, Viv.ª Maria Carlos Anjos, Tel. 2682313. Até às 22 h; Cascais: Nova, Est. Alvite, Fontainhas, Tel. 281044. Permanente.

## LINHA

## DE SINTRA

Amadora: Campos, R. Elias Garcia, 185, Tel. 4930072. Permanente; Amadora, P. 25 Abril, 3-A, Tel. 4935518. Até às 22 h; Damaia: Damaia, P. Alex. Gismão, 9-A, Tel. 970523. Até às 22 h; Queluz: Correia, L. Mercado, 3, Tel. 4350905. Permanente; Albergaria, L. Prof. Dr. José Mineiro, 42 - Q. Baixo, Tel. 4356487. Até às 22 h; Cacém: Garcia, Av. Missionários, 2, Tel. 9242181. Permanente;

Algueirão: Rodrigues Rato, R. Morés, 1, Tel. 9212038. Até às 22 h; Mercês: Claro Russo, R. Abade Faria, 2-A, Tel. 9215275. Até às 22 h; Rio de Mouro: Riomouro, Av. Oscar Monteiro Torres, 6, Tel. 9260194. Até às 22 h; Sintra: Simões, R. Heliodoro Salgado, 26, Tel. 9230832. Permanente; Colares: Abreja, Tel. 9290088; Loures: Sálvia, Av. República, 29, Tel. 9831240. Até às 22 h.

## OUTRA

## BANDA

Almada: Nuno Álvares, Av. D. Nuno Álvares Pereira, 39, Tel. 2750504. Permanente; Cova da Piedade: Atlântico, Av. Rainha D. Leonor, 45-A, Tel. 2764466. Permanente; Monte de Caparica: Nova, R. Trab. Rurais, 82, Tel. 2954436. Até às 19 h; Costa de Caparica: Chai, Av. Gen. Humberto Delgado, Tel. 2903218. Até às 19 h; Laranjeiro: Almeida Araújo, R. D. Duarte, 7-B, Tel. 2532324. Até às 22 h; Lavradio: J. Consolado, Av. Joaq. J. Fernandes, 17-C, Tel. 2043126. Até às 19 h; Sesimbra: Leão, Av. Liberdade, 13, Tel. 2233471. Até às 19 h; Barreiro: Avenida, Av. Alfredo Silva, 88, Tel. 2073212. Permanente; Baixa da Banheira: Nunes, R. 1.ª Maio, 106-A, Tel. 2043532. Até às 19 h; Corroios: Abreu Cardoso, B.º Cid. Setúbal, 1-B, Tel. 2536172. Até às 19 h; Amora: Moura Carneiro, P. Gen. Humberto Delgado, 16-A, Tel. 2243729. Permanente; Aldeia Paio Pires: Central, Est. Nacional, 9, Tel. 2210365. Até às 22 h; Montijo: Giraldes, R. Almirante Reis, 45, Tel. 2310008. Até às 22 h; Moita: Parque, Av. Dr. Egas Moniz, 24, Tel. 2392294. Até às 19 h; Alhos Vedros: Gusmão, R. Cândido Reis, 30, Tel. 2040020. Até às 19 h.

## HÁ 20 ANOS

DIÁRIO DE LISBOA

Está a rever-se o regulamento da comercialização da fruta

NIXON EM MADRID

A SITUAÇÃO NO MÉDIO ORIENTE SERÁ OBJECTO DE CONVERSACÕES

## Revê-se a comercialização da fruta

«Um caso típico, particularmente relevante para os produtores de fruta da região da Covilhã é o do papel exercido no comércio frutícola pelos chamados "mandatários". Frequentemente me chegam queixumes (...) quanto à participação excessiva de agentes nas margens de comercialização de fruta (...)» - afirmou o secretário de Estado do Comércio, dr. Xavier Pintado, na sessão plenária do Colóquio sobre Desenvolvimento Socio-económico da Zona da Cova da Beira.

## Nixon em Madrid

O Presidente Nixon chegou ao meio-dia ao Aeroporto de Barajas. Objectivo: a situação no Médio Oriente. Após troca de saudações com o general Franco, os dois estadistas percorreram a capital espanhola em carro aberto pelas ruas ornamentadas com bandeiras dos dois países.

## Padres expulsos da África do Sul

O Primeiro-Ministro sul-africano, John Vorster, confirmou a ordem de expulsão dada a dois padres anglicanos, em sinal de protesto pela decisão do Conselho Mundial das Igrejas de conceder auxílio financeiro aos movimentos de libertação da África do Sul.

## EFEMÉRIDES

1911

• Morre Carlota Ângelo, a primeira mulher portuguesa a votar, facto ocorrido nas eleições para as Constituintes de 28 de Maio de 1911.

1924

• A Liga das Nações adopta o protocolo de Genebra, documento que aponta para a solução pacífica das disputas internacionais.

1940

• O navio britânico «Empress of Britain», transportando para o Canadá crianças refugiadas da guerra, é afundado no decurso da Segunda Guerra Mundial.

1952

• O Governo chinês realiza, em Pequim, uma conferência para a paz na Ásia e na área do Pacífico.

1974

• A China saúda, nas Nações Unidas, a política árabe de utilização do petróleo como arma.

1985

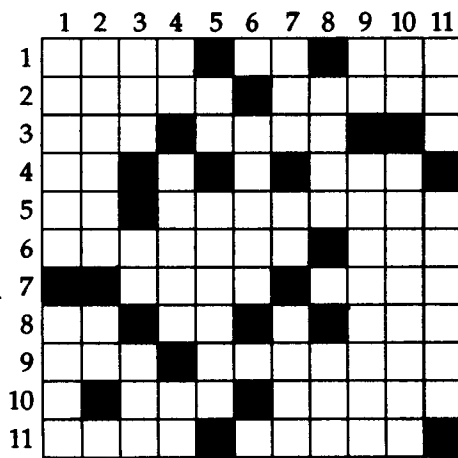
• Portugal adjudica a um consórcio alemão federal a construção de três fragatas para a Marinha de Guerra Portuguesa, no valor de 390 milhões de marcos, pagáveis em cinco anos.

• Morre o actor norte-americano Rock Hudson, 59 anos.

1988

• Com um «Adeus Seul, até à vista em Barcelona, 1992», terminam os jogos da XXIV Olimpíada, no decurso dos quais Portugal conseguiu uma medalha de ouro, conquistada pela atleta Rosa Mota na maratona.

## PALAVRAS CRUZADAS



PROBLEMA N.º 18015

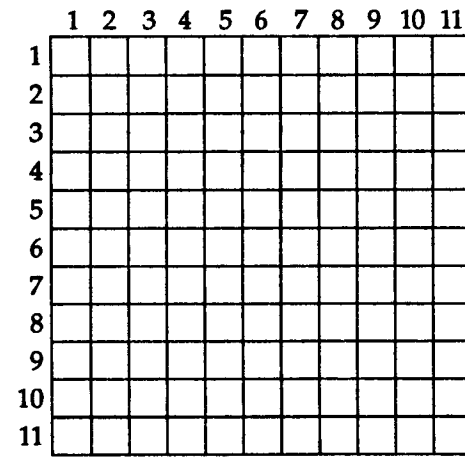
## HORIZONTAIS:

- 1 - Aquele que. Oferece. Preposição.
- 2 - Caixões funerários. Corta com serra.
- 3 - Época. Título dos descendentes de Mafoma.
- 4 - Seguiu. Zombas.
- 5 - Escarnece. Ignorados.
- 6 - Albergado por esmola. Rei lendário de Tróia.
- 7 - Cidade de Itália. Nome vulgarmente dado ao carbonato de sódio.
- 8 - Concede. Pronome reflexo. Espécie de pandeiro usado pelos povos do N. de África.
- 9 - Boato. Freguesia do 3.º Bairro da cidade de Lisboa.
- 10 - Saia frequentemente à rua. O mesmo que porcos (prov.).
- 11 - A Tailândia. Movas os remos.

## VERTICAIS:

- 1 - Terra de queirós matagal. Divindade.
- 2 - Dais urros. Antes de Cristo.
- 3 - Elia! Bismuto (s.q.). Agora.
- 4 - Miriã. Divisão de uma casa. Alternativa.
- 5 - Pronome reflexo. Consta.
- 6 - Sacerdote muçulmano.
- 7 - Agarrel. Medida japonesa igual a dois decilitros. Aprel.
- 8 - Vagueia. Também não.
- 9 - Crómio (s.q.). Parvoice.
- 10 - Sufixo que designa estado. Militares.
- 11 - Punhado. Apellido.

Resolveu completamente este problema? Procure, agora em segundo passatempo, o provérbio nele inscrito.



PROBLEMA N.º 18025

## HORIZONTAIS:

- 1 - Freguesia do concelho de Espinho. Espécie de rã que vive nas moitas.
- 2 - Artigo indefinido. Assanharam.
- 3 - Partir em lascas. Pronome reflexo.
- 4 - Post scriptum. Oráculos.
- 5 - Noeço Senhor. Regulava.
- 6 - Lisboa (abrev.). Bispo de Lyon que combateu os gnósticos e morreu martirizado.
- 7 - Planta espinhosa de Angola. Transfere para outro dia.
- 8 - Gostar muito de. Curtir (peles).
- 9 - Invulgares. Nome alemão de Gyor.
- 10 - Letra grega. Czar da Rússia cognominado «O Terrível». Consentimento.
- 11 - Nome de peixe. Isolado. Artigo definido.

## VERTICAIS:

- 1 - Freguesia do concelho de Vila Nova de Gaia.
- 2 - Antiga tribo de índios de Pernambuco. Manto oriental de seda bordada a ouro.
- 3 - Ruborizar (fig.).
- 4 - Espécie de feijão chinês. Anel.
- 5 - Erguer. Fecho as asas para descer mais depressa.
- 6 - Vivendas.
- 7 - Substância animal adiposa (pl.).
- 8 - Freguesia do concelho de Vila do Bispo.
- 9 - Érbio (s.q.). Remediaras.
- 10 - Pêlos de certos animais. Lã. Filho de Aarão devorado pelas chamas.
- 11 - Estime. Manga incandescente para iluminação por meio de gás. Milímetro.

## SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 18 014

HORIZONTAIS: 1 - ONDE. Lot. HÁ. 2 - Lal. Notes. 3 - Ir. Catanas. 4 - VA. Coaria. 5 - Ria. Ga. 6 - Lusácia. Mão. 7 - MS. Aa. Galá. 8 - Ain. Urdir. 9 - Catara. Na. 10 - Liza. Cocho. 11 - Oiro. Passa.

VERTICAIS: 1 - Olival. GALO. 2 - Nara. Um. II. 3 - DI. Assacar. 4 - CC. Iaco. 5 - NAO. CANTA. 6 - Lotaria. 7 - Otária. Urca. 8 - Tenis. Grãos. 9 - Saa. Dão. Cs. 10 - GALINHA. 11 - Au. Camarão.

## SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 16 824

HORIZONTAIS: 1 - Quéope. Peco. 2 - Untais. Elar. 3 - Eial. SS. Dirá. 4 - Dr. Aterrado. 5 - Al. Cós. Ase. 6 - Atol. Ag. 7 - Amares. Oria. 8 - Odier. 9 - Ga. Arrastar. 10 - Éa. Voa. Iaia. 11 - Lirassemos.

VERTICAIS: 1 - Quedá. Argel. 2 - Uniriam. Asl. 3 - Eta. Tão. 4 - Ao. Acordava. 5 - Pistoleiros. 6 - Esaea. Saras. 7 - Ra. 8 - Pedra. Sim. 9 - Elias. Ratão. 10 - Cardeal. Ais. 11 - Orão. Garra.

PROVÉRBIO: ONDE HÁ GALO NÃO CANTA GALINHA.

## CARTAZ

## CINEMAS

## LISBOA

## ALFA 1

Av. Almirante Gago Coutinho - T. 806496  
DIAS DE TEMPESTADE  
Filme de Tony Scott  
M/12 anos - Às 14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24.00

## ALFA 2

48 HORAS - PARTE II  
Filme de Walter Hill  
M/16 anos - Às 14.15, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15

## ALFA 3

DICK TRACY  
Filme de Warren Beatty  
M/12 anos - Às 14.15, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15

## ALFA 4

OLHA QUEM FALA  
Filme de Alvin Kershner  
M/12 anos - Às 14.15, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15

## ALFA 5

REGRESSO AO FUTURO - PARTE III  
Filme de Robert Zemeckis  
M/12 anos - Às 14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24.00

## ALFA CLUBE

Av. Almirante Gago Coutinho - T. 806496  
MO'BETTER BLUES - QUANTO MAIS MELHOR  
Filme de Spike Lee  
M/12 anos - Às 14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24.00

## AMOREIRAS 1

Shopping Center de Lisboa - T. 691275  
DIAS DE TEMPESTADE  
M/12 anos - Às 14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24.00

## AMOREIRAS 2

OLHA QUEM FALA  
M/12 anos - Às 13.45, 15.45, 17.45, 19.45, 21.45 e 00.15

## AMOREIRAS 3

48 HORAS - PARTE II  
M/16 anos - Às 13.30, 15.30, 17.30, 19.30, 21.30 e 00.15

## AMOREIRAS 4

MO'BETTER BLUES - QUANTO MAIS MELHOR  
M/12 anos - Às 14.00, 16.30, 19.30, 21.30 e 24.00

## AMOREIRAS 5

CAÇA AO OUTUBRO VERMELHO  
M/12 anos - Às 14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24.00

## AMOREIRAS 6

DICK TRACY  
M/12 anos - Às 13.45, 15.45, 17.45, 19.45, 21.45 e 00.15

## AMOREIRAS 7

NA CORDA BAMBÁ  
M/12 anos - Às 14.15, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15

## AMOREIRAS 8

GREMLINS II - A NOVA GERAÇÃO  
Filme de Joe Dante  
M/12 anos - Às 14.15, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15

## AMOREIRAS 9

REGRESSO AO FUTURO - PARTE III  
M/12 anos - Às 14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24.00

## AMOREIRAS 10

ORQUÍDEA SELVAGEM  
Filme de Valman King  
M/16 anos - Às 14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24.00

## APOLO 70

Av. João Dinis, 10-A - T. 763319  
DICK TRACY  
M/12 anos - Às 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30

## BERNA

Av. Marquês de Tomar, 10 - T. 776098  
DIAS DE TEMPESTADE  
M/12 anos - Às 15.15, 18.00 e 21.30

## CAPITÓLIO

Parque Mayer - Telf. 372358  
Encerrado

## CINE CAMÕES

R. do Loreto, 15 - T. 324194  
O TRIUNFO DO ESPÍRITO  
Filme de Robert Zemeckis  
M/18 anos - Às 14.15, 16.30 e 21.30

## CINE 222

Av. Praia da Vitória, 37 - T. 533253  
CLUBE DOS POETAS MORTOS  
M/12 anos - Às 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30  
A GUERRA DOS ANISIMOS  
M/18 anos - Às 24.00

CINE PORTELA  
ESTÚDIO ANUSHA

T. 9434762  
REGRESSO AO FUTURO III  
Filme de Michael J. Fox  
M/12 anos - Às 15.30 e 21.30

## ESTÚDIO SHEZA

OLHA QUEM FALA  
M/12 anos - Às 15.15 e 21.15

## CINEBOLSO

R. Actor Taborda, 27 - T. 573407  
O MELHOR DE ANDERLYNN  
Hard-core - 1.ª edição (pomo)  
M/18 anos - Às 12.30, 14.30, 16.45, 19.00, 21.30 e 23.30

CINEMATECA  
PORTUGUESA

R. Barata Salgueiro, 39 - T. 546085  
CICLO FEDERICO FELLINI  
ENSAIO DE ORQUESTRA  
Às 18.30  
OS CLOWNES  
Às 21.30

## CITY CINE

R. Tomás Ribeiro, 34 - T. 549999  
DICK TRACY  
M/12 anos - Às 14.30, 16.45, 19.00 e 21.30

## CONDES

Av. da Liberdade, 2 - T. 322523  
DICK TRACY  
M/12 anos - Às 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30

## ESTÚDIO

Al. D. Afonso Henriques, 35 - T. 3525133  
ALWAYS - SEMPRE  
Filme de Steven Spielberg  
M/12 anos - Às 14.30, 16.45, 19.00 e 21.30

## ESTÚDIO ACS

Av. da Igreja, 17-F - T. 8487255  
(Encerrado temporariamente)

## FONTE NOVA 1

Est. de Benfica 503 - T. 7145088  
JACKNIFE  
Filme de David Jones  
M/16 anos - Às 14.30, 16.45, 19.00 e 21.30

## FONTE NOVA 2

DICK TRACY  
M/12 anos - Às 14.15, 16.30, 18.45 e 21.15

## FONTE NOVA 3

DIAS DE TEMPESTADE  
M/12 anos - Às 14.45, 17.00, 19.15 e 21.15

## FORUM PICOAS

Av. Fontes Pereira de Melo - T. 541037

## AUDITÓRIO 1

SWEETIE  
Filme de Jane Campion  
M/16 anos - Às 14.00, 16.00, 18.00, 20.00 e 22.00

## AUDITÓRIO 2

JULES E JIM  
Filme de François Truffaut  
M/16 anos - Às 14.00, 16.00, 18.00, 20.00 e 22.00

## IMPÉRIO

Al. D. Afonso Henriques - T. 3525133  
DIAS DE TEMPESTADE  
M/12 anos - Às 15.30, 18.30 e 21.30

## KING GEMINI

R. Sousa Lopes - T. 8480808  
(Encerrado temporariamente)

## KING TRIPLEX 1

R. Bulhão Pato, 1-C - T. 8480808  
DICK TRACY  
M/12 anos - Às 14.00, 16.30, 19.30 e 21.30

## KING TRIPLEX 2

GREMLINS II - A NOVA GERAÇÃO  
M/12 anos - Às 14.15, 16.45, 19.15 e 21.30

## KING TRIPLEX 3

OLHA QUEM FALA  
M/12 anos - Às 14.30, 17.00, 19.30 e 21.45

## LAS VEGAS 1

Pingo Doce - Alcântara - T. 3631162  
DICK TRACY  
M/12 anos - Às 15.15, 18.30 e 21.30



«Sweetie», de Jane Campion

## LAS VEGAS 2

JACKNIFE  
Filme de David Jones  
M/16 anos - Às 15.30, 18.45 e 21.45

## LONDRES

Av. de Roma, 7-A - T. 801313  
JACKNIFE  
M/16 anos - Às 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30

## MUNDIAL 1

R. Martens Faria - T. 538743  
DIAS DE TEMPESTADE  
M/12 anos - Às 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30

## MUNDIAL 2

DICK TRACY  
M/12 anos - Às 14.15, 16.45, 19.15 e 21.45

## MUNDIAL 3

48 HORAS - PARTE II  
M/16 anos - Às 14.15, 16.45, 19.15 e 21.45

## NIMAS

Av. 5 de Outubro, 42-B - T. 574362  
COOKIE  
M/12 anos - Às 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30

## ODEON

R. dos Condes, 4 - T. 326283  
O REGRESSO DO EXTERMINADOR  
De Vincent Dawn  
M/12 anos - Às 14.30, 16.45, 19.00 e 21.30

## OLIMPIA

Rua dos Condes, 13 - T. 325309  
SEXO DIABÓLICO  
Filme porno  
M/18 anos  
Sessões contínuas a partir das 14.00

## PLAZA 1

Centro Com. Alvalade  
DICK TRACY  
M/12 anos - Às 13.45, 16.15, 18.45 e 21.15 e 23.45

## PLAZA 2

CAÇA AO OUTUBRO VERMELHO  
M/12 - Às 14.15, 16.45, 19.00, 21.45 e 24.00

## POLITEAMA

R. Portas de St.º Antão - T. 326305  
DIAS DE TEMPESTADE  
M/12 anos - Às 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30

## QUARTETO 1

R. Flores de Lima, 16 - T. 771378  
JACKNIFE  
M/12 anos - Às 14.15, 16.15, 18.15, 20.00, 22.00 e 24.00

## QUARTETO 2

ATA-ME  
Filme de Pedro Almodóvar  
M/16 anos - Às 14.15, 16.15, 18.15, 20.00, 22.00 e 24.00

## QUARTETO 3

DICK TRACY  
M/12 anos - Às 14.15, 16.15, 18.15, 20.00, 22.00 e 24.00

## QUARTETO 4

ENCRUZILHADA DE ILUSÕES  
Filme de Alan J. Pakula

M/12 anos - Às 14.15, 16.30, 19.00, 21.45 e 24.00

## SÃO JORGE 1

Av. da Liberdade, 175 - T. 579144  
DIAS DE TEMPESTADE  
M/12 anos - Às 15.30, 18.30 e 21.15

## SÃO JORGE 2

CAÇA AO OUTUBRO VERMELHO  
M/12 anos - Às 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30

## SÃO JORGE 3

MO'BETTER BLUES - QUANTO MAIS MELHOR  
M/16 anos - Às 14.15, 16.45, 19.15 e 21.45

## 7.ª ARTE

Av. da República - T. 730715  
GENTE GIRA É OUTRA COISA  
M/6 anos - Às 14.45, 17.00, 19.00 e 21.45

## STAR

Av. Guerra Junqueiro, 14-C - T. 804210  
DIAS DE TEMPESTADE  
M/12 anos - Às 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30

## TERMINAL

Estação do Rossio - T. 371573  
GOLPE DE VINGANÇA  
M/16 anos - Às 13.00, 15.00, 17.00, 19.00 e 21.30  
Amanhã às 23.45  
O VINGADOR DA ESTRADA

## TURIM

Est. de Benfica, 723-A - T. 706666  
CAÇA AO OUTUBRO VERMELHO  
M/12 anos - Às 15.00, 17.30 e 21.30

## XENON

Av. da Liberdade, 9 - T. 3468446  
CINEMA PARAÍSO  
Filme de Giuseppe Tornatore  
M/12 anos - Às 14.15, 16.30, 19.00 e 21.30

## ALMADA

## ACADEMIA

## ALMADENSE

Telf. 2752127  
NINJA AMERICANO 3  
M/12 anos - Às 15.30 e 21.30

## COSTA

DE CAPARICA  
CAPARICA OCEANO

Av. Gen. Humberto Delgado - T. 2905011  
Sala 1  
O TRIUNFO DO ESPÍRITO  
De Robert M. Young  
M/16 anos - Às 15.45 e 21.30  
Sala 2  
O ANJO DAS SOMBRAS  
De William Friedkin  
M/16 anos - Às 16.15 e 21.45

## O PESCADOR

Telf. 2905350  
UM GOLPE DE LOUCOS  
M/12 anos - Às 15.30 e 21.45

## CASCAIS

## CARCAVELOS

## ATLÂNTIDA CINE

48 HORAS - PARTE III

M/12 anos - Às 15.30 e 21.30

CASCAIS  
MIRAMAR

Sala 1  
Telf. 2841769  
DICK TRACY  
M/12 anos - Às 15.15 e 21.15

Sala 2  
DIAS DE TEMPESTADE  
M/12 anos - Às 15.15 e 21.30

## OXFORD

Av. 25 de Abril - T. 2865027  
DIAS DE TEMPESTADE  
M/12 - Às 16.00 e 21.30

NOVA OBRAS  
CINE PALMEIRAS

Telf. 2479144  
Sala 1  
DIAS DE TEMPESTADE  
M/12 anos - Às 15.15 e 21.30

Sala 2  
PARA IRIS COM AMOR  
M/12 anos - Às 15.30 e 21.45

## OBRAS

## ALTO DA BARRA

Av. das Descobertas - T. 4439759  
Sala 1  
CADILLAC DO AMOR  
M/12 anos - Às 15.15 e 21.45

Sala 2  
ADEUS AO REI  
M/12 anos - Às 15.30 e 21.45

## SINTRA

## AMADORA

## BABILÓNIA

Centro Comercial Babilónia  
- T. 4934871  
DIAS DE TEMPESTADE  
M/12 anos - Às 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30

## CACÉM

## ESTÚDIO FLORES

Telf. 9147570  
MOMENTO DE JUSTIÇA  
M/12 anos - Às 15.00 e 21.30

## QUELUZ

## KING D. PEDRO III

Telf. 4364845  
Sala 1  
DICK TRACY  
M/12 anos - Às 15.00, 18.00 e 21.15

Sala 2  
OLHA QUEM FALA  
M/12 anos - Às 15.15, 18.15 e 21.30

Sala 3  
GREMLINS II - A NOVA GERAÇÃO  
M/12 anos - Às 15.30, 18.30 e 21.45

## TEATROS

## LISBOA

## CASA DA COMÉDIA

R. S. Francisco Borja, 25 - T. 607299  
Sáb. às 15.30 e 17.00  
Dom. às 15.30  
A MENINA DO MAR

De Sophia de Mello Breyner

## CHAPITO

R. Costa do Castelo, 7 - T. 861410  
Estrela às 21.00  
Sáb. e Dom. às 21.30  
O PAPÁ NÃO ESTAVA LÁ  
De Fernando Gomes

## CLUBE ESTEFÂNIA

R. Alexandre Braga, 24-A  
- T. 542249  
De 3ª a Sáb. às 21.30  
Dom. às 17.00  
O FADO, A NAVALHA E A GUITARRA,  
OU A HISTÓRIA DA ROSA ENJEITADA  
Até dia 30  
De Fernando Gomes, pela Companhia  
Penaria.

## COMUNA

Praça de Espanha - T. 7260818  
De 3ª a Sáb. às 21.30  
Dom. às 17.00  
SALA 1  
UM ELÉCTRICO CHAMADO DESEJO  
De Tennessee Williams  
Em cena até dia 8

SALA NOVA  
O ESTRANGEIRO EM CASA  
Em cena até dia 8  
De Richard Demarcy

CAFÉ TEATRO  
Sexta e Sáb. às 24.00  
PISCATÓRIA  
De António Carvalho

## GRUPO DRAMÁTICO

## RAMIRO JOSÉ

Trav. Henriques Cardoso, 107 - T. 773856  
Aos Domingos às 21.00  
MATCHES DE IMPROVISACÃO E  
ASSALTOS DE MÁSCARAS  
Pelo Melo Preto

## MARIA VITÓRIA

Parque Mayer - T. 3461740  
De 3ª a Dom. às 20.30 e 22.45  
Domingos e Feriados, também às 16.00  
VITÓRIA VITÓRIA  
De Henrique Santana, Francisco  
Nicholson,  
Augusto Fraga, Nuno Nazareth  
Fernandes  
e Fernando Ribeiro.

## RITZ CLUBE

R. da Glória - T. 325140  
De 3ª a Sáb. às 21.30  
Dom. às 16.00  
O BAILE  
De Helder Costa

## TEATRO ABERTO

P. de Espanha - T. 770969  
Estrela Sáb. às 18.30  
LOUCOS POR AMOR  
De Sam Sheford  
DESEJOS SOBRE OS ULMEIROS  
De Eugène O'Neill  
Estrela também no Sáb. às 21.45  
Dom. às 16.00

## TEATRO

**SNOOPY POR SCHULZ****CARTAZ / TELEVISÃO****HOJE****RTP-1**

16.05 - PONTO POR PONTO

16.50 - O MUNDO

3º Episódio: o que é a civilização? O que é que consideramos como marcas de uma vida civilizada no século XX? As primeiras civilizações chegaram aos vales férteis dos maiores rios no próximo Oriente e na China e com este desenvolvimento chegou uma existência mais equilibrada. Com o crescimento das cidades e das estruturas sociais atingiu-se um período de grande criatividade - inventou-se o calendário, a roda, a olaria e o trabalho dos metais.

17.20 - BRINCA BRINCANDO

Os Segredos de Mimix: Super Rato; Touni e Littlelle; Os Bicharocos e Caderno Diário.

18.15 - RUA SÉSAMO

18.45 - DIVULGAÇÃO INSTITUCIONAL

18.50 - RODA DA SORTE (12ª Sessão)

19.20 - BOLETIM AGRÁRIO

19.30 - TELEJORNAL

20.00 - BOLSA DIA A DIA

20.05 - O TEMPO

20.15 - RODA DE FOGO

21.10 - DESENHOS ANIMADOS/BOA NOITE

21.25 - MODELO E DETECTIVE

3º Episódio: uma mulher pede aos detectives privados David e Maddie que investiguem o que se passa com o marido, que desapareceu durante uns tempos e, ao regressar, afirmou ter estado preso. Quando ela aparece morta, o principal suspeito é o marido.

22.15 - PRIMEIRA PÁGINA

Tema: Reunificação da Alemanha, com a participação do Embaixador Franco Nogueira, Joaquim de Aguiar e Miguel Urbano Rodrigues.

23.15 - ALLÔ, ALLÔ

3º Episódio

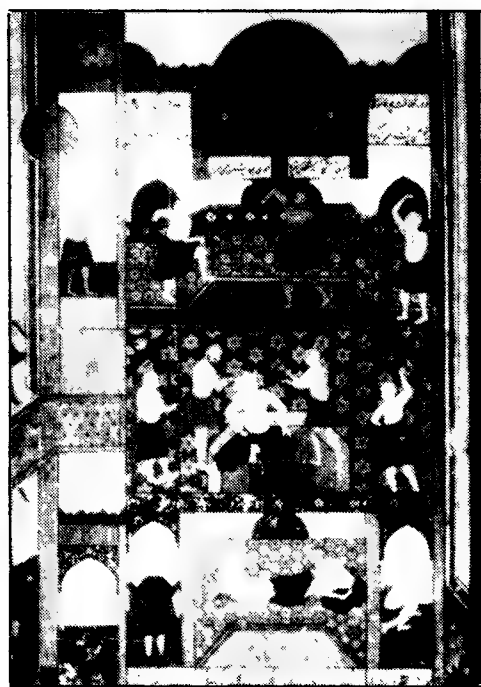
23.50 - 24 HORAS

00.20 - O TEMPO

00.25 - REMATE



«Lucas e Filho» no espaço Brinca Brincando, no 2º canal às 16.40



No 1º canal às 16.50, o 3º episódio da série «O Mundo»

14.30 - AGORA, ESCOLHA!

15.55 - VIAJANDO PELO MUNDO

3º Episódio

16.20 - OS HENDERSON

5º Episódio

16.40 - BRINCA BRINCANDO

Com «Crystal Tipps e Allistair» e «Lucas e Filho»

17.30 - ETERNO FEMININO

12º Episódio

18.30 - A IRMÃ KATE

13º Programa

18.55 - TI-TI-TI

32º Episódio

19.25 - CIRCO

19.40 - VIA RÁPIDA

19.50 - CLÁSSICOS DA TV

«Ruas de S. Francisco»: o detective Mike Stone vê-se a braços com mais um caso difícil quando dois homens, um deles animalesco e robusto e o outro de uma crueldade subtil, matam uma bonita e jovem empregada de bar depois de a violarem.

20.45 - DICK TRACY

12º Episódio

21.00 - JORNAL DAS NOVE

21.30 - CINEMAGAZINE

22.00 - ALEMANHA - AS MÃOS DADAS

Um programa especial sobre o momento histórico da reunificação alemã, pondo termo a 35 anos de separação.

23.45 - UNIVERSIDADE ABERTA

00.25 - O TEMPO

**AMANHÃ****RTP-1**

09.01 - BOM DIA

10.00 - RUA SÉSAMO

10.30 - PONTO DE ENCONTRO

11.45 - CULINÁRIA

12.05 - A GATA COMEU

13.00 - JORNAL DA TARDE

13.25 - BOLSA DIA A DIA

13.27 - O TEMPO

13.30 - SEM LEGENDAS

14.25 - DIVULGAÇÃO INSTITUCIONAL

14.30 - PRIMEIRA MATINÉE

«Pequenos Fugitivos»

16.15 - PONTO POR PONTO

16.45 - O CORPO HUMANO

17.15 - BRINCA BRINCANDO

18.15 - RUA SÉSAMO

18.40 - DIVULGAÇÃO INSTITUCIONAL

18.45 - RODA DA SORTE

19.15 - BOLETIM AGRÁRIO

19.30 - TELEJORNAL

20.00 - BOLSA DIAS A DIA

20.05 - O TEMPO

20.15 - RODA DE FOGO

21.10 - DESENHOS ANIMADOS

21.20 - VAMOS JOGAR

NO TOTOBOLA

21.35 - LOTAÇÃO ESGOTADA

«O Último Imperador»

01.10 - 24 HORAS

01.40 - O TEMPO

01.45 - REMATE

**PARABÓLICAS ALBA**

AUDIMAX T. 4106275 Algés

**RTP-2**

12.02 - OS CENTURIÕES

12.20 - FILHOS E FILHAS

12.45 - LIVROS JOVENS

13.05 - UM LAR PARA OS ANIMAIS

14.00 - PRIMEIRO JORNAL

14.30 - AGORA, ESCOLHA!

15.55 - MADEIRA - CÁ ENTRE NÓS

16.50 - BRINCA BRINCANDO

17.30 - O ETERNO FEMININO

18.30 - AS TRÊS DAMAS DO

QUIOSQUE

18.55 - TI-TI-TI

19.25 - CIRCO

19.40 - VIA RÁPIDA

19.50 - CLÁSSICOS DA TV

20.05 - DICK TRACY

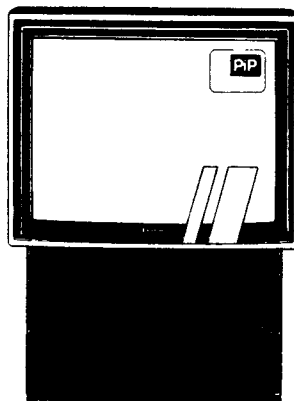
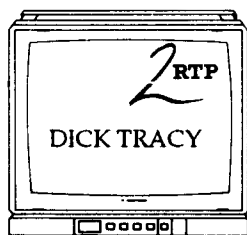
21.00 - JORNAL DAS NOVE

21.30 - NOITE DAS CEM ESTRELAS

23.00 - XINGO

**BLAUPUNKT**

Seleccionou para si...

**BLAUPUNKT**

Grupo BOSCH

Um pequeno ponto faz a diferença



A PERGUNTA  
DO DIAMário Ruivo  
cientista

Que importância atribui ao Iº Congresso Nacional de Biólogos que se realiza em Aveiro a partir de hoje?

Penso que é uma iniciativa extremamente significativa não só em relação aos biólogos, mas também no contexto geral do panorama científico nacional. Este encontro reflecte a crescente importância da ciência e tecnologia no processo de desenvolvimento nacional, ao mesmo tempo, uma responsabilidade crescente da comunidade científica em relação à sociedade. Essa relação requer uma maior informação da opinião pública sobre o papel dos cientistas, neste caso o dos biólogos, na vida do país, na diversidade das funções que exercem (ensino, investigação, apoio às indústrias e à administração pública) como, por outro lado a necessidade de criar condições favoráveis às suas actividades. O Iº Congresso Nacional de Biólogos situa-se num quadro mais geral que indica a vontade da comunidade científica de ver reconhecido o seu papel na vida nacional e, ao mesmo tempo, de criar formas de diálogo com a opinião pública e com o Governo. Foi também neste quadro que há pouco mais de um ano teve lugar o primeiro encontro das associações e sociedades científicas portuguesas, o qual conduziu à criação da federação portuguesa destas.

Quarta-feira no

Diário  
de LisboaA reunificação  
alemã  
em Grande  
AngularQue portas  
se abrem  
aos novos  
jornalistas?

## ENTREVISTA

*Manuel Cargaleiro. Profissão, pintor. Paixão maior, a pintura. Disputado sofregamente por uns, esse mesmo Manuel é acusado por outros de comercialão. Na paz das tintas, Cargaleiro soma-lhes exposições de inéditos, como a que mostra na Galeria Nasoni*

## Quando a luz é larga

«DL» - É frequente ouvi-lo queixar-se do público. Porquê?

Manuel Cargaleiro - As pessoas não me têm entendido porque se habituaram a ver uma determinada pintura, ignorando praticamente toda a minha obra que já conta com perto de quarenta anos.

«DL» - Mas ignoram porque recusam ou porque não lhes é mostrada a sua obra?

M.C. - Porque nunca ninguém se deu ao trabalho de lhes mostrar. Repare, não compete aos artistas, mas sim aos *marchands* e às instituições, contribuir para essa divulgação.

«DL» - As Câmaras de Almada e Amarante ainda este Verão organizaram uma exposição antológica da sua cerâmica.

M.C. - Ainda bem que falou nessa exposição. Devo dizer-lhe que a fiz com muito prazer, não só porque foi um reencontro com a gente da minha terra adoptiva, como me sensibilizou muito a montagem do pintor Rogério Ribeiro.

«DL» - Concorde que a sua exposição na Galeria Nasoni, em Lisboa, nos revela um outro Cargaleiro?

M.C. - Há saltos aparentes, porque - de certo modo - organizei a exposição a partir das minhas reservas. Daí eu mostrar obras que abarcam um período que vai desde 1973 até 1989. Eu tinha prometido à Nasoni fazer esta exposição para inaugurar a temporada. Como sabe, tenho andado muito ocupado com a Feira de Barcelona e as exposições de Tóquio e Sidney, e também não trabalho tão depressa como algumas pessoas para aí dizem. Normalmente, trabalho em vários quadros ao mesmo tempo. Preciso de um tempo para os começar e de um outro para os ir percebendo...

«DL» - Para já não falarmos nos milhares de apontamentos...

M.C. - Sim, nem vale a pena falarmos dessa exploração... Voltando à exposição, digo que são saltos aparentes porque estes quadros são peças de um puzzle que faz a minha obra. Quando um dia se fizer uma retrospectiva então as pessoas poderão - com autoridade - tecer considerações sobre a minha pintura.

«DL» - Para essa anunciada retrospectiva o que é que falta: vontade ou espaço?

M.C. - Ela está pensada, mas também é verdade que não a deixo fazer se não virem os quadros que estão dispersos por quase todo o Mundo. Porque eu não quero fazer mais uma grande exposição. E não é assim tão fácil conseguir-se a adesão dos coleccionadores.

«DL» - Quando a exposição de Almada foi para Amarante, consta que foi visitada por cerca de 18 mil visitantes. Já pensou quantos milhares de milhões irão ver os seus painéis da estação do Metro do Rato?

M.C. - Foi uma das minhas preocupações quando o concebi. Quando me fazem uma encomenda que se dirige ao grande público, gasto pelo menos uns seis meses a pensar e a fazer os tais apontamentos. Resolvido o problema, depois é fácil. Só preciso da luz das manhãs para trabalhar.

«DL» - Demorou o mesmo tempo a pensar o painel que fez para uma urbanização do Estoril?

M.C. - Foi diferente, porque era uma superfície circular com 50 metros quadrados. Aí interessava que a composição fosse vista de qualquer ângulo.

«DL» - A sua primeira relação com a pintura foi através da cerâmica. Depois seguiu-se a pintura a óleo, o gouache, a gravura. Como é que se resolve essa multiplicidade de suportes?

M.C. - Não é fácil, mas também não dramatizo as técnicas. Claro que se estou muito

tempo a trabalhar em azulejo ou a pintar a óleo, tem de haver sempre uma readaptação.

«DL» - O facto de viver quase simultaneamente em Lisboa e em Paris também interfere.

M.C. - Claro, porque as minhas deslocações são sempre em função do meu trabalho. Eu costumo dizer que me é fundamental trabalhar no dia de Ano Novo, no dia de Natal e no dia dos meus anos. Se eu não trabalhar nesse dia o ano já não me corre bem. Para mim, não pintar é que é mau.

«DL» - Outro dos seus prazeres é a mesa. Entretanto, a sua mulher lembrava-lhe que em Paris não poderia saborear, por exemplo os queijinhos ou a saladinha de feijão frade. Como são os seus mimos parisienses?

M.C. - É exactamente igual, só que doutra maneira. Tenho os mesmos restaurantes, as mesmas relações com os chefes.

«DL» - Uma determinada marca de vinhos vende-se melhor por ter um rótulo feito por si?

M.C. - Isso é o que dizem as adegas da concorrência...

«DL» - Mas sabe que o acusam de ter permitido uma excessiva massificação da sua obra, através dos múltiplos?

M.C. - Essa é uma boa pergunta, e a resposta que dou a isso é a seguinte: eu tenho 63 anos, e cheguei há poucos dias de Barcelona, onde visitei a Fundação Tàpies. Creio que ele tem só mais quatro anos do que eu, e ofereceu para a Fundação três mil gravuras diferentes. Aqui fala-se do pobre Manuel Cargaleiro, porque produziu cerca de 120 obras gráficas, mas em Barcelona ninguém critica o Tàpies que teve a sorte de produzir três mil.

Jorge Fallorca

## A multa iníqua

Eram horas de almoço quando o incauto lisboeta em cruzeiro pelo Alentejo se achou às portas de Arraiolos. Metendo para a vila, lá atinou com o largo principal -- que, para o estatuto, até é bem estreitinho. Foi-o circundando, à cata de espaço para deixar o carro. Nada, do lado do nascente. O mesmo, do norte. Mas mais sorte no flanco oeste. Um milagre, era mesmo caso para se dizer: diante de uma loja de artesanato, a dois passos do Posto de Turismo, entre viaturas das mais exóticas matrículas, lá estava um buraco que dava para outras duas ou três, sem que aparentemente nada, na parede contígua, interditasse o estacionamento.

Menos satisfeito ficou o lisboeta logo a seguir, ao ter de mastigar, em vez do borrego assado que encomendara, uma matéria esponjosa tornada indetectável pelo congelador e de devolver duas garrafas antes que lhe apresentassem, de má catadura, vinho não passado. Mas isso são outros contos. A valer para este, o que lhe aconteceu foi, quando se propunha seguir viagem, deparar, sobressaltado, com um quadradinho de papel de inequívoco significado entalado contra o vidro pelo limpa-pára-brisas.

Verificar o que fizera para merecer a multa não foi difícil. Também a dois passos, lá estava a inconfundível entrada do posto da GNR, com guardas à porta, entretendo utilmente o tempo no confronto dos resultados do futebol, fornecidos por um *transistor*, com os boletins do Totobola. Solícito, um deles apontou ao lisboeta a placa indicativa da paragem das camionetas de transporte público -- exigua, oculta sob uma varanda e com os dizeres meio devorados pela ferrugem.

Os protestos da vítima da discricção do sinal esbarraram na afabilidade do guarda a quem cumpriu atendê-lo. Este deu-lhe toda a razão. Aquela placa era mesmo uma armadilha. Só que a responsabilidade cabia todinha à Rodoviária. E, enquanto reproduzia numa caligrafia vacilante elementos da documentação do autuado, refrigerava-lhe o ânimo, apresentando provas, com apreciável dialéctica, da própria generosidade. Isto porque os dois contos da multa em questão nada eram comparados com o que poderia aplicar-se ao condutor de um carro com pneus carecas, pisca-pisca estilhaçado e uma chapa de matrícula ilegível.

Titubeada a impossível contestação dessas imputações, o prevaricador desabafou com exuberância, atacando as omissões da acção fiscalizadora da corporação. Esgotado o tema, passou a rosnar invejas sobre a impunidade que assistiria a qualquer turista estrangeiro que, cometida a mesma infracção, enviasse a notificação policial, amarrada, para a valeta, antes de regressar às Franças ou Alemanhas. Estava ele nisso, enquanto picava da carteira as duas notas indispensáveis ao encerramento do assunto, deitou o guarda um grito eufórico, olhos arregalados para os documentos que outra vítima do sinal de paragem camuflado lhe acabava de depositar na secretária.

«Do Canadá!» -- anunciou, tomado de júbilo irreprímível -- «Este veio do Canadá!»

Contagiado pela boa disposição que o seu sentido do dever cívico inoculava na esquadra, o turista ria também, como se estivesse na loja ao lado e pelo dinheiro da multa fosse receber uma peça da apreciada tapeçaria local. O lisboeta, então, não aguentou mais. Desandou para o carro. Pô-lo a trabalhar, à décima enfrenesiada tentativa. E arrancou numa fúria, com três estoíros do escape esburacado.

Fernando Brederode Santos

A.M.A. *Auto Monumental de Aveiro*

**CONCESSIONÁRIOS**  

**AUTOMÓVEIS — PEÇAS — SERVIÇOS — OFICINA**

Av. Padre Manuel da Nóbrega, 8 • Telef. 894185/6/7/8

1000 LISBOA

Telex 63403 AMACAR • Telefax 80 47 75

# SUPLEMENTO DE ECONOMIA

Diário de Lisboa

*Quando há um acidente ninguém é responsável. Nem sequer o empresário que vê na segurança uma despesa e não um investimento compensador, que evita riscos para os trabalhadores e para as populações e torna mais rentável a sua actividade*

## Segurança industrial é chave de sucesso

A problemática da segurança industrial está na ordem do dia e é a chave do sucesso de muitas empresas. Todavia, muitos empresários continuam a considerá-la como uma despesa e não como um investimento. Como disse ao «DL» o engenheiro Vitorino Dias, director técnico da Certitecna, existe pouca informação nesta área sobre os recursos e financiamentos disponíveis, sendo necessário, por isso, levar à prática acções de sensibilização junto dos gestores e industriais portugueses.

Muitos dos acidentes graves são

devidos à ausência de uma política correcta de higiene e segurança no trabalho, à irresponsabilidade e à incúria no controlo e na gestão dos riscos.

Nomeadamente nos países em vias de desenvolvimento, os riscos são maiores pois o seu avanço tecnológico é débil e não está preparado para receber equipamentos sofisticados. Os choques que daí advêm podem dar origem a catástrofes ecológicas graves.

Os acidentes industriais ocorridos em diversas partes do mundo, como Basileia, Bhopal ou Chernobyl,

os quais causaram milhares de mortos e feridos e envenenaram o meio ambiente, são a prova de que a questão da segurança não pode ser adiada. Antes pelo contrário, ela deve ser uma preocupação diária e feita de um modo integrado, através de uma actividade interdisciplinar e plurisectorial.

Ninguém responsável pode afirmar que a segurança é com o vizinho. O bem-estar dos trabalhadores e das populações em geral diz respeito a todos.



▲ Triângulo da segurança industrial

## Grandes Opções do Plano «ajustam» economia



Ciência e tecnologia - uma aposta para os anos 90

A evolução da economia portuguesa está dependente, em 1991, do comportamento do preço do petróleo. Porém, as Grandes Opções do Plano prevêem um «processo de ajustamento» que concilie a estratégia de modernização e do crescimento sustentado da economia.

Para a área empresarial, as GOPs colocam no domínio das principais intenções a modernização e diversificação dos sectores produtivos, bem como a competitividade e a capacidade de internacionalização, numa perspectiva de Mercado Único Europeu.

É assim que é dado particular destaque aos investimentos no domínio da ciência e tecnologia, da qualidade industrial, agrícola e comercial e, de uma maneira geral, dos recursos humanos.

Pág. 8

*Macroeconomia  
e envelhecimento*  
Pág. 3

*Petróleo: prevista  
utilização de reservas*  
Pág. 3

*Conhecimento  
de línguas  
facilita os negócios*  
Pág. 6

*Pujol defende  
em Lisboa  
eixo económico  
Portugal-Catalunha*  
Pág. 7

# AGROPROMOTORA

CONCEPÇÃO, CONSTRUÇÃO E EQUIPAMENTO DE UNIDADES AGRO-INDUSTRIAIS

PROJECTOS E ESTUDOS DE VIABILIDADE TÉCNICA E ECONOMICA PARA A AGRO-INDUSTRIA

RUA CARDEAL MERCIER, 29-1 — TELEF. 73 51 35 — TELEX 42 729 — TELEFAX — 7935417 — 1600 LISBOA

*Os parceiros na fábrica de componentes para automóveis estão satisfeitos com a evolução da empresa*

## Fiat Portuguesa liberta Arjal

A Fiat Auto Portuguesa vai libertar, a partir de 31 de Dezembro próximo, de todas as tutelas a Arjal, empresa portuguesa produtora de peças para automóveis, que vai assumir, na totalidade, o seu próprio destino, o qual, segundo o seu director-geral, António Silva, se afigura promissor no mercado internacional, prevendo-se uma facturação de 4,3 milhões de contos em 1991, contra cerca de 1,5 milhões no corrente ano.

A Arjal nasceu de um acordo entre a Fiat e o Governo português para reconversão, em 1986, do estabelecimento de montagem da Fiat numa unidade produtora de componentes automóveis destinados à exportação para a Fiat italiana.

«A decisão tomada visava criar as condições para dotar o estabelecimento reconvertido com a nossa tecnologia e os nossos sistemas e métodos de organização e laboração, de modo a que o mesmo pudesse prosseguir e desenvolver-se para além da vigência do contrato de investimento celebrado com o Estado português», explica Claudio Sguasini, director da Fiat Portuguesa.

Constituída com capitais portugueses,

a Arjal viria a facturar 186 mil contos em 1986, dando emprego a 106 trabalhadores. Em 1989 já tinha 214 trabalhadores e facturava 1,4 milhões de contos, prevendo-se que este ano, com 220 empregados, facture 1,55 milhões. Em 1991, prevê-se que tenha 400 postos de trabalho e facture 4,3 milhões.

«O nosso objectivo futuro é continuar a desenvolver a Arjal até ao ponto de se converter, de uma empresa produtora de peças estampadas, numa empresa que projecta e propõe soluções técnicas de acordo com os seus próprios critérios, para as diversas exigências do mercado da indústria automóvel dos nossos dias», afirma António Silva.

Claudio Sguasini, por seu turno, concorda, dizendo: «A Arjal cresceu, não só em dimensão, mas sobretudo em nova tecnologia e assimilação de sistemas e métodos de organização e laboração, estando hoje apta a substituir-nos na gestão integral do estabelecimento».

A Arjal continuará a ter como principal parceiro comercial a Fiat, de Janeiro em diante negociando directamente com a casa-mãe as encomendas de peças.



Quatro empresas envolvidas no mesmo projecto

## Digital nas comunicações vai ter grande aumento

Já foi formalizado o adicional ao contrato assinado em Dezembro de 1986 que prevê a encomenda, a partir do próximo ano, de 1.250 milhares de terminais Digital EWSD, a fornecer nos próximos cinco anos, num investimento de cerca de 50 milhões de contos.

O adicional foi assinado entre as administrações dos Correios e Telecomunicações de Portugal -CTT e dos Tele-

fonos de Lisboa e Porto - TLP, com a Emptel e a Siemens.

O desenvolvimento da tecnologia digital aliado à redução dos custos de desenvolvimento destes sistemas permitem, como previsto na altura da introdução do «Digital» no país, que os preços-base agora negociadas sejam inferiores aos estabelecidos no anterior contrato. Por outro lado, mantêm-se as contrapartidas para os CTT e

TLP negociadas então com os fornecedores.

Segundo divulgado, o objectivo a atingir com as promoções dos contratos é a dotação das redes dos CTT e TLP de sistemas tecnologicamente avançados, permitindo a duplicação de números de telefones instalados, de forma a atingir, em 1996, uma densidade de telefones por habitante próxima das médias dos países comunitários.

## Mensagem no Porto

O Porto tem, desde há cerca de um mês, uma agência de comunicação, criada por uma equipa constituída por elementos provenientes das áreas do jornalismo e do «marketing». A Mensagem, é o seu nome, é dirigida pelo ex-chefe da delegação nortenha do Semanário Económico, Carlos de Sousa.

Nesta empresa, onde participam também Jorge Tavares, ex-Primeiro de Janeiro e Vítor Cunha, publicitário ex-Publmeios, há uma

estrutura profissionalizada que se propõe servir as empresas, as autarquias e os agentes económicos e culturais do Norte.

Segundo afirmado, a comunicação institucional, gestão e tratamento de imagem, assessoria de imprensa e consultadoria em «marketing» financeiro são as principais áreas de actuação da empresa, que adoptou como lema «o profissionalismo compensa».



Rua das Picoas, 10 - 1.º Dt.º - 1000 LISBOA (PORTUGAL) - Tels 57 62 42 / 57 63 68

Reconhecida pelo Ministério da Indústria e Energia,

No âmbito do Programa 5 do **PEDIP**

Missões de Produtividade como CENTRO DE COMPETÊNCIA

no domínio da **SEGURANÇA INDUSTRIAL**

- SEGURANÇA INDUSTRIAL
- HIGIENE E SEGURANÇA DO TRABALHO
- SEGURANÇA CONTRA INCÊNDIOS
- PLANOS DE EMERGÊNCIA
- MANUAL DE SEGURANÇA
- FORMAÇÃO EM SEGURANÇA INDUSTRIAL

### BOLETIM DE ASSINATURA

ASSINE O

**Diário de Lisboa**

NÃO PERCA NENHUMA EDIÇÃO!

Pretendo assinar a partir do dia \_\_\_\_ / \_\_\_\_ / \_\_\_\_ Pelo período de

|         |              |
|---------|--------------|
| 1 ANO   | — 18 000\$00 |
| 6 MESES | — 9 000\$00  |
| 3 MESES | — 4 500\$00  |
| 1 MÊS   | — 1 500\$00  |

Nome \_\_\_\_\_

Morada \_\_\_\_\_

Código Postal \_\_\_\_\_

Junto envio

☐ cheque

☐ vale do correio

• Números atrasados 70\$00 cada • Mudança de endereço 150\$00 • Por períodos mínimos de 6 meses poderá também assinar o «Diário de Lisboa» uma vez por semana, embora sempre a edição do mesmo dia da semana, sendo, para esse período, o preço de 1 850\$00 • Informação ao assinante: os preços acima indicados levam em conta que o jornal beneficia do porte pago postal no território nacional até 100 gramas, pelo que os encargos postais ali incluídos são apenas os do excesso de peso que todos os dias existe. Se por algum motivo este benefício for retirado, aqueles preços terão de ser imediatamente alterados em conformidade

Enviar para: **DIÁRIO DE LISBOA — Assinaturas**  
Rua Luz Soriano, 44 — 1200 LISBOA

## ECONOMIA

*Medidas  
enérgicas  
são exigidas  
à Agência  
Internacional  
de Energia  
numa altura  
em que  
o preço do  
«ouro negro»  
se mantém  
à volta dos  
40 dólares  
o barril*

## Entre o sonho (político) e a realidade (económica)...

...há uma distância.  
Ainda que as barreiras  
políticas vão ruindo,  
um fosso económico separa  
a CEE e o COMECON

PNB por habitante  
em dólares  
Números de 1988

16.000 - 21.000

|            |        |
|------------|--------|
| Dinamarca  | 21.000 |
| R.F.A.     | 19.810 |
| Luxemburgo | 17.027 |
| França     | 16.912 |

10.000 - 15.999

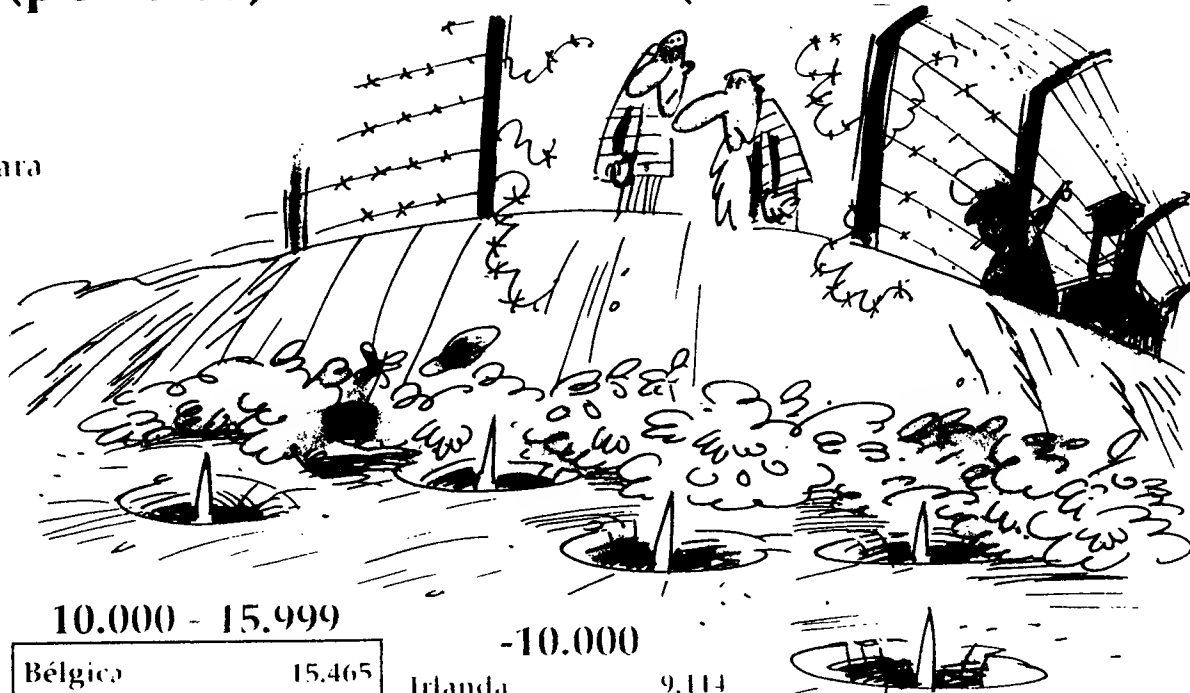
|                |        |
|----------------|--------|
| Bélgica        | 15.465 |
| Holanda        | 15.422 |
| Reino Unido    | 14.381 |
| Itália         | 14.306 |
| Checoslováquia | 10.192 |

-10.000

|          |       |
|----------|-------|
| Irlanda  | 9.114 |
| Espanha  | 8.702 |
| Hungria  | 8.642 |
| Bulgária | 7.674 |
| Polónia  | 7.185 |
| Romenia  | 6.565 |

Outros

|          |       |
|----------|-------|
| Grecia   | 5.260 |
| Portugal | 3.894 |



## Petróleo: reservas estratégicas podem vir a ser utilizadas

A Agência Internacional de Energia pediu aos seus 21 países membros para se prepararem para um eventual recurso às suas reservas estratégicas de petróleo, para equilibrar a oferta e a procura no Outono e evitar uma excessiva subida do preço do barril.

Esta organização reuniu-se em Paris numa altura em que o preço do petróleo continua a rondar os 40 dólares o barril, facto este que tem levado diversos analistas a exigir da Agência «medidas mais enérgicas».

Entretanto, em Londres, o ex-ministro saudita Ahmed Zaki Yamani, afirmou que o preço do barril poderá atingir os 100 dólares, caso as instalações petrolíferas da Arábia Saudita sejam destruídas em resultado de uma eventual guerra no Golfo.

Yamani, que actualmente dirige o Centro de Estudo Global do Petróleo, em Londres, frisou que o Iraque «minou todos os poços de crude do Kuwait e que os poderá destruir em qualquer altura».

Por outro lado, comentando os actuais preços do «ouro negro», disse que eles se devem à política seguida pelas companhias petrolíferas internacionais, que guardam as suas reservas, temendo que se registre um corte de petróleo nos mercados, em caso de guerra.

### Estabilidade

Entretanto, reunida em Paris, a Agência Internacional de Energia considera que a oferta e a procura de petróleo continuarão estáveis em Outubro, graças à produção

suplementar de alguns países da OPEP e ao recurso aos stocks comerciais.

Segundo um documento elaborado por esta organização, as reservas comerciais e a produção suplementar deverão assegurar as necessidades petrolíferas nos próximos seis meses.

Por seu turno, o secretário da AIE sublinhou que os desequilíbrios regionais são inevitáveis, no que diz respeito ao aprovisionamento de produtos refinados, caso a crise do Golfo se mantenha.

A AIE estima que a procura mundial, excluindo os países de economia planificada, se cifrará em 54,5 milhões de barris por dia, em média, no quarto trimestre do corrente ano.

Este nível de procura manteve-se estável relativa-

mente ao mesmo período de 1989, sendo, no entanto, inferior em 800 mil barris face às estimativas feitas antes da crise do Golfo. A procura de crude diminuiu em 500 mil barris por dia nos países da OCDE.

A Agência Internacional de Energia analisou também a situação dos produtos petrolíferos, não prevendo que se entre numa fase de penúria no seio da OCDE, excepto no caso de se registar um acidente numa refinaria ou se o próximo Inverno for muito rigoroso.

No entanto, acrescenta, as tensões vão continuar a sentir-se relativamente a certos produtos, como a nafta, o gásóleo ou o querosene, em virtude do encerramento das refinarias do Kuwait, que produziam 750 mil barris por dia.



Instabilidade continua no mercado do petróleo

## COMENTÁRIO

### Macroeconomia e envelhecimento

Num estudo recente do FMI foram simulados os efeitos das mudanças demográficas, tendo em conta o aumento esperado na proporção de idosos nas populações dos países industrializados. Para os próximos 30 anos estão previstas mudanças drásticas nas economias de alguns países, devido a tal facto, sendo os efeitos negativos mais rapidamente registados no Japão e na Alemanha, enquanto que os EUA e o Canadá não têm razões para se preocuparem a curto prazo, uma vez que a sua população actual é bastante jovem. Razões para estarem atentos têm as restantes nações europeias que têm, de há muito, uma população a envelhecer consideravelmente.

As mudanças demográficas podem causar significativas modificações nas variáveis económicas dos países industrializados. Em especial na próxima década pode ser esperada uma redução dos «deficits» dos Estados Unidos e os «superávits» do Japão e da Alemanha.

O envelhecimento de uma população produz alguns efeitos negativos sobre a economia, sendo mesmo um motivo de preocupação quando não detectados a tempo. O facto de passarem a ter menor força de trabalho pressupõe uma produção potencial mais baixa. Se, por um lado, uma população mais velha envolve menores gastos oficiais com a educação, em contrapartida envolve maiores despesas médicas. Os pagamentos de transferências dos Governos, sob a forma de pensões, aumentam com o número de aposentados.

Tais efeitos macroeconómicos são críticos para a formulação de políticas. Se há uma fracção maior de aposentados na população de um país, então uma menor população economicamente activa terá de produzir o suficiente para atender à procura global de bens e serviços. Além disso, a procura de serviços públicos, como pensões e atendimento médico, tende a aumentar, exigindo um maior esforço por parte do Estado.

Assim, para evitar a consequente quebra do padrão de vida das pessoas, ou os trabalhadores no activo terão de se tornar mais produtivos, ou terá de haver mais investimento em activos produtivos. Outra via poderá ser seguida mediante políticas fiscais, influenciando o caminho para o acréscimo de capital necessário para manter os padrões de vida face à redução da percentagem de população activa.

Torna-se cada vez mais urgente reflectir sobre esta questão, uma vez que pode causar graves problemas económicos e sociais, já que os principais alvos são os países industrializados, o que pode originar modificações alarmantes em termos internacionais.



Isabel Braz



Vitorino Dias: «É preciso sensibilizar os empresários e os gestores para investirem na higiene e segurança industriais»

«Muitos industriais continuam a considerar a segurança industrial como uma despesa que é preciso evitar e não como um investimento que tem como objectivo a qualidade, a produtividade e a rentabilidade», disse ao DL o engenheiro Vitorino Dias, director técnico

co da Certitecna, uma empresa credenciada pelo Ministério da Indústria e Energia como Centro de Competência na área da segurança industrial e do Pedip.

Segundo aquele engenheiro, existe muito desconhecimento neste sector. «Só há pouco tempo se começou

a falar desta problemática porque ela acompanha o desenvolvimento económico e cultural do país», considera Vitorino Dias.

Vivem-se, pois, os primeiros passos de um longo caminho que se tenta encurtar por exigências da CEE, recebendo-se dinheiro para

isso, através do Pedip e de outras instituições comunitárias. Até lá, os trabalhadores portugueses terão que suportar acidentes de trabalho que poderiam ser evitáveis se fosse efectuada uma correcta gestão dos riscos.

Sensibilizar e legislar são,

Industriais portugueses consideram e não como um investimento. Segundo o engenheiro Vitorino Dias,

## Segurança é chave d

por isso, na óptica de Vitorino Dias, as duas acções urgentes que é preciso levar a cabo na área da higiene e segurança industrial, condição essencial para o sucesso das empresas.

Partindo do princípio que é utópico acabar de vez com os acidentes de trabalho, não deixa de ser aceitável compreender-se que se podem minimizá-los substancialmente, defendendo deste modo a vida dos trabalhadores e melhorando o seu bem-estar quer a nível do local de trabalho quer no meio ambiente circundante.

Ao falar-se de segurança está implícito a abordagem de uma questão chave: a prevenção.

### Prevenir é preciso

Nenhuma empresa pode obter sucesso se não tiver uma visão correcta de como se devem gerir os riscos de acidentes graves. Minimizar o potencial de risco e evitar o acidente são dois dos objectivos prioritários.

Neste sentido, torna-se necessário limitar as quantidades de substâncias tóxi-

cas, inflamáveis ou explosivas, reduzindo as possibilidades de libertação accidental dessas substâncias perigosas, depois de uma identificação dos perigos e de uma avaliação exaustiva dos riscos inerentes à laboração das empresas e parques industriais.

Para a Certitecna, a defesa das populações faz-se através da definição de uma «política de localização industrial coerente e adequada», concretizada no controlo rigoroso das áreas de localização das indústrias perigosas «da responsabilidade da administração central e local, no quadro do licenciamento autárquico e urbanístico».

A redução da possibilidade de acidente verifica-se igualmente por uma adequada vigilância e controlo durante a «organização da segurança na empresa da responsabilidade do industrial e ainda pelo licenciamento e inspecção industriais, da competência da administração central e regional no âmbito do licenciamento industrial».

## Empresários desconhecem apoios do Pedip

### Programa Cinco incentiva produtividade e cobre investimentos no sector da segurança

Os apoios financeiros dados pelo Pedip às empresas para a solução das questões de segurança industrial ficam muitas vezes no segredo dos deuses, havendo um grande desconhecimento sobre esta matéria por parte de muitos empresários e gestores. Esta é a opinião de Vitorino Dias, engenheiro que trabalha na área da higiene e da segurança industrial.

O Programa Específico para o Desenvolvimento da Indústria Portuguesa, PEDIP, um programa de âmbito comunitário, dá às questões da segurança industrial um papel de relevo, destacando para o efeito apoio financeiro próprio.

Por meio da apresentação e aprovação de candidaturas, as empresas podem beneficiar desses incentivos cujo objectivo é solucionar as carências ou insuficiências numa área que em Portugal é frequentemente esquecida.

Este apoio financeiro incide quer sobre a segurança do pessoal, quer na segurança dos equipamentos e instalações industriais.

No âmbito do programa 5, que diz respeito à produtividade das empresas e à segurança industrial enquanto disciplina, algumas medidas são de destacar e não se pode dizer que os incentivos sejam pequenos, pois o apoio financeiro varia entre os 70 e os 100 por cento conforme as acções a desenvolver por firmas

e especialistas credenciados.

Assim, numa acção demonstrativa de como «incrementar a produtividade através de investimentos ou outras acções realizadas em empresas industriais com uma relação custo/benefício altamente favorável», num custo de 75 mil contos, o Pedip financia em 70 por cento. Uma acção de diagnóstico e projecto no valor de oito mil contos é financiado pelo Pedip em 80 por cento.

Para uma acção de divulgação da acção e de imitação da acção, cada uma no valor de cinco mil contos, o Pedip financia em 100 e 70 por cento, respectivamente.

No âmbito deste programa comunitário, as empresas podem ainda realizar acções nas áreas de «promoção da higiene e segurança do trabalho» e no «reforço da capacidade de gestão em empresas industriais».

São programas que se destinam a empresas industriais, associações sindicais e empresariais. Muitos dos financiamentos e intervenções dos programas comunitários não são aproveitados pelas empresas por desconhecimento, o que somado ao desinteresse de investir nesta matéria coloca o parque industrial português em desvantagem perante os parceiros da CEE.

R.F.S.

## Foi longe, não nos incomoda, a culpa não foi nossa, são frases da irresponsabilidade e da imprudência

Vários são os exemplos de acidentes industriais graves que aconteceram em partes distintas do mundo: Seveso, Bhopal, Basileia, Flixborough, Chernobyl, Feysin, Potchefstroom, entre outros.

Se a memória do homem é curta e esquece facilmente as catástrofes que aconteceram longe da sua porta, não é de alocutarmos aqui algumas dessas tragédias como prova de que toda a segurança é pouca quando se trata de preservar a vida humana.

São acidentes trágicos que fazem questionar o homem, o mesmo que descobre uma vacina para salvar uma vida ou o que consegue poisar sobre a Lua.

O desastre de Seveso, em Itália, ocorrido em 1976, que veio dar origem à normativa 82/501 da CEE, ficou a dever-se a uma fuga accidental depois da explosão num reactor pressurizado que originou a produção de dioxina.

Uma área de cerca de 20 quilómetros quadrados foi evacuada. Habitações e solo teve que ser demoradamente descontaminado. Não houve mortes no momento, mas o problema do aborto foi longamente discutido.

Se Seveso é considerado como um exemplo clássico para os estudiosos da segurança industrial e se Chernobyl é apontado como um exemplo acabado dos perigos da alta tecnologia moderna e do nuclear, cuja extensão das consequências ainda está por apurar na sua totalidade, muitos já esqueceram certamente o nome de Bhopal ou de Basileia, duas das maiores catástrofes industriais de sempre.

### Milhares de mortos

Bhopal, Índia, 1984: 2500 mortos, 200 mil

## Bhopal catástrofe

intoxicados, milhares de feridos e mutilados. A origem do acidente ficou a dever-se a uma fuga de isocianato de metileno, gás altamente volátil e inflamável, de um reservatório de armazenamento de uma fábrica de pesticidas.

Deficiências de equipamentos, falhas de manutenção, anomalias dos sistemas de segurança, ausência de inspecção e controlo aliada à falta de informação, formação e planeamento, são causas directas do acidente.

Basileia, Suíça, 1986: 300 mil pessoas em risco de vida, obrigadas a ficar em casa de portas e janelas fechadas, sem poder consumir água, o rio Reno envenenado e morto numa extensão de 10 mil quilómetros, com consequências ecológicas trágicas para a fauna e flora da Alemanha, Holanda e França.

O acidente teve origem num incêndio de uma instalação de armazenamento de produtos químicos, a quatro quilómetros do centro de Basileia. 1250 toneladas de produtos inflamáveis, entre óleos, corantes, fungicidas, insecticidas e pesticidas constituídos por derivados de mercúrio foram deramadas no Reno.

Nuvens de gás em chamas subiram a 80 metros e bidons de 200 litros de produtos perigosos rebentaram acima das chamas e espalharam-se pelos arredores.

Estes dois exemplos, Bhopal e Basileia, ilustram bem, ao lado do recente Chernobyl, os perigos das indústrias químicas e petrolíferas do mundo moderno e devem fazer meditar quem é responsável directa e indirectamente pelas vidas humanas e pelo meio ambiente.

R.F.S.

## ECONOMIA

deram higiene e segurança industrial como uma despesa. Sensibilizar e legislar está na ordem do dia, disse ao DL torino Dias, director técnico da Certitecna

# Segurança industrial de sucesso

explo-  
sensibil-  
dental  
perigo-  
entifi-  
uma  
os ris-  
das  
indus-

defesa  
e atra-  
uma  
in-  
adequa-  
con-  
deas de  
ústrias  
sensibil-  
do cen-  
do do  
uico e

sensibil-  
fica-se  
a ade-  
contro-  
ção da  
da da  
indus-  
cencia-  
indus-  
da ad-  
e regi-  
cencia-

Deve-se, segundo os responsáveis da Certitecna, proceder «à elaboração de planos de emergência e à informação das populações sobre os perigos a que se encontram expostos, cujos cuidados estão sob a alçada dos organismos oficiais de protecção civil».

## Que protecção que legislação

Na década de setenta, os países membros da CEE elaboraram um texto de direito comunitário sobre a matéria em causa cujo objectivo principal era «limitar as consequências dos acidentes graves para o homem e para o meio ambiente».

Foi, na altura, reconhecida a necessidade de levar à prática uma metodologia complementar da clássica intervenção no âmbito do licenciamento industrial, numa perspectiva geral de protecção aos trabalhadores e equipamentos e controlo dos factores poluidores do meio ambiente.

Na década de oitenta esta metodologia foi aperfeiçoada nos países industrializa-

dos nomeadamente no sector das indústrias química e petrolífera, tendo sido consubstanciada na directiva comunitária 82/501 da CEE, conhecida por Directiva Seveso, a qual diz respeito «aos riscos de acidentes graves de certas actividades industriais».

Esta directiva foi aprovada no Conselho de Ministros do Ambiente de 24 de Junho de 1982, mas foi posta em prática a nível comunitário a partir de 1984, com «uma filosofia e procedimento comuns de segurança na indústria no respeitante à prevenção dos grandes acidentes de origem química», garantindo, por outro lado, «uma política global que visa garantir que os mais elevados padrões de segurança são aplicados, em todas as fases, de modo a assegurar uma efectiva prevenção dos riscos industriais graves».

Esta directiva sofreu em Março de 1987 uma primeira adaptação ao progresso técnico que consistiu numa revisão no que respeita às substâncias perigosas a que se aplica. É uma directiva

que vincula os poderes públicos nacionais ao «desenvolvimento de medidas específicas de controlo, informação e protecção das populações em caso de emergência» e a um mecanismo de troca de informação com a comissão das Comunidades, através da sua Direcção-Geral do Ambiente, «responsável pelo cumprimento do direito comunitário na área dos acidentes, trocas de experiências e novos desenvolvimentos no tocante à prevenção».

Foi esta filosofia que deu origem em Portugal, no ano de 1987, dentro do plano de aproximação orgânica à Comunidade, ao decreto-lei 224/87 de 3 de Junho sobre prevenção de acidentes industriais graves. Foi neste sentido criada a ATRIG, Autoridade Técnica de Riscos Industriais Graves, de composição interministerial e multisectorial dependente da Secretaria de Estado do Ambiente, através da Direcção-Geral da Qualidade do Ambiente.

Rui Ferrelra e Sousa

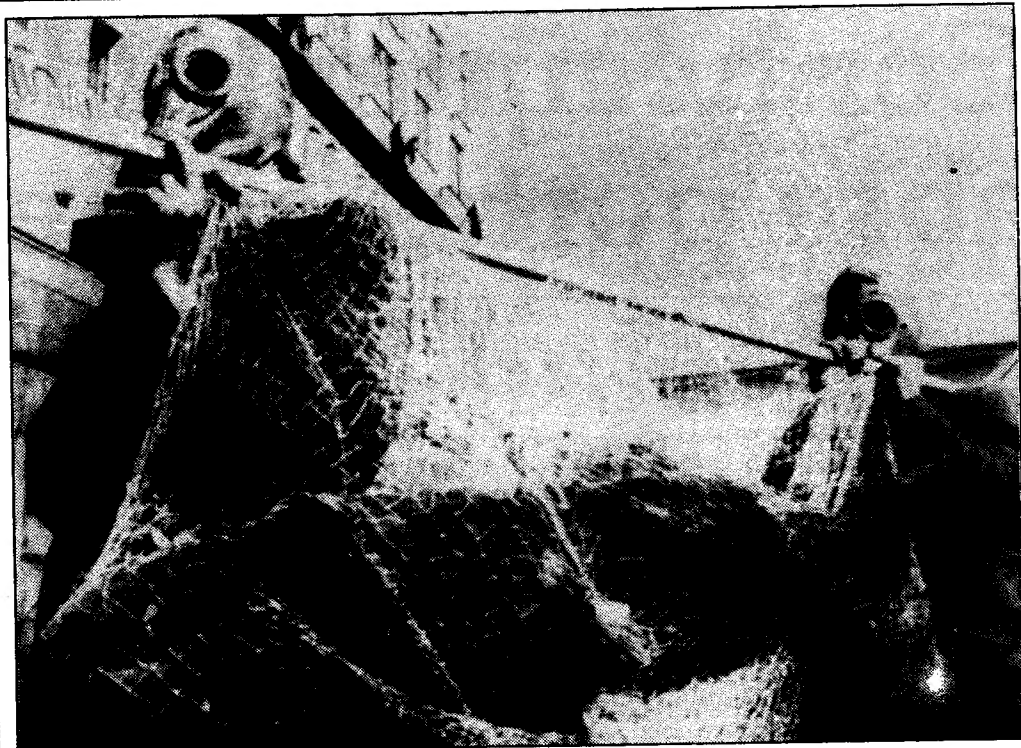
## Pal, Basileia e Chernobyl: strofes sempre presentes

utilizados.  
e a uma  
tamente  
tório de  
e pesti-  
lhas de  
mas de  
controlo  
nação e  
do aci-  
soas em  
casa de  
er con-  
e morto-  
ros, com  
para a  
Fran-  
ndio de  
de pro-  
etros do  
de pro-  
orantes,  
a consti-  
am der-

am a 80  
produtos  
hamas e

Basileia,  
ernobyl,  
s e pet-  
em fazer  
indirec-  
meio am-

R.F.S.



Falta de segurança pode originar acidentes graves

*Alguns empresários acham que pelo facto de terem apólices de seguros ficam ao abrigo da ocorrência de sinistros, não levando à prática uma segurança integrada nas empresas*

## Choques tecnológicos causam acidentes industriais graves

O desnível existente entre o débil avanço tecnológico de um país em vias de desenvolvimento e a instalação de equipamento industrial sofisticado importado cria choques que podem acabar em acidentes graves.

As margens de risco crescem com a utilização de materiais perigosos e muitas vezes não se efectua uma correcta segurança alargada aos diferentes sectores da empresa, ou seja uma segurança integrada de nível elevado.

O engenheiro Bouza Serrano, director-geral da Certitecna, define segurança como «uma actividade interdisciplinar e plurisectorial que se ocupa da identificação e da avaliação dos riscos inerentes a cada actividade específica e da sua minimização, eliminação ou controlo», acrescentando, por outro lado, que a palavra segurança «abrange tudo aquilo que trata de situações potenciais de perigo».

Se se comparar uma caldeira da época da revolução industrial a carvão com as modernas a fuel, gás ou com uma central nuclear para produção de energia, constata-se que os riscos devem ser medidos pela evolução tecnológica.

Os parques industriais são hoje mais complexos e exigem regras de segurança altamente sofisticadas. Muitos acidentes resultam do desequilíbrio entre máquinas, equipamentos e meio fabril.

«Seria totalmente errado pensar que a segurança industrial e a sua inserção na empresa tem apenas uma componente técnica. O factor humano é fulcral e várias são as componentes na segurança industrial: as relações humanas, atitudes psicológicas perante os acidentes de

trabalho, aspectos de formação profissional, motivação e sensibilização às causas de insegurança», escreve Bouza Serrano, num documento publicado pela Certitecna.

### Novos riscos

Sublinha aquele engenheiro que existe cada vez mais a necessidade de «conjugação a prevenção clássica com novos riscos, obrigando um espaço de imaginação com o objectivo de preservar o homem na sua integridade física, económica e social bem como o meio ambiente que o rodeia».

O mundo moderno, de facto, «potencializou» uma série de riscos: acesso a equipamentos sofisticados, utilização de potentes fontes de energia, uso de materiais novos e pouco testados, grandes dimensões na armazenagem, transportes mais perigosos.

Falar de segurança nos dias de hoje implica fazer uma abordagem desta problemática em duas perspectivas: a interior virada para os trabalhadores e instalações e a exterior virada para a protecção das populações vizinhas e do ambiente.

Ninguém pode alhear-se deste problema. Muito menos se aceita que um empresário, um gestor ou um outro qualquer quadro ou operário de uma empresa diga: «Segurança, isso não é comigo!».

Por outro lado, alguns empresários consideram que o problema da segurança industrial está resolvida através de uma apólice de seguros e por acharem que «os seus processos de fabrico e os produtos que utilizam» são de confiança.

Nesta relação agência de seguros e empresa reina por vezes uma grande impru-

dência, como salienta Bouza Serrano, subestimando-se os factores de risco de acidente grave.

### Diálogo sim imprudência não

Segundo este engenheiro, impõe-se «um diálogo entre empresários ou associações que o representam e legisladores no sentido de estabelecer uma legislação de segurança realista que possa ser posta em prática de imediato».

A segurança nas empresas nasceu nos departamentos de pessoal, os quais tratavam das questões das baixas, dos acidentes de trabalho e do relacionamento com as companhias de seguros. Criaram em seguida secções de combate a incêndios e à segurança geral das instalações, controlo de acessos, roubos. Começou-se, por outro lado, a debater as queixas contra os ruídos, vibrações e poluição do meio ambiente.

Os serviços de medicina preventiva iniciaram a sua acção e os diversos sectores das empresas de um modo ou de outro se interessaram pela melhoria do bem-estar dos trabalhadores e do ambiente à volta das empresas.

Daí se chegou à conclusão que é imprescindível a unificação dos pequenos sectores de segurança num único departamento independente, directamente ligado à direcção das empresas e que estabeleça rapidamente a ligação entre ela e os departamentos de pessoal, produção e manutenção. A isso se chama a Segurança Integrada e é através da sua prática que se podem evitar acidentes graves e melhorar a qualidade da vida e do trabalho do homem.

R.F.S.

# Conhecimento de idiomas abre portas ao negócio

*A internacionalização da economia exige cada vez mais a liquidação do «analfabetismo» linguístico. A Expolingua procura sensibilizar empresas e cidadãos para as crescentes necessidades de uma boa comunicação*

Os bons investimentos decidem-se falando inglês. Só é necessário «gritar» um pouco mais alto para tudo se decidir. No entanto, cerca de 44 por cento das grandes empresas britânicas perderam bons negócios devido aos seus gestores desconhecerem outros idiomas que não o seu.

Esta realidade comprova a necessidade vital da aprendizagem de várias línguas, como parte integrante do plano de negócios de qualquer empresa comunitária, tendo em vista o mercado único europeu.

A CEE, compreendendo a necessidade e urgência do factor comunicação entre os

12 países membros, decidiu apoiar o ensino «preferencial» de duas ou três línguas estrangeiras de modo a facilitar o diálogo no mundo dos negócios.

Este apoio tem por base a noção de que a Europa «está muito mais preparada para a integração financeira e económica, em geral, do que para o multilinguismo», diz o fundador e organizador do certame Expolingua Portugal, Renato Borges de Sousa.

«Pretende-se, assim, que cada europeu fale na sua língua, seja entendido pelo seu interlocutor e, seguidamente, compreenda o que lhe é respondido noutro idioma»,

acrescenta.

Neste sentido, realiza-se em Lisboa, a partir de hoje, o 2º Salão Português de Línguas e Culturas, que tem como grande tema a formação linguística enquanto elemento essencial de qualidade profissional no espaço europeu. O seu programa vai no sentido de fazer da «lusofonia uma língua de negócios».

Para tal, a Expolingua tem por base o multilinguismo e o multiculturalismo como espaços de diálogo, versando temas como ciência, tecnologia e cultura, a comunicação nas pequenas e médias empresas da Europa, formação profissional e aprendizagem

de línguas, entre outros temas.

Quanto à situação nacional, Borges de Sousa disse que, sendo o português a quinta língua mais falada no mundo e a terceira no Ocidente (cerca de 200 milhões de pessoas expressam-se neste idioma), a capacidade de Portugal intervir neste sector «é enorme».

De facto, explica, a indústria em torno da aprendizagem da língua é muito importante, «bastando pensar no pessoal (professores) bibliografia e editores» e compreender que o volume de negócios é de «muitos milhões de contos».

Apesar desta certeza, «até há pouco tempo, em Portu-

gal, não havia a ideia do português como língua estrangeira, sabendo-se, à partida, que é um idioma cada vez mais procurado por estrangeiros devido às áreas geográfico-económicas que abrange, nomeadamente em África e no Brasil».

Borges de Sousa acrescenta que, sabendo-se que o que faz mover o mundo é a economia, é necessário preparar o profissional desse universo para uma realidade pré-existente, já que o agente de uma multinacional instalada num determinado país precisa de saber a língua local para ser aceite e, consequentemente, desenvolver a sua actividade.

Nesta base, diz, algumas centenas de estrangeiros encontram-se a aprender o português para «fazer coisas, já que as pessoas não estão motivadas para assimilar um idioma apenas por questões culturais, mas sim para realizar algo».

Borges de Sousa considera ainda que «é analfabeto» o europeu que em 1993 só fale uma língua. Por outro lado manifesta dúvidas sobre se o cidadão português estará preparado neste domínio, embora acredite que ao nível empresarial o problema seja menos sentido.

Pedro Fernandes/Lusa

*Para actuar nos mercados internacionais*

## Espanhóis e portugueses convidados a «casarem-se»

Enquanto que em Madrid o secretário de Estado do Comércio Externo, Neto da Silva, propunha a realização de «casamentos empresariais» luso-espanhóis, para actuação nos mercados nacionais, comunitários e de países terceiros, em Matosinhos, empresários de ambos os países reuniram-se para «encontrar soluções que visem minimizar os efeitos dos desafios de 1993 em alguns sectores-chave».

Neto da Silva falava num seminário sobre o papel de Portugal e Espanha no contexto dos países ACP (África, Caraíbas e Pacífico) integrado nos preparativos da exposição industrial portuguesa que se realiza em Madrid na última semana de Outubro.

Este membro do Governo apelou às organizações empresariais portuguesas e espanholas para criarem «agências matrimoniais» para formar joint-ventures para penetração nos respectivos mercados internos, comunitários, da América Latina, Extremo-Oriente, África, bacia do Mediterrâneo e países do Leste.

«Temos uma ligação histórica, e não apenas empresarial, de avançar para estes mercados e sermos interlocutores de uma nova política para o Sul, que não será a da CEE, no seu conjunto, nem a dos Estados Unidos», disse Neto da Silva.

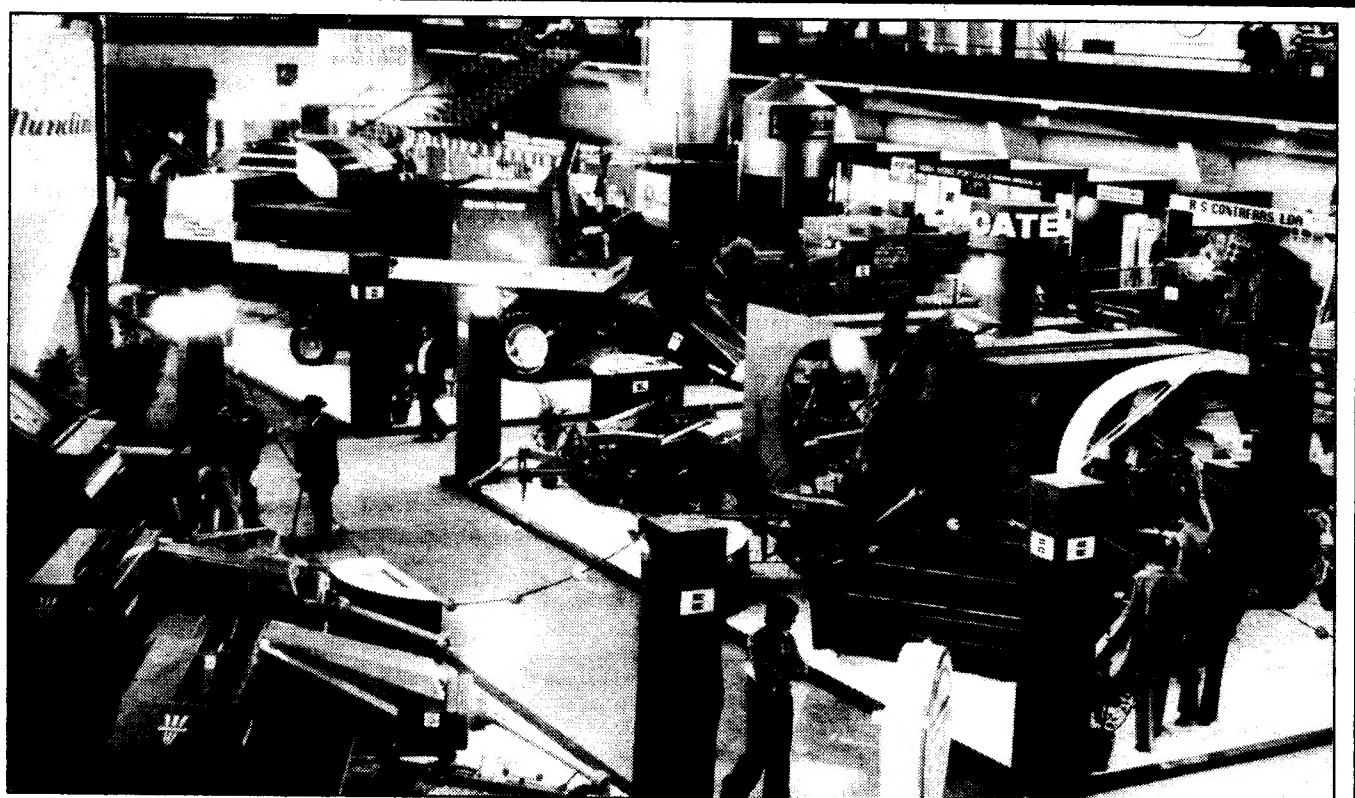
### Partilhar

Entretanto, em Matosinhos, empresários espanhóis e portugueses «planeavam para competir», discutindo e partilhando experiências que constituem «a base de um planeamento estratégico eficaz», segundo explicou Eduard Gisbert, presidente da associação espanhola da Maquinaria de Construção.

Estavam representados no encontro os sectores têxtil, eléctrico, agro-alimentar e de transformados de plástico e borracha, considerados como «segmentos vitais das economias portuguesa e espanhola» e que se debatem com problemas, na perspectiva de 1993, que exigem «um melhor entendimento entre industriais e associações de empresários para os resolver».



Neto da Silva apela à cooperação empresarial luso-espanhola



Certames são importantes para a projecção das empresas no exterior

## Internacionalização das empresas passa por presença em feiras

Já se inscreveram 21 empresas portuguesas na 9ª Feira Internacional de Dakar, no Senegal, o maior certame comercial da África Ocidental e que este ano decorre de 29 de Novembro a 10 de Dezembro.

A participação portuguesa é promovida pela Associação Industrial Portuguesa e regista neste momento um aumento de 50 por cento em relação à anterior edição, realizada em 1988, em que estiveram presentes apenas 14 empresas nacionais.

O espaço destinado a Portugal cobre uma área de 350 metros quadrados e conta, entre outras, com empresas de construção civil, têxteis e confecções, computadores,

ferramentas, plásticos, mármore e granitos, indústria alimentar, equipamentos de gás e de ar condicionado, material eléctrico, máquinas agrícolas e calçado.

Neste certame vão estar representados 36 países dos cinco continentes. Esta feira tem a particularidade de representar os 16 países da Comunidade Económica dos Estados da África Ocidental, com uma população de 200 milhões de habitantes e detentora de importantes recursos naturais.

### Franchising

Entretanto, Portugal prepara igualmente a sua participação no Salão Internacional de Franchising, em

Valência, ponto de encontro e negócio entre franchisadores e franquistas, espanhóis e internacionais.

Paralelamente a este certame, decorrem duas iniciativas na área do mercado financeiro: a Euroinvest e o Salão Inversiones Inmobiliarias del Mediterráneo. A coordenação da participação portuguesa a estes eventos está a cargo da Ecorex, em colaboração com a Associação Portuguesa de Franchise.

### Feira de Taipé

Entretanto, diz o World Trade Center de Lisboa, teve êxito a presença portuguesa na Feira de Taipé (Taiwan), onde, em contacto com diversas altas entidades, foi

manifestado interesse no estabelecimento de joint-ventures em Portugal.

Acrescenta o WTC que igualmente no que respeita à exportação surgiram «óptimas perspectivas, tendo os empresários presentes aberto uma carteira de clientes de grande interesse».

Recorda-se que o World Trade Center de Lisboa, em colaboração com a estrutura homóloga de Taiwan, tem organizado missões económicas recíprocas, que culminaram agora com a presente na feira comercial daquele território do Extremo Oriente, em cujos mercados Portugal está a iniciar o relançamento da sua posição como parceiro económico.

## ECONOMIA

*Presidente do Governo Autónomo catalão defende alternativas à grande dependência de Madrid, o que passaria por uma maior ligação com uma região que sempre se afirmou com capacidade de «dar cartas» na economia espanhola*



Pujol defende um eixo ibérico para a Europa

O presidente do Governo Autónomo da Catalunha, Jordi Pujol, de visita Lisboa esta semana a Portugal, apesar de ter afirmado que não desenvolverá contactos específicos nesse sentido, garantiu que um dos temas que irá abordar será a constituição do eixo Portugal-Catalunha-Europa, já que considera que a esta será a melhor orientação para o relacionamento português com a «Europa rica».

Numa entrevista concedida a Manuel Lopes, da «Lusa», Pujol afirmou que as afinidades históricas entre Portugal e a Catalunha são uma das justificações para a criação deste eixo, admitindo que ele supõe uma vinculação mais forte de Lisboa e do Norte de Portugal com Madrid, com base no pressuposto de que o maior surto de desenvolvimento económico se regista na Europa Central, Norte de Itália e Sul de França, com projecção na Catalunha e em Valência.

A opção por este eixo significaria uma remodelação das prioridades ou vias preferenciais tradicionais de relacionamento de Portugal com

a Europa, que passam pelo eixo atlântico, sabendo-se que Portugal tem defendido a prioridade da criação de eixos de comunicação ferroviária

# A europeização de Portugal num eixo com a Catalunha

e terrestre pelo Norte do país, sem passar por Madrid e unindo o Centro e Norte, via País Basco, com o Oeste de França.

Um acordo estabelecido pelos ministros dos Transportes dos dois países, sobre os eixos ferroviários de interesse comunitário, decidiu que as prioridades seriam Lisboa-Madrid-Saragoça-Barcelona, Sul de França e Lisboa-Porto-Vilar Formoso-Irun-França, enquanto as regiões Centro e Norte participam no chamado eixo atlântico que, liderado pelo Governo Autónomo basco, envolve as regiões francesas do Oeste, como a Aquitânia, e espanholas, como Castela e Leão, Astúrias e Galiza.

A opção de Pujol, que obrigaria ao reequacionamento das relações de Portugal com a Europa e, especificamente, com Espanha, surge pouco tempo antes da prevista reunião em Victoria, no País Basco, em finais deste mês, daquelas

regiões, que irão avançar com o eixo atlântico, por contraponto ao mediterrânico. A defesa da opção atlântica pelo Norte de Espanha é, de certa forma, uma maneira de fugir ao reconhecimento da dependência em relação a Madrid.

## Contactos em Portugal

Jordi Pujol visita Portugal até ao próximo dia 4, devendo ser recebido pelo Presidente da República, pelo Primeiro-Ministro e pelo ministro da Indústria, estando igualmente agendados dois seminários sobre o investimento da Catalunha em Portugal e reuniões com empresários de Lisboa e Porto, para além de visitas a diversas empresas de capital catalão instaladas em território português.

Nesta visita, que se reveste de um conteúdo político, já que se insere no programa de projecção da Catalunha no exterior, Jordi Pujol não deixa de ser acompanhado por uma

delegação de 53 empresários, que pretendem desenvolver relações económicas e comerciais entre Portugal e a Catalunha.

Em declarações feitas à «Lusa», Pujol, que justifica o facto de ainda não ter visitado Portugal como presidente da Generalitat «por não haver condições», reconheceu haver «muitos catalães interessados em Portugal» e que as relações entre este «e a Catalunha têm sempre uma certa complexidade».

«Somos duas regiões não castelhanas da Península, falamos línguas diferentes e ambos nos tornámos independentes de Castela», afirmou o dirigente catalão, para quem é inevitável uma comparação histórica entre Portugal e a Catalunha, afirmando mesmo que «se Portugal não tivesse consolidado a sua independência, talvez ainda hoje tivesse os mesmos problemas que a Catalunha tem em relação a Madrid».

## Mercados do Leste europeu interessam a Portugal

*O ministro do Comércio considera que eventuais riscos não devem ser obstáculo ao aproveitamento das «boas oportunidades»*

Os países do Leste europeu «constituem uma zona de dinamização do comércio internacional, com uma abertura crescente das importações e das exportações para áreas não tradicionais», afirmou o ministro do Comércio, Faria de Oliveira no seminário «As PME grossistas e do comércio internacional e os mercados do Leste», que decorreu no Estoril no passado fim-de-semana, organizado pela Federação do Comércio Grossista Português.

Para Faria de Oliveira, os grupos e as empresas portuguesas não devem ficar de fora «da frente Leste», devendo procurar uma área de extensão geográfica natural para as suas actividades, «pela criação de redes de comercialização e distribuição de produtos que, por efeitos de antecipação, poderão criar situações estruturais de forte implantação no futuro».

Paralelamente, acrescentou, os países do Leste podem constituir, também, um espa-



Investir hoje no Leste para garantir posição nos futuros mercados

ço para a criação de *joint-ventures* ou outras formas de co-operação empresarial com empresas portuguesas que disponham de *know-how* e capacidade tecnológica correspondentes às exigências daqueles mercados. Faria de Oliveira tinha já lembrado que Portugal está «numa posição privilegiada na Europa para compreender as dificuldades que se colocam àqueles países, mas também para «proporcionar contributos que evitem erros e permitam encurtar caminhos».

Não deixou, contudo, de afirmar que «há que ponderar vários riscos», uns associados a razões de ordem política, outros a motivos de ordem comercial e financeira. Mas insistiu que eles não devem ser obstáculo a que se aproveitem as «boas oportunidades».

### Novo apoio

O ministro Faria de Oliveira anunciou na altura que o Governo decidiu criar uma nova linha de apoio, a fundo perdido, destinada às asso-

ciações do comércio grossista.

Segundo disse, o apoio «assume a forma de subvenção financeira directa a fundo perdido e tem por objectivo contribuir para o apetrechamento das associações em equipamentos de comunicação e material informático».

Esta medida surge na sequência da linha de apoio financeira à modernização das estruturas associativas do comércio retalhista, já concedida e que atinge os 200 mil contos.

## COTAÇÕES

Companhia Geral de CRÉDITO PREDIAL PORTUGUÊS

(Por Unidade)

| COTAÇÕES DE NOTAS                     | COMPRA | VENDA  |
|---------------------------------------|--------|--------|
| ÁFRICA DO SUL (rand) .....            | 45390  | 51390  |
| ALEMANHA FED. (marco) .....           | 87395  | 89315  |
| AÚSTRIA (xelim) .....                 | 12350  | 12370  |
| BÉLGICA (franco) .....                | 43078  | 43328  |
| BRASIL (cruzado) .....                |        |        |
| CANADÁ (dólar — notas de 1 e 2) ..... | 118340 | 10390  |
| (notas de 5 a 1000) .....             | 118390 | 11340  |
| DINAMARCA (coroa) .....               | 23300  | 23340  |
| ESPAÑA (peseta) .....                 | 13368  | 13488  |
| EUA (dólar — notas de 1 e 2) .....    | 136345 | 139395 |
| (notas de 5 a 1000) .....             | 136395 | 140345 |
| FINLÂNDIA (marka) .....               | 37305  | 37365  |
| FRANÇA (franco) .....                 | 26325  | 26395  |
| HOLANDA (florim) .....                | 78300  | 79310  |
| IRLÂNDIA (libra) .....                | 237320 | 241320 |
| ITÁLIA (lira) .....                   | \$107  | \$122  |
| JAPÃO (iene) .....                    | \$954  | \$1009 |
| NORUEGA (coroa) .....                 | 22365  | 23315  |
| REINO UNIDO (libra) .....             | 258380 | 263330 |
| SUÉCIA (coroa) .....                  | 23385  | 24335  |
| SUIÇA (franco) .....                  | 106315 | 107365 |
| VENEZUELA (bolívar) .....             | 23398  | 33198  |

### OBSERVAÇÕES:

- 1 — No respeitante a a moedas, estas cotações devem ser consideradas a título meramente informativo.
- 2 — Todas as operações de venda estão sujeitas ao imposto de 6 por mil.

## ECONOMIA

Governo quer promover «processo de ajustamento» em 1991, reduzindo défice orçamental e inflação, mas modernizando o aparelho produtivo e preparando-o para a «especialização internacional»

# Petróleo condiciona evolução económica

A necessidade de levar a cabo um «processo de ajustamento» que concilie a estratégia de modernização e crescimento sustentado da economia é o grande mote das Grandes Opções do Plano para 1991.

Reconhece, no entanto, o Governo que este ajustamento está condicionado à evolução do preço do petróleo, o qual poderá acelerar ou travar o desenvolvimento económico português.

O referido processo será centrado na redução do défice orçamental e da inflação e visa permitir ao País «enfrentar com sucesso o desafio da União Económica e Monetária» e passa pela «modernização do aparelho produtivo português e das suas infra-estruturas físicas e institucionais, bem como pela preparação dos recursos humanos e por uma mudança de mentalidade «no sentido da especialização internacional».

Um aspecto importante na actual conjuntura, dominada pela crise do Golfo, é a intensão manifestada pelo Governo de actuar no sentido de reduzir a intensidade energética do crescimento, bem como de diversificar as fontes de energia primária.

## Ciência e tecnologia

Uma referência especial é feita, nas Grandes Opções do Plano, à área da Ciência e Tecnologia, sendo definidos sete domínios prioritários para o programa Ciência: tecnologias da informação e telecomunicações; tecnologias da produção e da energia; ciências e tecnologias dos novos materiais; ciência e tecnologias agrárias; biotecnologia e química fina; e ciências e tecnologias do mar.

Entre outras realizações prevê-se o lançamento dos trabalhos preparatórios para o arranque de Parques de Ciência e Tecnologia, um na região de Lisboa e outro na do Porto, que visam criar as condições para que em seu redor se instalem empresas nacionais e estrangeiras de sectores tecnologicamente intensivos.

Igualmente está prevista a criação do Instituto de Ciência e Tecnologias Química e Biológicas, que deverá ser um pólo de excelência na área da biotecnologia especialmente virado para a agricultura e para o sector agro-industrial.

Também serão lançadas as bases para o arranque de uma agência de inovação destinada a articular o sector empresarial, o sistema científico e o sistema financeiro, para proceder à valorização económica dos resultados da investigação quer nacional quer realizada no âmbito dos programas de investigação e desenvolvimento da CEE, estimulando a inovação e as transferências verticais de tecnologia.

Em 1991 será dado início ao processo de adesão de Portugal à Agência Espacial Europeia, organização que poderá abrir oportunidades científicas, tecnológicas e industriais de relevo, no âmbito da cooperação científica internacional.

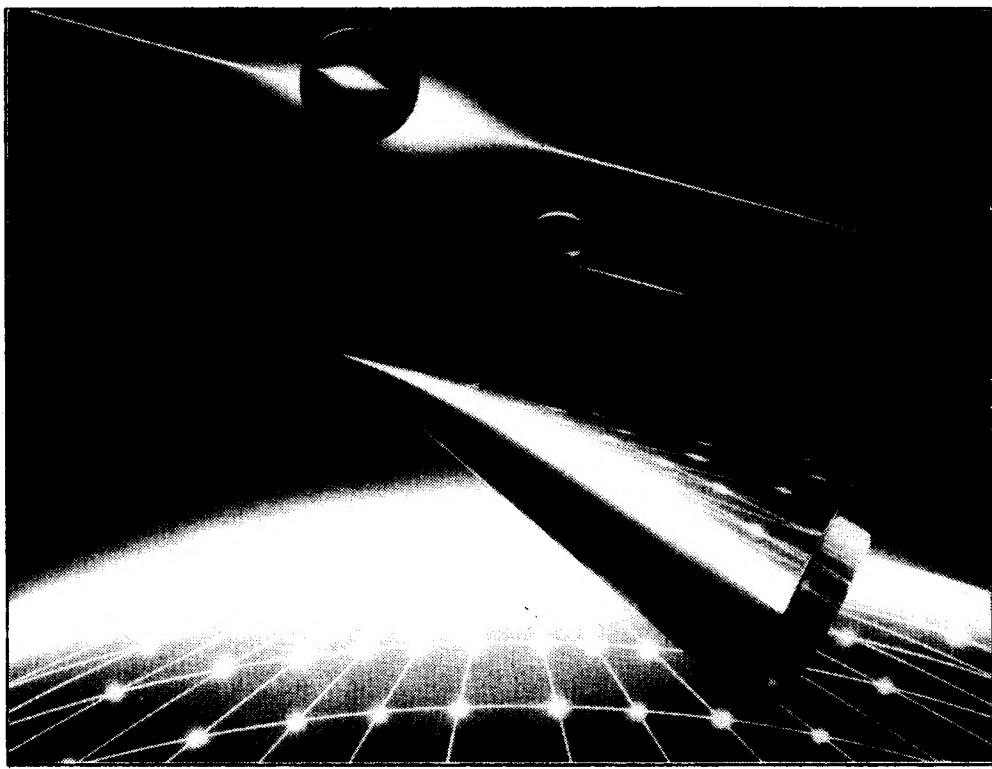
## Indústria

As Grandes Opções prevêem, com o apoio do PEDIP e dos fundos estruturais comunitários, a continuação de uma política orientadora e estruturante da indústria, assente nos seguintes vectores: modernização e diversificação da estrutura industrial, com os respectivos apoios financeiros e de infra-estruturas; e reforço das políticas de qualidade e de design industrial, inovação e desenvolvimento tecnológico, ambiental e energético.

Cinco áreas horizontais são apontadas como prioridade da política industrial portuguesa na década de 90: tecnologia, qualidade, design, ambiente (com introdução de tecnologias limpas na indústria) e recursos humanos (com formação de quadros altamente qualificados para a indústria).

Em termos sectoriais, são quatro as prioridades para a década: modernização e reestruturação das indústrias tradicionais; valorização industrial dos recursos naturais portugueses; desenvolvimento das tecnologias de informação e de electrónica; e desenvolvimento das indústrias de bens de equipamento.

Concretamente, em 1991, continuarão a ser proporcionados os apoios no âmbito do PEDIP, sendo contemplados em particular: o reforço das infra-estruturas de transporte e energéticas em zonas industriais e a implementação do centro de Dados Geológicos; o apoio à construção de infra-estruturas empresariais;



Portugal vai aderir à Agência Espacial Europeia

o apoio à instalação dos laboratórios metrológicos centrais e regionais.

Igualmente está previsto para o próximo ano o reforço dos centros tecnológicos da Metalomecânica, do calçado e da Cerâmica e do Vidro, bem como o desenvolvimento dos novos centros da Madeira e Mobilário, Cortiça, Têxteis, Curtumes, Rochas Ornamentais, Moldes, Plásticos, Alimentares, Ópticas e Artes Gráficas.

Também se pretende apoiar os institutos de novas tecnologias e os centros de excelência já constituídos, assim como o desenvolvimento de centros de transferência das unidades de demonstração e de centros de incubação nas áreas estratégicas da inovação e da energia e ainda fomentar a instalação dos pólos tecnológicos do Lumiar, de Ramalde e de Coimbra.

No que se refere às pequenas e médias empresas, as acções específicas a desenvolver incluem a actualização periódica do inventário das suas necessidades, a análise e promoção de medidas de apoio, designadamente apoio técnico e financeiro e, ainda, a promoção da criação de novas empresas através de acções de informação e sensibilização e da cooperação com outras entidades especialmente vocacionadas para o

efeito.

Será também lançado um Programa de Cooperação Industrial para as PME, através do qual se pretende dinamizar e reforçar as acções de cooperação entre as PME portuguesas em vários domínios (comercial, tecnológico, prospecção de mercados, etc.), com vista ao pleno acesso aos benefícios do Mercado Interno.

## Energia

A estratégia para a energia assenta na dupla vertente de satisfação das necessidades decorrentes do desenvolvimento económico e de aumento da eficiência do uso da energia, através da realização das políticas energéticas, de diversificação das fontes com redução da dependência em relação ao petróleo, destacando-se a implementação do projecto do gás natural, bem como do aproveitamento dos recursos naturais (incentivo à utilização de energias renováveis), da conservação e utilização racional da energia em todos os sectores da economia nacional, da racionalização e liberalização da estrutura do sector energético (preparando-o para a integração plena no mercado interno da energia).

Entre outras, serão prosseguidas as seguintes acções: realização de investimentos de aumento da produção e

de melhoria das redes de distribuição; construção do terminal de Setúbal com cais de recepção de navios metaneros, do gasoduto de transporte a alta pressão Setúbal-Braga e da rede de distribuição a baixa pressão; e autorização para a utilização dos gases de petróleo liquefeitos em veículos automóveis.

No âmbito da liberalização do sector: implementação de legislação relativa ao enquadramento regulamentar do exercício da actividade de produção, transporte e distribuição de energia eléctrica; alteração dos estatutos e reestruturação da EDP tendo em vista a abertura à iniciativa privada de alguns sectores de actividade da empresa; privatização da Petrol e reconversão da refinaria de Sines para melhorar a sua rentabilidade.

## Agricultura

No campo das explorações agrícolas integram-se, entre outras, as seguintes intervenções: reforço da capacidade das empresas agrícolas que se revelem economicamente viáveis; apoio à produção de produtos diferenciados e de alto valor comercial; alargamento da formação técnica e de gestão; consolidação e alargamento de serviços de índole privada e associativa; promoção dos níveis de desen-

volvimento das explorações através da implantação de novos regadios e recuperação de outros, correcção de estruturas fundiárias, construção de caminhos agrícolas e rurais, acções conducentes ao adequado fomento da motomecanização agrícola, etc.

No que se refere à transformação e comercialização de produtos agrícolas a política governamental visará: o desenvolvimento de condições necessárias à defesa de um nível elevado de auto-abastecimento e à penetração progressiva nos mercados; e a modernização e racionalização das unidades existentes, apoiando a vulgarização de novas tecnologias e o aperfeiçoamento e transparência dos circuitos de comercialização.

## Comércio

No que se refere ao sector do comércio, reconhece-se as suas debilidades estruturais, determinadas por um elevado número de unidades com escassa produtividade e que prestam um serviço de baixa qualidade, pelo que se torna necessário uma actuação especial.

Da acção a desenvolver destaca-se a implementação do Sistema de Incentivos à Modernização do Comércio, que proporcionará uma ajuda pública aos investimentos das pequenas e médias empresas comerciais, destinada sobretudo à aquisição de equipamentos e no âmbito da qual se privilegiam as acções de cooperação e de concentração empresarial.

Igualmente serão concedidos apoios financeiros às associações empresariais, tendo em vista estimular a divulgação da informação aos comerciantes, assim como reforçadas as verbas destinadas à formação profissional e promovida a revitalização dos circuitos de distribuição.

Igualmente várias acções estão previstas para dinamizar o comércio externo e fomentar o investimento estrangeiro, nomeadamente através de campanhas de imagem, melhoria da informação sobre Portugal e da sua capacidade de oferta, bem como sobre os mercados externos, realização de programas de diversificação de mercados, numa óptica de globalização, etc.



**LOJAS  
GRULA**  
A MAIOR REDE  
DE LOJAS DO RAMO  
ALIMENTAR DO PAÍS

Em cada uma das 2300 lojas GRULA  
compra melhor... e mais perto.

Há uma loja perto de si:

LISBOA • BEJA • BRAGA • COVILHÃ • SANTARÉM  
SANTIAGO DE CACÉM • SETÚBAL • PORTALEGRE • VILA  
VIÇOSA • AÇORES • MADEIRA